

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS**

LARISSA CELLA HIRAI FUJISAKA

**ENUNCIÇÃO E ATIVIDADE DE LINGUAGEM. O SUBSTANTIVO COMUM:
ESTUDO DE CASO E PROPOSTAS COM VISTAS À PRÁTICA DE ENSINO**

Guarulhos

2020

LARISSA CELLA HIRAI FUJISAKA

**ENUNCIÇÃO E ATIVIDADE DE LINGUAGEM. O SUBSTANTIVO COMUM:
ESTUDO DE CASO E PROPOSTAS COM VISTAS À PRÁTICA DE ENSINO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência da Universidade Federal de São Paulo, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Prof^a Dr^a Márcia Romero

Guarulhos

2020

FUJISAKA, LARISSA CELLA HIRAI

Enunciação e atividade de linguagem. O substantivo comum: estudo de caso e propostas com vistas à prática de ensino – Guarulhos 2020
127 f

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, 2020.

Orientadora: Márcia Romero

Título em inglês:

Enunciation and language activity. The common noun - Case study and propositions on teaching practices

1. Enunciação; 2. atividade de linguagem; 3. semântica; 4. substantivo; 5. ensino. Romero, Márcia, II. Título.

*Um dia, explicou [meu avô], eu passaria a ser capaz
de colocar as minhas próprias questões,
ofício mais difícil ainda do que procurar respostas.
Como se eu fosse o lado de cá e o lado de lá das coisas.
O lado de cá e o lado de lá do mundo.
Um cristal com emissão de luz para todos os sentidos,
para todas as direções.
Ponderávamos mistérios.
O meu avô dizia que as evidências
eram todas sustentadas por mistérios.
Criava jogos para inventarmos perguntas
só para ver se todas as perguntas teriam uma solução.
As mais absurdas talvez estejam adiadas,
só o futuro lhes saberá responder.
Inventar perguntas é aprender.
Quem não aprende tende a não saber perguntar.
(...)*

Valter Hugo Mãe

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu pai Oxalá e todos os Orixás, forças que me protegem e me permitem experimentar a vida de forma desafiadora, iluminada e cheia de potência. Por sempre abrirem meus caminhos e me guiarem nas dificuldades.

A meu avô, que sempre fez florescer em terras áridas.

À minha mãe, Ana Maria, que nunca mediu esforços para meu crescimento.

À Márcia, querida orientadora, por sua ética e amor pelo trabalho, que inspira todos a se debruçarem sobre a língua. Agradeço por me apresentar a beleza da pesquisa, por acolher minhas dificuldades e compartilhar conhecimento.

Aos professores da banca de qualificação, Renato Ambrósio e Marcos Cumpri, pela disponibilidade de leitura do trabalho e pelos apontamentos que orientaram minha escrita.

A todas as crianças que passaram e passarão por meus caminhos, pois me motivam a questionar sobre minha prática docente e me ensinam a cada dia sobre a criatividade na língua, a liberdade de “ser-se fiel” e o amor pela vida. A vocês, crianças e queridos alunos, meu muito obrigada por me inspirarem nessa jornada!

Ao meu companheiro de vida e estudos, Leo, por respeitar meus desejos e compreender minhas ausências, por tecer discussões importantes sobre a teoria, por construir comigo uma família e um caminho lindo de amor e respeito. Nem todos os dias são fáceis e, nesses, é sempre bom ter por quem continuar.

Às queridas colegas de discussões e pesquisa, Elizabeth, Camili, Suzi, Thatiana, Vanessa. As reflexões só foram possíveis por conta da paciência e parceria nas leituras. Obrigada por me receberem nessa caminhada. Deixo aqui uma lembrança especial a Elizabeth e Thatiana, colegas que, generosamente, me iluminaram tantos pensamentos.

À Carol, amiga-irmã, por uma vida inteira que me faz esquecer a distância que nos separa.

Aos meus amigos-família, Nicoli e Junior, por me acolherem, me cuidarem e me acalmarem em tempos tão difíceis.

À Deborah, irmã de alma, que sempre ofereceu colo e escuta. Agradeço por me ensinar a olhar para dentro, me incentivar a buscar minhas raízes e recomeçar sempre que necessário.

Às queridas amigas Camila, Erika, Fabiana, Vivian e Rogéria que a vida, gentilmente, me apresentou. Agradeço o tanto que me ensinaram em minha prática pedagógica e por todo apoio, carinho e torcida desde o início desse processo.

À Paula, Liamar, Daniela e Sibebe, que em muitos momentos me tomaram pela mão e me auxiliaram. Agradeço por todo apoio, por sempre verem em mim potência e incentivarem meu crescimento.

À CAPES, pelo apoio financeiro para o desenvolvimento deste trabalho.

A meus amigos e familiares que entenderam minhas faltas, apoiaram meu crescimento e torceram em cada passo meu. Obrigada por andarem ao meu lado, me lembrando dos caminhos de amor e carinho que posso trilhar por ter vocês.

A todos que vieram antes de mim, que escreveram histórias e traçaram caminhos, levantando teorias e possibilitando esse terreno rico de construção de conhecimento. Agradeço, igualmente, aqueles que virão após elaboração deste trabalho.

RESUMO

Inscrito no campo da Linguística da Enunciação, este trabalho tem por objetivo analisar o funcionamento enunciativo do substantivo CHAVE no português brasileiro, e, assim, contribuir com estudos voltados à descrição linguística de base enunciativa e ao (re)pensar de práticas de ensino no que concerne a classe dos substantivos. Para isso, propomo-nos a retrazar, no sistema linguístico, regularidades de funcionamento específicas à atividade de linguagem que, constitutivas do semantismo da forma a ser analisada, sustentam valores diversos em seus diferentes usos. A busca por tais regularidades, em seus desdobramentos, conduz a reexaminar propriedades semânticas que lhe são comumente atribuídas. Deste ponto de vista, o estudo visa a melhor cernir o potencial referenciador do substantivo, mais especificamente, de que modo o seu semantismo próprio permite compreender, de um lado, os diferentes valores que adquire ao se enunciar, de outro, os modos como esses valores se estabelecem na relação com o contexto. Disso decorre um exame mais aprofundado da subclassificação de base semântica de *concreto-abstrato*, comumente fundamentada em traços de significado vocabular a ser ou não subvertido no processo discursivo. A investigação tem como referencial teórico-metodológico a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, com destaque para os estudos de Franckel (2002), De Vogüé, Franckel e Paillard (2011) e De Vogüé (2013), que tratam de questões relacionadas à identidade semântica e aos princípios de variação nas línguas sob a ótica da abordagem enunciativa em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação; atividade de linguagem; semântica; substantivo; ensino

ABSTRACT

Enrolled in the field of Enunciation Linguistics, this work aims to analyze the enunciative functioning of the KEY noun in Brazilian Portuguese, and thus contribute to studies focused on the enunciative base linguistic description and the (re) thinking of teaching practices in what it concerns the class of nouns. For this, we propose to retrace, in the linguistic system, regularities of functioning specific to the language activity that, constituting the semantics of the form to be analyzed, support different values in its different uses. The search for such regularities in its developments leads to a reexamination of semantic properties that are commonly attributed to it. From this point of view, the study aims to better understand the potential referencing of the noun, more specifically, how its own semantism allows to understand, on the one hand, the different values it acquires when enunciating, on the other, the ways in which these values are established in relation to the context. This results in a more in-depth examination of the subclassification of the semantic base of concrete-abstract, commonly grounded in traces of vocabulary meaning to be subverted or not in the discursive process. The investigation has as a theoretical-methodological framework the Theory of Predicative and Enunciative Operations, with emphasis on the studies of Franckel (2002), De Vogüé, Franckel and Paillard (2011) and De Vogüé (2013), which deal with issues related to semantic identity and principles of variation in languages from the perspective of the enunciative approach in question.

Key-words: Enunciation; language activity; semantics ; noun; teaching.

Sumário

Introdução	10
CAPÍTULO I – Estudos gramaticais sobre o substantivo	14
1.1. Panorama geral dos estudos gramaticais	15
1.2. A vertente tradicional	17
1.3. A vertente funcionalista	23
1.4. A vertente funcionalista-cognitivista	26
1.5. Considerações preliminares.....	34
CAPÍTULO II – A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas	36
2.1. O sentido na trajetória da semântica	36
2.2. Referencial teórico-metodológico do estudo	40
2.3. Princípios fundantes.....	43
2.3.1. Os níveis de representação e a questão da invariância	43
2.3.2. Identidade semântica e valor semântico	51
2.3.3. A prática de reformulação controlada ou glosa.....	56
2.4. Considerações preliminares.....	58
CAPÍTULO III – Funcionamento semântico-enunciativo de CHAVE	59
3.1. Metodologia de coleta do corpus.....	60
3.2. A variação de CHAVE	63
3.3. CHAVE em seu funcionamento invariante.....	73
3.4. O domínio nocional e a construção de valores referenciais	81
CAPÍTULO IV – A TOPE E A CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO	85
4.1. O substantivo: uma breve retomada	86
4.2. Das propostas pedagógicas.....	89
Referências Bibliográficas.....	102
Anexos	106

Introdução

Nomear o mundo que nos cerca consiste em um dos nossos primeiros movimentos, pois é a partir do momento em que aprendemos a falar – e entender o que nos falam – que passamos a nomear e a significar a realidade à nossa volta. Afinal, “a linguagem é ela mesma um trabalho pelo qual, histórica, social e culturalmente, o homem organiza e dá forma a suas experiências” (FRANCHI, 2006, p. 47-48).

Os estudos voltados para a área da linguagem são múltiplos e, de modo geral, buscam entender o funcionamento das línguas naturais e o papel por elas desempenhado. Quando resgatamos o percurso dessa tradição, encontramos filósofos, linguistas, literários, gramáticos, bebendo, muitos, da fonte das ciências exatas e biológicas, estipulando princípios e investigando maneiras de explicar a multiplicidade e força que a língua possui. Hipóteses são levantadas que apontam para inúmeras direções, a fim de desvendar as regularidades e irregularidades do sistema linguístico.

Como exposto em Romero e Vóvio (2011), com a democratização do ensino e o processo de expansão das escolas públicas brasileiras, as instituições educacionais passam a abarcar grupos cada vez maiores e, conseqüentemente, heterogêneos de jovens estudantes. Carregados de histórias, estilos de vida e repertórios culturais variados, esses jovens adentram a sala de aula com muitos conhecimentos já estruturados a partir da interação com outros grupos de pertencimento, que estão para além da vida escolar. Constatam-se, com frequência, no embate entre conhecimentos trazidos e ofertados, questões relacionadas à qualidade de formação que a escola busca, porém, na maioria das vezes, não é capaz de oferecer aos aprendizes.

Admitir um trabalho cuidadoso e reflexivo valoriza não somente as culturas e identidades que há tempos encontram-se marginalizadas por não serem aceitas e permite, também, uma real análise sobre a língua: construções linguísticas, muitas vezes desconsideradas no processo de ensino, são compreendidas como permitidas e autorizadas pela própria língua. E isso nos conduz a perguntar o que explica os diversos sentidos construídos a partir da plasticidade das unidades.

Nessa perspectiva, ao considerar as múltiplas produções, orais ou escritas, é possível observar e investigar toda a maleabilidade e o potencial de abertura que constitui o sistema linguístico:

Há uma criatividade mesmo quando a linguagem se sujeita a suas próprias regras e há criatividade na construção das expressões mais simples e diretas em cada um de nossos atos comunicativos. Há criatividade até quando nada falamos e nos servimos da linguagem no solilóquio e no silêncio da reflexão em que reorganizamos os construtos anteriores da experiência (FRANCHI, 2006, p. 51).

Partimos do pressuposto de que todo enunciado é criativo, pois é produto de uma atividade de linguagem, por si só, criadora. A partir daí, estudar e trabalhar a gramática e o próprio falar dos sujeitos compreende uma série de operações e reflexões.

Tendo em vista a dificuldade de identificar, na realidade e formação dos sujeitos, o espaço oferecido para que cada aluno possa se utilizar da língua com autonomia, questionamos como concretizar tal educação de maneira significativa, considerando as particularidades e necessidades de cada grupo.

Adentrando no campo do ensino, comumente encontramos a dificuldade de professores e alunos no que diz respeito ao trabalho gramatical com a língua portuguesa. Quase como se fosse um terreno completamente desconhecido (o que torna todo o processo de aprendizagem um caminho cansativo, repetitivo e ainda voltado para o estabelecimento de classificações), a língua e a linguagem são trabalhadas tendo em vista que produzir bons textos requer, antes, desenvolver a capacidade de identificar sintática e morfologicamente as palavras da língua portuguesa.

O trabalho com os substantivos comumente é atribuído ao fato de relacioná-lo à classe de palavras com que “*nomeamos os seres em geral, e as qualidades, ações, ou estados, considerados em si mesmos, independentemente dos seres com que se relacionam*” (LIMA, 2011, p. 110).

Tal concepção evidencia contradições tanto no que diz respeito ao funcionamento linguístico quanto ao processo de ensino que, comumente, acaba por reduzir e confundir os alunos no processo de aprendizagem.

No primeiro capítulo – *Estudos gramaticais sobre o substantivo* – buscamos analisar e reconhecer como distintas abordagens gramaticais conduzem reflexões de ordem léxico-gramatical, bem como investigar se há

preocupação no trato da língua em uso e, conseqüentemente, na produção de sentido. Tal análise é feita a fim de compreender a trajetória de estudos e pesquisas até então elaboradas, por acreditarmos ser relevante conhecer sobre a tradição gramatical e o percurso por ela construído para chegarmos às concepções linguísticas que hoje se fazem presentes.

Com isso, são apresentadas cinco obras gramaticais: partimos da vertente tradicional, representada pelas obras de Lima (2011) e Cunha e Cintra (2013), já que muitas das práticas são pautadas, ainda, numa lógica normativista; passamos à vertente funcionalista-cognitivista, representada por Castilho (2016) e Camacho et al. (2014), cujas reflexões, voltadas para a língua em uso, conseqüentemente, trazem aprofundamentos sobre as relações lexicais, gramaticais e semânticas observadas na língua; e finalizamos com a vertente *funcionalista*, trabalhada em Bagno (2011), que discute os usos do português brasileiro contemporâneo sob bases da sociolinguística.

No segundo capítulo, apresentamos o referencial teórico que embasa a pesquisa: a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), desenvolvida por Antoine Culioli e, após breve consideração sobre a trajetória acerca do sentido nos estudos do campo da Semântica, desenvolvemos de que maneira o tema é tratado na teoria em questão. Com isso, buscamos entender os fundamentos da atividade de linguagem e, nesse sentido, exploramos as operações de representação que sustentam um jogo entre operações cognitivas e linguísticas. Discorreremos, desta forma, sobre o conceito de *noção*, compreendida como “feixe de propriedades físico-culturais que nós apreendemos através de nossa atividade enunciativa de produção e de compreensão de enunciados” (CULIOLI, 1999, p. 9), propriedades que tomam corpo, sempre sob uma ótica específica, através das representações linguísticas.

A partir de um trabalho metalinguístico de formalização do material empírico, recusamos o posicionamento comumente assumido de que as palavras são dotadas de traços semânticos inerentes e, na contramão de tal concepção, sustentamos a existência de uma identidade semântica das unidades que só é entrevista após minucioso trabalho de observação e manipulação das formas linguísticas, considerando a variação que daí decorre.

Tratamos, portanto, de explicar como se desenvolve a metodologia de análise que fundamenta o trabalho de manipulação dos dados, a saber, a *glosa*.

No terceiro capítulo, intitulado *Funcionamento semântico-enunciativo de chave*, elucidamos o caminho trilhado para a coleta e análise do *corpus* e apresentamos a variação de CHAVE, explorando seu comportamento nos múltiplos enunciados nos quais o marcador se manifesta.

Desta maneira, formalizamos a identidade semântica de CHAVE, em termos de *forma esquemática* (FE), apresentando os parâmetros de funcionamento que interagem e deixam evidente a maneira pela qual a unidade linguística se comporta nas ocorrências identificadas.

Por fim, no quarto capítulo – *A TOPE e a contribuição para o ensino* – tomando como base a proposta do Currículo da Cidade de São Paulo (2019) para o ensino da Língua Portuguesa, apresentamos algumas possibilidades de trabalho metalinguístico na sala de aula, ancorados em enunciados com a palavra CHAVE.

Nesse caminho, ao trazer, sucintamente, o documento que orienta as práticas de ensino, identificamos a defasagem entre o que se pretende ensinar e o que, de fato, se concretiza enquanto objeto de ensino. Destacamos, portanto que, para além de classificações morfossintáticas, é possível um trabalho reflexivo no campo gramatical que convide os alunos a pensar sobre seus falares, incluindo as diversas realidades linguísticas e incentivando a autonomia e criatividade dos aprendizes.

CAPÍTULO I – Estudos gramaticais sobre o substantivo

Toda prática traz em sua essência visões teóricas e ideológicas sobre o objeto que se pretende construir. Sendo a educação um dos caminhos indispensáveis para a formação dos sujeitos, entendê-la carregada de forças culturais, históricas e ideológicas é uma questão primordial para qualquer estudo que pretenda versar sobre o ensino.

Observa-se que, comumente, no que diz respeito ao trabalho desenvolvido no campo de ensino da língua portuguesa, este é atravessado por inúmeros questionamentos e dificuldades, tanto por parte daqueles que aprendem quanto por parte dos que ensinam.

Reconhecer tais dificuldades implica realizar um exercício de investigação e análise sobre as metodologias de ensino e, no nosso caso, as teorias gramaticais que embasam as práticas pedagógicas, a fim de compreender como diferentes vertentes teóricas tratam a língua e, mais especificamente, abordam o que vem a ser o sentido.

Partir, portanto, da revisão das obras possibilita a reflexão e domínio de conhecimentos sobre a linguagem, bem como a expansão de saberes relacionados ao funcionamento, formulação e circulação de textos. Orientamos, aqui, o olhar para o fato de que pensar sobre a língua é, primordialmente, uma reflexão de ordem linguística. Logo, antes mesmo de discutir sobre quais gramáticas são mais apropriadas para se debruçar e trabalhar sobre a linguagem, é necessário entender o funcionamento e as operações subjacentes ao sistema linguístico.

Isso nos leva a olhar qual concepção de língua sustenta as obras gramaticais abordadas neste trabalho, por meio de um conjunto de perguntas que vão desde conhecer como é concebida a relação entre língua e pensamento, bem como se se verifica algum tratamento conferido ao sentido nas construções léxico-gramaticais, até, por fim, compreender quais relações se estabelecem entre mundo e linguagem.

Vale dizer que Benveniste (1988) mostra o equívoco em se considerar a linguagem como instrumento, uma vez que assumir essa posição consiste em opor o homem à sua própria natureza, posto que a linguagem é da natureza humana. Partimos aqui, portanto, da observação de que é “na linguagem e pela

linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1988, p. 286) e, levando em consideração os questionamentos acima apresentados, discorreremos, neste momento, sobre algumas gramáticas e suas concepções acerca da classe dos substantivos.

Para tanto, realizamos neste primeiro capítulo, um estudo de cinco gramáticas brasileiras. Partimos da *vertente tradicional*, representada pelas obras de Lima (2011) e Cunha e Cintra (2013), que, apesar de bastante estudada em análises e apontada, por vezes, como uma abordagem já ultrapassada, ainda sustenta o fazer pedagógico, visto que muitas aulas de língua portuguesa, quando o assunto é a prática de análise linguística, apoiam-se na tradição gramatical; a *vertente funcionalista-cognitivista*, encontrada em Castilho (2016) e Camacho et al. (2014), que apresentam uma perspectiva com reflexões voltadas para a língua em uso e, conseqüentemente, aprofundamentos sobre as relações lexicais, gramaticais e semânticas e a *vertente funcionalista*, trabalhada em Bagno (2011), obra marcada por um forte viés político e pedagógico que discute sob bases da sociolinguística o português brasileiro contemporâneo, tendo em vista igualmente seus usos.

1.1. Panorama geral dos estudos gramaticais

A nova *episteme* constituída no final da Idade Média e início da Moderna caracterizou a forte presença do Homem como o centro das reflexões, o que marcou novos contornos sobre a relação mundo, linguagem e pensamento, até então estabelecidos. Ao passo em que significativos avanços nas ciências exatas e biológicas eram conquistados, ainda não se conferia a devida atenção à ciência das linguagens.

Contrapondo ao que fora estabelecido na Idade Média, em que todo o universo era uma criação de ordem divina, a Idade Moderna suscitou reflexões, dentre outros campos, de ordem linguística, que pretendiam desconstruir a visão teocêntrica determinada na era medieval. Nesse sentido, o signo linguístico, que até então era tratado como um símbolo, destituído de seu caráter de significação, passou a ser repensado e analisado sob novas perspectivas.

Descartes, orientando questionamentos que resultaram na revolução cartesiana, estabeleceu que o espírito e a matéria não fossem da mesma

natureza ontológica. Sendo nessa época o momento que se potencializava a busca pelo conhecimento da Verdade, a emancipação dos indivíduos passou a ser determinada com a descoberta através da razão:

Conhecimento de si, portanto, passou a ser a grande matriz dos saberes das humanidades na proporção equivalente em que a metafísica se transfigurou em metafísica da subjetividade e a linguagem ganhou prestígio ontológico. Ao lado disso, ergueu-se boa parte dos projetos de crítica à ciência clássica, dando lugar de destaque à linguagem como fabricante da realidade (PEREIRA, RATTO, 2011, p. 631).

Martins (2012) esclarece que para os empiristas como Locke, por exemplo, erguia-se um movimento cuja tríade *coisas do mundo, ideias e sons da língua* fosse dissociada, pois o signo não se assemelhava mais à sua significação. Nesse sentido, “linguagem e pensamento passam a ser, de fato, uma ‘linguagem mental’, isto é, um conjunto de signos criado pelo homem” (MARTINS, 2012, p. 606).

O que ocorre é que, sendo da vertente racionalista ou assumindo uma perspectiva empirista, esse novo olhar sobre as relações até então construídas colocava a linguagem como expressão do pensamento:

Essa nova concepção inscreve-se em uma reflexão que, na realidade, diz respeito principalmente às relações entre o pensamento e o mundo, a propósito da origem das ideias, da primazia do pensamento sobre o empírico para os racionalistas, ou da primazia do empírico sobre a estruturação mental para os empiristas. O que quer que seja desses debates, a linguagem, quer como instrumento secundário ou principal, é concebida como um *auxiliar* do pensamento. Seu papel é, sobretudo, o de permitir a elaboração das ideias gerais, tornando possível a designação, sob uma palavra única, do que corresponde a objetos múltiplos mais ou menos diversos (FRANCKEL, 2011, p. 33).

Tendo em vista o cenário de construção e mudanças epistemológicas, o Renascimento foi o momento pelo qual novas produções passaram a ser elaboradas, como dicionários e gramáticas de diversas línguas do mundo, deixando de ter como centro de referência o vernáculo europeu. Nesse sentido, alguns gramáticos começaram a se dedicar a observar suas próprias línguas, para além das línguas clássicas:

O interesse prático da gramática se estende da filologia (no sentido lato do acesso ao texto escrito), que é seu lugar de origem, em direção ao domínio das línguas, aí compreendidas as línguas maternas. A gramática se torna simultaneamente uma técnica pedagógica de

aprendizagem das línguas e um meio de descrevê-las. Este período vê igualmente o nascimento e o desenvolvimento (...) de teorias em seu conjunto extremamente poderosas em relação à linguagem humana (a gramática especulativa medieval e a gramática geral da época clássica) (AUROUX, 1992, p. 36).

Esse processo, intitulado como *gramatização*, transformou a construção e o acesso ao conhecimento e à cultura da época. Diferentemente do período medieval, na Modernidade a cultura ocupa lugar de destaque. O que significa, então, gramatizar uma língua? Em um determinado momento histórico, grupos humanos produziram instrumentos tecnológicos de controle político e cultural para a conformação social. A gramática entra nesse grupo de domínio do Estado e, ao mesmo tempo em que ensina e dissemina a cultura dos povos, formata e controla a existência de uma língua hegemônica. Assim, ela é enxergada como instrumento de controle social (antes mesmo de ser um dispositivo de conhecimento): as revoluções tecnológicas passam, primeiramente, pela possibilidade de produzir linguagem. Esse movimento comprova que o processo de gramatização é um instrumento que faz com que as forças centrípetas se mantenham no controle, embatendo as forças centrífugas de uma língua. Cabe reconhecer, aqui, que, atualmente, na nossa realidade brasileira, tal processo de dominação e busca por uma padronização linguística ainda permanece delimitando quem é aceito – ou não – nas práticas de ensino da língua portuguesa.

Com esse olhar, adentramos na análise da vertente tradicional, a fim de observar o embasamento teórico de cada obra selecionada para estudo.

1.2. A vertente tradicional

Foi no século XVII, como explica Franchi (2006), que a gramática normativa apareceu entre os estudiosos de Port-Royal, que, intitulados como gramáticos racionalistas, empenhavam-se em vincular o “bom uso da linguagem à arte de pensar” (FRANCHI, 2006, p. 17). Todo conhecimento diz sobre a realidade histórica pela qual se atravessa, e, nessa época, o que se refletia era uma íntima relação entre palavra, pensamento e coisas. Com efeito, considerava-se que apenas uma língua poderia ser dita “perfeita”: a que representasse, por meio de palavras, a verdade dos seres e das coisas.

Foi nesse contexto que a linguagem, contemplada enquanto expressão do pensamento, foi tomada como possuidora de um funcionamento único e correto das unidades da língua, a fim de padronizar os usos que dela fazemos. Logo, suas regras tinham por objetivo prescrever o “uso correto”, do “bem falar e escrever”, baseando-se como modelo para tais normas a língua culta e literária.

Lima (2011), em sua obra “Gramática normativa da língua portuguesa”, esclarece que:

[A gramática normativa] é uma disciplina, didática por excelência, que tem por finalidade codificar o ‘uso idiomático’, dele induzindo, por classificação e sistematização, as normas que, em determinada época, representam o ideal da expressão correta (p. 38).

Como ponto de partida, o autor justifica a soberania que a língua literária apresenta, por se manter na tradição de modelo adequado durante muito tempo na história. Sob a influência da Filologia e assumindo a busca pela exatidão na sistematização das normas na modalidade culta do português, Lima (2011) tem por objetivo encontrar um equilíbrio com as correntes vigentes da linguística moderna.

Considerando a língua como um sistema “organizado e opositivo de relações” (LIMA, 2011, p. 36), o autor pondera que tal sistema, por ser adotado por uma coletividade, ocorre em grupos sociais distintos (a depender de condições econômicas, políticas, culturais etc.) e, portanto, manifesta-se dentro da realidade de cada um. Para os gramáticos dessa vertente, isso é o que justifica a variedade linguística, os dialetos, estilo e usos idiomáticos. Destacamos aqui que, apesar de compreender a variação como um processo inerente à língua, todo uso que se apresentar como desvio ao que é tido por ideal ainda é colocado como inadequado.

Há, portanto, na gramática normativa, uma defesa da hegemonia da língua culta, assistida pelas forças que interagem entre si: uma que atua na conservação e outra ligada à estrutura e aos sistemas de valores de uma sociedade, sendo esse jogo de forças o que dita sobre a variedade e preservação linguísticas:

Sem embargo de se prestar à floração de mil estilos individuais, a língua não se desfigura: seu sistema permanece uno e íntegro. É a variedade na unidade – a preservação histórica do seu *gênio*, da sua

índole, à qual se não de adaptar todas as particularizações (*ib.*, *id.*, 2011, p. 36).

Em “Nova Gramática do Português Contemporâneo” (2013), Celso Cunha e Luís Lindley Cintra organizam a obra com o intuito de descrever o português contemporâneo levando em conta as diversas normas vigentes difundidas em seu domínio geográfico:

Trata-se de uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias. Não descuidamos, porém, dos fatos da linguagem coloquial, especialmente ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas (CUNHA, CINTRA, 2013, p. XXIV).

Observamos que a obra traz reflexões sustentadas pela tradição gramatical, mas que são perpassadas por teorias advindas da sociolinguística, por exemplo, ao considerar as variações diatópicas (*falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais*), diastráticas (*nível culto, língua padrão, nível popular etc.*) e diafásicas (*língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais etc.*). Vemos, também, que a tradição gramatical explorada na obra é atravessada pela estruturalista quanto ao tratamento conferido ao conceito de discurso¹. Salientamos que, apesar de tais considerações, é mantida a eminência da norma padrão sobre qualquer variedade linguística:

A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação. Numa língua existe, pois, ao lado da força centrífuga da inovação, a força centrípeta da conservação, que, contrarregando a primeira, garante a superior unidade de um idioma como o português, falado por povos que se distribuem pelos cinco continentes (CUNHA, CINTRA, 2013, p. 4).

Percebemos, nesse sentido, que mesmo considerando a diversidade das variedades, a maneira pela qual são propostas as reflexões sobre o funcionamento linguístico, tanto em Lima (2011) quanto em Cunha e Cintra

¹ Cunha e Cintra definem discurso como “a língua no ato, na execução individual. E, como cada indivíduo tem em si um ideal linguístico, procura ele extrair do sistema idiomático de que se serve as formas de enunciado que melhor lhe exprimam o gosto e o pensamento. Essa escolha entre os diversos meios de expressão que lhe oferece o rico repertório de possibilidades, que é a língua, denomina-se ESTILO” (p. 1-2).

(2013), não tem como ponto principal o potencial criativo e deformável da língua, capaz de construir sentidos múltiplos a partir da articulação das unidades linguísticas.

Retomando a obra “Nova gramática do português brasileiro”, Lima (2011) elenca sua gramática em três partes: *fonética e fonologia; morfologia e sintaxe*. No que diz respeito à classe dos substantivos, o autor dedica-se a explicá-los a partir das análises morfológica e sintática. Na obra, o substantivo “*é a palavra com que nomeamos os seres em geral, e as qualidades, ações, ou estados, considerados em si mesmos, independentemente dos seres com que se relacionam*”² (LIMA, 2011, p. 110).

Ora, se os substantivos nomeiam “os seres em geral” e não há, de fato, um entendimento para o que vem a ser “um ser”, identificamos uma complexidade maior ainda no que diz respeito à abstração do que seriam “qualidades, ações ou estados” considerados independentes de tais seres.

Enxergamos a forte presença da tradição dos estudos de Port-Royal nas gramáticas ora apresentadas, cuja finalidade da língua é representar o pensamento e, no caso dos substantivos, representar o objeto do pensamento³. O que vemos nessa perspectiva é que o foco se volta para a importância

² Em “Nova gramática do português contemporâneo” (2013), os autores definem a classe dos substantivos como “a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral” (CUNHA, CINTRA, 2013, p. 191), explicação que se aproxima do que é trazido em Lima (2011). Com um questionamento muito interessante, Bagno (2011) destaca alguns pontos problemáticos sobre tal definição. Primeiro, o fato de não haver clareza sobre o que se entende por um “ser”. Segundo o autor, no “Dicionário de filosofia”, de Ferrater-Mora, o verbete “ser” é explicado de maneira vasta, abrangendo concepções dos mais variados filósofos. Portanto, com a multiplicidade de sentido da palavra, fica ainda mais confuso entender o que se estabelece com “seres em geral”. Para além disso, outro ponto confuso e pouco explicativo é o fato de que se os substantivos configuram a classe dos nomes e, por consequência, “a palavra com que designamos os seres em geral”, daí entende-se o óbvio: os nomes nomeiam. A categorização postulada na vertente tradicional não dá conta, portanto, de explicar o que é a classe dos substantivos.

³ Cardoso (2003) explica que, na abordagem tradicional, a língua é tratada enquanto signo do pensamento e um dos aspectos mantidos desta tradição foi a classificação das palavras: “todas as categorias que constituem a gramática geral das línguas ou as gramáticas particulares são explicadas pelo princípio segundo o qual *a linguagem é representação do pensamento*, princípio que vinha sustentando toda a tradição gramatical dos gregos, desde Platão, passando para os latinos e para os medievais” (CARDOSO, 2003, p. 21). Nesse sentido, as nove categorizações levantadas pelos gramáticos de Port-Royal foram agrupadas a fim de representar os *objetos* ou a *forma/modo* do pensamento. Estabeleceu-se, assim, enquanto “objetos”, a classe dos substantivos, artigos, pronomes, particípio, preposições, advérbios; e enquanto “formas” os verbos, conjunções e interjeições. É interessante observar que, embora sem uma abordagem semântica sobre as unidades linguísticas, as duas gramáticas aqui analisadas muitas vezes esbarram em pontos que demonstram aproximações a discussões semânticas, as quais não são, contudo, aprofundadas, uma vez que o processo de significação que envolve a classe dos substantivos possui, exclusivamente, justificativas de ordem sintática.

conferida à própria significação⁴, em vez do processo pelo qual isso ocorre, uma vez que se institui a cisão entre linguístico e cognitivo, estabelecendo, assim, a existência de uma realidade extralinguística.

Morfologicamente, os substantivos são classificados em *concreto/abstrato*; *comum/próprio/coletivo*. Os substantivos concretos “designam seres que têm existência independente, ou que o pensamento apresenta como tal. Pouco importa que tais seres sejam reais ou não, materiais ou espirituais” enquanto que os abstratos “designam nomes de *qualidades*, *ações* ou *estados* – umas e outros imaginados independentemente dos seres que provêm, ou em que se manifestam” (*ib.*, *id.*).

Mais adiante, o autor afirma que muitos substantivos podem variar, assumindo papel de concreto aquele que é abstrato e vice-versa. Não há uma explicação sobre o porquê desse fenômeno, o que nos mostra que o próprio sentido, ao ser classificado antes de enxergá-lo no uso, é dado *a priori*. Ora, o que explica, então, sua alteração entre concreto e abstrato, a depender da sentença, uma vez que, em tal abordagem, parte-se de unidades dotadas de um sentido fixo? Entendemos, portanto, tal classificação como insuficiente na perspectiva tradicional⁵.

⁴ Franckel (2011) esclarece que “a reflexão da época clássica marca uma reviravolta. A linguagem não diz mais a coisas, apenas representa as ideias dos homens (...). À busca das semelhanças que até na Renascença, fundam o vínculo natural do signo e da coisa significada substitui-se a análise do funcionamento das unidades da língua como representante das ideias e de suas relações no pensamento” (FRANCKEL, 2011, p. 32). Observamos que a proposta de Lima (2011) busca uma ruptura com o referente extralinguístico, ao, supostamente, se distanciar da relação signo – coisas do mundo. No entanto, percebemos que, de fato, isso não ocorre. Afinal, quem estabelece as representações que são constitutivas do pensamento? Como se dá a construção da representação do mundo? Nesse sentido, os substantivos continuam sendo vistos como a classe que evoca a representação de seres, e não se sabe, exatamente, como tais representações constituíram-se em representações de pensamento.

⁵ Em capítulos posteriores, o autor apresenta uma discussão sobre as figuras de linguagem e explica que a metáfora “consiste na transferência de um termo para uma esfera de significação que não é a sua, em virtude de uma comparação implícita” (LIMA, 2011, p. 598). Tomando de exemplo as frases (i) Perdi a *chave* do apartamento e (ii) Atinamos, afinal, com a *chave* do problema, Lima esclarece que em (i) tem-se *chave* na sua “significação reta” (denotativa), ao passo que em (ii) a mesma palavra aparece modificada, com outro valor expressivo. Esse fenômeno ocorre pois, para gramáticos dessa vertente, a metáfora está fundamentada em uma relação de similaridade, que tem por base a associação de ideias, isto é, há a transferência do nome de um objeto ao outro, ocasionado pelo “confronto de dois seres ou fatos em que o espírito percebe alguma relação” (*ib.*, *id.*, p. 605). Ou seja, as múltiplas possibilidades de sentido que uma mesma unidade é capaz de construir não são entendidas tendo em vista operações de ordem linguística, que investigam as propriedades de cada marcador observando a articulação das unidades no contexto e suas possíveis deformações, mas a partir de representações do objeto do pensamento: cada palavra possui um sentido de base e, nas construções sintáticas, ocorre a transferência de um conceito a outra palavra.

Para a classificação dos *comuns* e *próprios*, tem-se que “os substantivos podem ser de extensão diferente; ora expressam a *espécie* (homem, menina, cidade etc.), ora um *indivíduo* da espécie (Bruno, Mimi, Belém etc.)” (LIMA, 2011, p. 112). Aos primeiros, enquadram-se os substantivos comuns e, aos segundos, os próprios.

Cunha e Cintra (2013) apresentam, também, definições aproximadas desta categoria. Porém, esbarramos em uma inconsistência na análise sobre suas funções sintáticas, na qual os autores explicam que os substantivos podem exprimir na oração como adjunto adnominal, referindo-se diretamente a outro substantivo. Neste caso, discorre o exemplo: “durante essas ruas **paris** (...), entre uma gente meio **londres** (...)” (CUNHA, CINTRA, 2013, p. 216). Apesar das classificações serem de ordens distintas (ora substantivos comuns e próprios analisados morfológicamente, ora os substantivos assumindo o papel de adjunto adnominal em uma análise sintática), o que explicaria a mudança do substantivo próprio “Paris” para o comum – “paris”? Ou o de Londres para “londres”, no exemplo dado? Novamente, a gramática tradicional atua com um processo de categorização que não dá conta de abarcar e esclarecer a variação dos sentidos, bem como a plasticidade das unidades.

Quanto à significação da classe, os autores de ambas as obras não consideram o tratamento do sentido dos substantivos em uso, pois sendo eles pertencentes a uma categoria – e não outra – não há consideração quanto à articulação com o meio textual e às possíveis construções que daí decorrem, mas uma classificação inerente ao significado das palavras.

Essa é uma das razões pelas quais identificamos a necessidade de investigar e desconstruir as concepções de sentido e significação que tanto permeiam as práticas pedagógicas. Buscamos, desta forma, entender como o sentido das unidades se (re)constrói em sua articulação com o meio textual que interagem: é possível afirmar e delimitar que as palavras possuem classificações e sentidos prévios? O que se desdobra quando, recorrentemente, encontramos as mesmas unidades com sentidos múltiplos, a depender de suas interações?

A análise nos mostra que há pouco distanciamento entre uma perspectiva e outra sobre a classe dos substantivos. Observa-se que na vertente tradicional o tratamento conferido à variação do sentido ocorre dentro de uma perspectiva sintática: a depender do termo com o qual o substantivo se relaciona no

sintagma, altera-se sua classificação ou significado. Porém, tais reflexões não respondem à variação do sentido das unidades. Há, com isso, um deslocamento entre a produtividade e criatividade da língua e as definições léxico-gramaticais que reduzem e restringem seu funcionamento. Vale ressaltar que não propomos que se exclua o ensino léxico-gramatical da formação escolar, mas defendemos que tal trabalho deve ser realizado de maneira reflexiva, tendo em vista as possibilidades de construção e manejo da língua.

A consideração acerca do processo de desenvolvimento das gramáticas apresentadas e a maneira pela qual se cumprem, hoje, as práticas de ensino, nos mostram que apesar do advento de novas vertentes teóricas, o que ocorre é que ainda nas aulas de língua portuguesa os alunos recorrem a manuais e regras gramaticais que categorizam e classificam o que se entende por “bom uso do português”: muito se aplica da gramática com base tradicional sobre o funcionamento do léxico, com definições previamente estabelecidas com pouca ou nenhuma discussão que envolve a semântica das unidades, desconsiderando, por completo, o seu movimento enunciativo. Portanto, olhar para essa relação de significação desvinculada de um sentido *a priori* permite espaço para integrar, na língua, o “figurado”, o “idiomático”, o “informal” (ROMERO, VÓVIO, 2011, p. 80).

1.3. A vertente funcionalista

A vertente funcionalista investiga o sistema linguístico tendo em vista a maneira pela qual, no uso, os itens lexicais e gramaticais se organizam nos textos. Parte-se não mais da ideia de um sistema engessado e acabado, mas de relações estabelecidas entre as frases nos contextos verbal e não-verbal:

Em princípio se poderia dizer, pois, que o que o tratamento funcionalista de uma língua natural põe sob exame é a competência comunicativa. Isso implica considerar as estruturas das expressões linguísticas como configurações de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação da oração. Ao lado da noção essencial de que a linguagem é um instrumento de comunicação, encontra-se nos funcionalistas um tratamento *funcional* da própria organização interna da linguagem (NEVES, 2004, p. 2).

Os estudiosos dessa vertente consideram fortemente que a organização dos enunciados não fica por conta somente das funções gramaticais: há sujeitos

que interagem social e discursivamente e, portanto, operam sobre a língua. Por esse motivo, “a frase é reconhecida como uma unidade susceptível de análise não apenas nos níveis fonológico, morfológico e sintático, mas também no nível comunicativo” (*idem*, p. 18).

Neves (2004) explica que os linguistas mais representativos da abordagem funcionalista são os pertencentes à Escola Linguística de Praga que, no começo do século XX, trazia discussões nas quais se lê que a linguagem “acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralinguística” (NEVES, 2004, p. 17). Fica evidente que a língua é entendida como um instrumento de interação social que possibilita o estabelecimento de relações comunicativas entre os sujeitos. Logo, analisar suas relações sintáticas e semânticas consiste, também, em considerar princípios de ordem pragmática: há regras próprias ao sistema linguístico, ao mesmo tempo em que o sentido e a forma são relativos à intenção e interpretação dos falantes.

Bagno (2011), em “Gramática Pedagógica do Português Brasileiro”, assumindo uma abordagem funcionalista e levantando discussões de ordem política e social, parte da necessidade de refletir e investigar sobre a língua e linguagem de modo a desvincular o sistema linguístico das normas e regras mantidas pela tradição gramatical. O autor explica que trabalhar a língua é promover a atividade epilinguística, compreendendo seu funcionamento a partir do uso e fora de categorizações intrínsecas, pois “é do uso que se depreende a gramática, é do discurso que se chega nas regularidades (sempre instáveis e provisórias) da língua – uma distinção, é claro, que tem aqui uma perspectiva apenas pedagógica, já que na prática social mais ampla uso e gramática interagem sem cessar” (BAGNO, 2011, p. 20).

Dessa maneira, o movimento que se realiza na gramática ora apresentada busca observar como as formas linguísticas tornam-se regras gramaticais, ao mesmo tempo em que as regras gramaticais condicionam os usos e autorizam a organização das formas linguísticas.

É evidente o distanciamento e a recusa por um trabalho que categorize a língua tratando-a enquanto sistema de regras irredutíveis. Contudo, o fato de se afastar da necessidade de ensino da norma padrão na escola não significa negar todo trabalho promovido pela gramática tradicional: conhecer o percurso até então traçado auxilia na construção de novos caminhos de estudos e análises:

Aqui a professora e o professor vão encontrar a descrição de aspectos essenciais da gramática do português brasileiro, com vasta exemplificação de usos autênticos contemporâneos, junto com propostas de atividades práticas para levar seus aprendizes a conhecer melhor o funcionamento da língua que falam e escrevem e para se apoderar do que é um português brasileiro contemporâneo urbano culto, que nada tem que ver com o modelo muito idealizado de “língua certa” que as gramáticas prescritivas, os livros didáticos e os meios de comunicação ainda insistem em divulgar, sem se dar conta de que aquela há muito tempo já deixou de ser a língua da maioria dos brasileiros (...). (BAGNO, 2011, p. 26).

Na obra, o autor inicia a discussão sobre os substantivos com uma explicação histórica, expondo a aproximação morfológica e sintática marcada, desde a filosofia grega, entre a classe dos *substantivos* e o *sujeito*⁶. A parte inicial do capítulo discute, também, o percurso traçado para a categorização das palavras em classes distintas (verbo, substantivo e adjetivo), justificando o motivo pelo qual os substantivos e os adjetivos são reunidos, por ele (e por outros linguistas), no mesmo grupo de categorização de nominais.

Questionando a definição tradicional posta por Cunha, Cintra (2013), Bagno recusa a ideia de palavras que “designam os seres em geral”, apresentando o que é dito sobre os substantivos em Camacho, Dall’Aglio Hattner e Gonçalves (2014)⁷. O autor se aproxima do estudo da referência, cujo trabalho compreende o substantivo enquanto “a palavra que nos permite fazer referência aos objetos do mundo real, do mundo virtual e do mundo mental. E essa referência se faz pela designação: os substantivos são os nomes que damos aos objetos desses mundos para que possamos nos referir a eles” (BAGNO, 2011, p. 695).

⁶ A primeira divisão das categorias gramaticais fora proposta por Platão e organizada em *ónoma* e *rhema*. Grosso modo, essa oposição corresponde à oposição verbo-nominal constitutiva de toda língua, ou seja, “uma categoria que ‘fale de x’, o nome, e uma que ‘diga que y’, o verbo” (BAGNO, 2011, p. 440). Trata-se, portanto, da relação de predicação, principal operação desempenhada pela língua. Tal binômio abarca tanto a morfologia das palavras (verbos e nomes) quanto a sintaxe (sujeito e predicado). Os estudos linguísticos trouxeram a classificação dos nomes enquanto o que designa o que é essencial, que permanece inalterado em sua **substância** (daí **substantivo**). Bagno explica que, curiosamente, o termo grego *hypokeimenon* era traduzido na literatura filosófica ora por *substância*, ora por *sujeito*. É sabido que a classe dos substantivos ocupa o lugar de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal etc., entretanto, para os filósofos gregos, a função de sujeito era a mais importante de todas as que podiam ser exercidas pelo substantivo.

⁷ Na obra “Palavras de classe aberta”, os autores separam os substantivos por ordem de entidades. Tal organização será apresentada mais adiante no capítulo.

O que se observa, portanto, é que a definição dos substantivos pela qual o autor se envereda sustenta uma relação extralinguística pois compreende o referente no mundo. O autor encerra sua discussão com a seguinte reflexão:

Qualquer palavra que possa ser antecederida do artigo *o/a/os/as* é um substantivo – e acabou-se a confusão!
Assim, não só reconhecemos morfossintaticamente o que é um substantivo como também aprendemos a receita para transformar qualquer palavra de qualquer classe num substantivo: antepondo a ela o artigo – o olhar, o azul, o bem, o antes e o depois; o como e não o porquê; o onde e o quando... (BAGNO, 2011, p. 697).

Assim, após discorrer sobre algumas abordagens que tratam dos substantivos, percebe-se, na “Gramática Pedagógica do Português Brasileiro”, que o autor apresenta uma visão voltada para a língua em uso, tendo como foco discussões de ordem política e pedagógica. Vale dizer, contudo, que não há um aprofundamento no que se refere a análises morfossintáticas e semânticas da classe dos substantivos.

1.4. A vertente funcionalista-cognitivista

Na obra “Nova Gramática do Português Brasileiro”, Castilho (2016) realiza análises linguísticas tendo por base não mais textos da língua culta, mas fatos concretamente observados a partir de seus usos. Isso muda bastante a perspectiva sobre a qual se atua sobre a língua: considerá-la na fala corrente significa observar suas diversas manifestações, tendo em vista um sistema aparentemente caótico e irregular.

Diferentemente das gramáticas tradicionais, que buscam, obrigatoriamente, a uniformidade da língua portuguesa dentro das variedades que permeiam seu sistema, a obra em questão analisa as ocorrências de maneira mais aprofundada:

Esta Nova Gramática do português brasileiro agrega um certificado a mais à nossa identidade. Não se trata de um certificado qualquer, pois é na língua que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo, de como nos dirigimos ao outro. Faltava clarificar a gramática do português brasileiro, para dar status científico à sua percepção (...). Esta não é uma gramática-lista, cheia de classificações, em que não se vê a língua, mas uma gramática. Em lugar disso, procuro olhar o que se esconde por trás das classificações,

identificando os processos criativos do português brasileiro que conduziram aos produtos listados (CASTILHO, 2016, p. 31).

Quanto à vertente teórica assumida, tem-se uma variedade de influências que perpassam o trabalho, fundamentado nas abordagens funcionalista, cognitivista e na teoria multissistêmica, desenvolvida pelo próprio autor. Desta maneira, encontra-se na obra uma concepção de linguagem não como “uma manipulação de sinais, ou uma combinatória de unidades, mas um conjunto de operações cognitivas (...) um sistema complexo, processual por natureza, dinâmico e até certo ponto imprevisível” (ILARI, 2016, p. 27-28).

A abordagem multissistêmica consiste em uma teoria modular, que compreende os enunciados a partir de quatro formas de estrutura: lexical, gramatical, semântica e discursiva. Essa estruturação não funciona de maneira hierarquizada, mas articulada, pois é orientada por um dispositivo sociocognitivo⁸. Nesse sentido, o primeiro ponto que levantamos gira em torno da definição de léxico. Castilho deixa claro seu posicionamento quanto a defesa da língua como sistema dinâmico, mas encontramos contradições ao que se entende por essa natureza dinâmica. Para ele, o léxico é:

(...) um inventário (i) de categorias e subcategorias cognitivas; e (ii) de traços semânticos inerentes. Esse inventário é virtual, pré-verbal, podendo ser entendido como um feixe de propriedades de que lançamos mão para a criação das palavras, ou seja, da *lexicalização* (CASTILHO, 2016, p. 110).

Ora, se há dinamismo no funcionamento linguístico, o que configura, então, os traços semânticos inerentes? Se a lexicalização ocorre a partir de um inventário pré-verbal, entende-se, portanto, que o próprio processo de “criação das palavras” tem como fundamento um sentido próprio. Ademais, tratar o léxico como inventário mostra que as operações cognitivas se articulam em um processo de estocagem de informações. Ou seja, o léxico tratado na gramática, compreendido como pré-verbal, apresenta um sentido formatado de antemão, antes mesmo de seu pôr em uso.

Mais adiante, ao desenvolver a definição das palavras, Castilho afirma que todas elas denotam e conotam:

⁸ De acordo com o autor, o dispositivo sociocognitivo é central para organizar a articulação entre os sistemas, fazendo de cada um deles uma forma de representação das categorias cognitivas, regulados pelo ajustamento entre os sujeitos.

A denotação é o conjunto de informações mais salientes que a palavra dá sobre o objeto, ou seja, sobre o conjunto de indivíduos que cabem na classe rotulada pela palavra. Denotar é cuidar da extensão significacional da palavra (...).

A conotação é o conjunto das propriedades associadas à palavra. Conotar é cuidar da intensão⁹ da compreensão (...) (CASTILHO, 2016, p. 112).

Novamente, trazemos a questão do semantismo das unidades, pois fica evidente a instauração de propriedades prototípicas que dão a ver o objeto do discurso. Desse modo, percebemos, também, que o referente se configura no domínio extralinguístico, uma vez que o léxico faz referência ao objeto do mundo, ainda que o autor afirme ser o sentido algo construído no texto.

Para tratar da questão da referência, Castilho apresenta as contribuições de Frege e realiza um breve percurso histórico a fim de explicar como tal conceito se desdobra nos mais variados estudos. Mais adiante, há outra discussão a respeito do tema a partir do que é levantado por Marcuschi e Koch. Neste ponto, Castilho explica que a noção tradicional de referência é substituída por *referenciação*, que consiste em um processo de “construção, estruturação e fundação do próprio real” (MARCUSCHI, KOCH *apud* CASTILHO, 2016, p. 469). Assim, apresenta-se a referência como “um processo que se constrói no texto, concorrendo para sua coesão (...). Não remete a um conjunto estável de sentidos, e sim à construção desses sentidos à medida que o texto progride” (CASTILHO, 2016, p. 269).

Percebemos, pelas passagens mencionadas, que, independentemente da perspectiva teórica assumida, não se evidencia de que maneira se dá a construção do sentido pelo enunciado, uma vez que as discussões sobre o processo de significação estão vinculadas ora a traços semânticos inerentes, ora a construções e análises de ordem sintática.

Para o autor, “quando uma palavra se combina com outras, nas expressões complexas, nota-se que sua intensão pode ser preservada ou alterada” (CASTILHO, 2016, p. 127). Tomando de exemplo a sentença (i) *O nenê começou a falar*, as propriedades intensionais de *começar* e *falar* estão

⁹ Intensão é o “conjunto de propriedades semânticas inerentes das palavras. São chamados operadores de intensão as expressões que tomam outra expressão por seu escopo, alterando seus traços semânticos inerentes. Os operadores de intensão recebem a denominação geral de qualificadores” (CASTILHO, 2016, p. 679).

preservadas. Em (ii) *O nenê está quase falando*, têm-se uma alteração parcial das propriedades de *está falando* pela interferência do operador *quase*, que altera o sentido inicial posto em (i). Já em (iii) *O nenê pôs-se a falar*, há uma alteração total das propriedades intensionais, pois *pôr-se* assume o significado de *começar*.

O exemplo acima mostra que, na relação de predicação entre as unidades, “um operador toma um termo por seu escopo, transferindo-lhes propriedades de que o escopo não dispunha antes”¹⁰ (*idem*). Assim, em (ii) *O nenê está quase falando*, traços lexicais inerentes de *quase* alteraram a intensão de *estar falando*. Nessa análise, repousa a ideia de que os nomes e os verbos se alteram tendo em vista seu escopo. Entretanto, não parece haver uma consideração de que o substantivo, por exemplo, tem um potencial de funcionamento capaz de construir novos sentidos.

Noutra passagem da obra¹¹, encontramos, aliás, Castilho explicando que as palavras possuem um “sentido original”. Sendo a predicação “uma operação de transferência de traços semânticos que se movimentam pela sentença e pelo texto” (*idem*, p. 128), vemos que o sentido se “altera” a depender dos termos que constituem determinada sentença. Ora, o que significa, então, dizer que “traços semânticos *inerentes* decolam de sua ‘base’, ou classe predicadora, e aterrissam na classe-escopo”? (CASTILHO, 2016, p. 127). Uma vez que o sentido é atualizado a depender de sua inserção no contexto, não há (ou pelo menos não deveria haver) um “sentido original”.

Percebe-se, pelo exposto, que o autor apresenta um entendimento de ordem prototípica sobre a significação das unidades, cabendo, contudo,

¹⁰ A ideia de “transferência de propriedades” mostra que há sentidos determinados. Quando o autor sustenta esse conceito fica evidente que as palavras se combinam no sintagma, cada qual com seu sentido já estabelecido e “trocam” propriedades que alteram seu sentido “original”. Acreditamos, sim, que as unidades possuem propriedades semânticas, contudo elas não estão em uma relação de troca de papéis, mas sim de articulação: existem regularidades nas unidades linguísticas que organizam toda a variação semântica. Cabe dizer que tais regularidades não devem ser vistas enquanto possuidoras de um sentido inerente.

¹¹ Ao analisar o fenômeno da predicação, o autor utiliza-se de uma sentença como exemplo para explicar as operações que ocorrem quando um operador toma um termo por seu escopo. Têm-se, então, a passagem: “examinada isoladamente, a palavra *ler* significa ‘colher com os olhos as letras de uma página’. **O sentido original de ‘colher’** ainda se mantém em *legumes*, vegetais que colhemos para comer, separando-os das ervas daninhas (...)” (CASTILHO, 2016, p. 128, *grifos nossos em negrito*).

observar que raramente tal sentido, inerente às palavras, dá conta de seu funcionamento pleno nos enunciados.

No que diz respeito ao estatuto categorial dos substantivos, o autor esclarece:

Classe de palavra caracterizada (i) lexicalmente por representar a categoria cognitiva de COISA, (ii) morfológicamente por dispor de morfemas de gênero e número, (iii) sintaticamente por nuclear o sintagma nominal e funcionar na sentença como argumento externo e interno, e (iv) discursivamente por veicular o tópico discursivo (CASTILHO, 2016, p. 693).

Reunidos na tradição gramatical sob a designação de *nome*, os substantivos e adjetivos apresentam proximidades mórficas – flexão de gênero, número e caso – que caracterizam cada uma das classes. Na obra, os substantivos são tidos como o fundamento dos textos: não é possível que se construam sentenças sem esta classe presente. Quanto a sua sintaxe, um dos pontos de destaque trata da capacidade (não)argumentativa dos substantivos: há palavras que se configuram como substantivos intransitivos (não argumentais) e outras como transitivos (argumentais). Aos primeiros, Castilho postula uma relação com os substantivos concretos, como em (i) *Ainda bem que as encomendas chegaram*, em que *encomendas*, não pede por nenhum argumento, “ao ouvir uma dessas palavras, entendemos logo seu sentido, sem a necessidade de maiores informações (...). Parece haver uma correlação entre substantivos concretos e intransitividade” (CASTILHO, 2016, p. 457). Aos segundos, há uma ligação com os substantivos abstratos, como em (ii) *Nada pode explicar a condução espalhafatosa dada ao caso Magri*, em que *condução* pede por um complemento, “ao ouvir ou ler uma dessas palavras, precisaremos de informações complementares (...) ou seja, seu sentido não tem autonomia. (...) Há uma correlação entre substantivos abstratos e substantivos deverbiais e transitividade” (*idem*).

Vemos que, a partir desta reflexão, não se discute sobre as operações que constroem o sentido, mas apenas o que, sintaticamente, determina as relações estabelecidas entre as categorias em sua transitividade.

A obra de Castilho deixa evidente que não há, como nas gramáticas tradicionais, uma categorização sobre os substantivos, mas uma investigação a partir de sua dinâmica de interação. Entretanto, não encontramos discussões

que investiguem como o substantivo é concebido fora do uso e, muito embora haja a tentativa de se desviar de categorizações tradicionais, o autor acaba, em diversos momentos, pautando-se sobre questões extralinguísticas para discutir o funcionamento da língua.

A segunda obra analisada – *Palavras de classe aberta*¹² – apresenta um trabalho sobre a língua a partir de um viés funcionalista, considerando discussões que tratam de entendê-la enquanto um mecanismo cognitivo:

(...) em oposição às perspectivas que concebem a sintaxe como a explicitação de uma combinatória que resulta em sentenças bem formadas, nós, os autores, entendemos que nossa tarefa consistia em explicar toda sentença como o resultado de uma série de escolhas significativas, revelando por que, em um determinado contexto, os falantes preferem uma determinada forma linguística e não outra (...) Essa perspectiva obriga a considerar [as palavras] não apenas como peças de uma montagem sintática (isto é, unidades passíveis de ocupar uma certa posição na estrutura da sentença, mas também como unidades dotadas de propriedades semânticas e pragmáticas próprias) (ILARI, 2014, p. 9).

É dito ainda que:

Olhar para a língua em perspectiva cognitiva tem conseqüências sobre o modo de representar o objeto de estudo: cada unidade linguística, cada classe ou construção gramatical traz então o desafio de identificar uma ou mais operações que expliquem seu porquê e deem conta de sua especificidade. Ao longo do livro, essa busca de operações cognitivas é constante (ILARI, 2014, p. 10).

No capítulo destinado ao substantivo, de autoria de Camacho, Dall’Aglio Hattner e Gonçalves, os autores expõem que “um primeiro fato a observar no comportamento das palavras que integram a categoria dos substantivos é o potencial que têm de denominar uma entidade de um dado universo de referência” (CAMACHO *et al.*, 2014, p. 23). Ainda segundo os autores, os substantivos “podem denominar entidades de diferentes ordens, dependendo de sua extensionalidade, e assim ser classificados de *primeira*, *segunda* ou *terceira*

¹² A obra, organizada por Rodolfo Ilari, é resultado do Projeto da Gramática do Português Falado, desenvolvido entre as décadas de 1980 e 2000 sob a direção de Ataliba T. de Castilho. Tal projeto de pesquisa foi sustentado por uma gama de estudiosos da área e separado em dois livros: “Palavras de classe aberta” (abertas, por admitirem frequentemente novos itens) e “Palavras de classe fechada” (fechadas, pois a admissão de novos itens ocorre de maneira mais lenta).

ordem” (p. 23). No que se refere a essas diferentes ordens de entidades¹³, a obra está apoiada em Lyons (1978, p. 442 – 446) para discriminá-las:

- *Entidades de primeira ordem*, referência mais prototípica dos substantivos, são indivíduos (pessoas, animais e coisas) e têm as seguintes características: (i) sob condições normais, são relativamente constantes quanto a suas propriedades perceptuais; (ii) são localizadas em algum ponto no tempo e no espaço; (iii) são observáveis publicamente; (iv) podem ser avaliadas em termos de sua existência. Assim, podem ser alvo de atribuições de propriedades. São exemplos: *homem, gato, caneta* etc.
- *Entidades de segunda ordem* designam estado de coisas (ações, processos, estados e posições) e se caracterizam por poder: (i) ser localizadas no tempo e ter uma certa duração temporal; (ii) ocorrer, e não por existir; (iii) ser avaliadas em termos de sua realidade. São exemplos: *chegada, beleza, morte* etc.
- *Entidades de terceira ordem* designam entidades abstratas (crenças, expectativas e julgamentos) e têm as seguintes características: estão fora do espaço e do tempo; (ii) podem ser asseveradas, negadas, lembradas ou esquecidas; (iii) podem ser razão, mas não causa; (iv) podem apenas ser avaliadas em termos de suas condições de verdade, e não de sua realidade ou existência. São exemplos: *ideia, crença, razão* etc. (CAMACHO *et al.*, 2014, p. 23)

A organização de tais entidades mostra que, embora, de fato, os substantivos sejam concebidos por meio de traços de significado vocabular a ser ou não subvertidos no processo discursivo, restam questões a serem melhor esclarecidas com relação ao seu funcionamento: uma primeira relacionada às ordens de entidades; uma segunda, ao próprio fato de ser “no contexto mais amplo da sentença que o substantivo se torna uma expressão referencial” (CAMACHO *et al.*, 2014, p. 25).

Em relação à primeira questão, e que diz respeito à classificação envolvendo denominações de entidades de *primeira, segunda* ou *terceira* ordem, nota-se, também, que se parte de uma concepção para a qual o substantivo apresenta um semantismo que lhe é inerente, independentemente de seu pôr em uso, e que este não apresenta um funcionamento fixo, pois se altera a depender do contexto no qual se insere.

Consideremos, a título de exemplo, o substantivo *chave*. Na definição no dicionário Houaiss (2009), a primeira acepção de CHAVE é: “utensílio de metal que se introduz na fechadura à qual pertence para movimentar a lingueta, e que possibilita abrir ou cerrar portas (...)”. Tem-se, em um enunciado como (i) *Perdi*

¹³ Há entidades de quarta ordem, postuladas em momento posterior, não por Lyons, mas por Hengeveld, que se referem aos atos de fala (HENGEVELD, 1988 *apud* CAMACHO *et al.*, 2014, p. 23): declarações, perguntas, exclamações.

a *chave de casa*, a referência a uma entidade de primeira ordem. Contudo, nos enunciados (ii) *A obra de Saussure é considerada a chave da linguística moderna* ou (iii) *A chave do enigma foi revelada*, a entidade referida não é mais de primeira ordem: em uma análise superficial, esses usos aproximam-se do escrito em entidades de terceira ordem.

Ora, CHAVE, em sua descrição no dicionário, é um substantivo altamente polissêmico: seu potencial referencial, atestado lexicograficamente, remete a sentidos variados, do *concreto* ao *abstrato*. Aparentemente, na referida classificação, propõe-se uma definição do semantismo de base da unidade por meio de sua referência a entidades de primeira ordem, ainda que se saiba que palavras polissêmicas como CHAVE remetam a outras entidades de acordo com o contexto.

O problema que se coloca é: quais são os princípios que organizam a variação? Nada é dito na obra em questão sobre esse tema, a não ser o fato de que “critérios semânticos permitem a subclassificação dos substantivos comuns em concretos ou abstratos e contáveis ou não contáveis (...) Essa subclassificação, ainda que baseada em traços de significado vocabular, pode se perturbar na atualização discursiva” (CAMACHO *et al.*, 2014, p. 36).

Na continuidade da obra, são apresentadas definições para *concreto* e *abstrato*:

Os *substantivos concretos* referem-se a entidades de primeira ordem, entidades reais ou imaginárias de existência independente (pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas) (CAMACHO *et al.*, 2014, p. 38).

O que caracteriza os substantivos concretos é o fato de terem referentes individualizados, enquanto os *substantivos abstratos* referem-se a entidades de segunda, terceira ou quarta ordem, a seres de existência dependente, que se abstraem de outros referentes (*idem*).

Antes de retomá-las, consideremos a segunda questão, que remete ao fato de ser “no contexto mais amplo da sentença que o substantivo se torna uma expressão referencial” (CAMACHO *et al.*, 2014, p. 25), colocação que aparece também na afirmação de que a “subclassificação [em termos *concreto/abstrato*], ainda que baseada em traços de significado vocabular, pode se perturbar na atualização discursiva” (*idem*, p. 36).

Como as definições apresentadas na citação acima permitem observar, a qualidade de *concreto* e *abstrato* está diretamente relacionada ao tipo de

referente em questão. Disso decorre que há propriedades marcadas lexicalmente que classificam um substantivo como o que pode referir a entidades de uma dada ordem, ser *concreto/abstrato*, mas que tais propriedades não o impedem de ser classificado de outro modo conforme o contexto mais amplo da sentença, na qual, de fato, se torna uma “expressão referencial”.

O que pudemos notar é que, embora sejam fornecidos enunciados nos quais determinadas operações (de determinação, por exemplo) se fazem presentes e como tais operações atuam na referenciação, a questão dos diferentes valores semânticos adquiridos por um mesmo substantivo não é abordada, assim como também não o é a questão de seu semantismo inerente face a essa variação. Ademais, questões mais diretamente relacionadas à própria definição de *significado* da unidade linguística – seu semantismo – e ao modo como este se articula, no processo de construção da significação do enunciado com o meio textual no qual a unidade se insere – não são efetivamente apresentados.

1.5. Considerações preliminares

A análise das gramáticas deixa evidente que, apesar do avanço dos estudos, há ainda um longo percurso a ser traçado para que seja possível um trabalho consciente sobre a língua.

No que diz respeito à vertente tradicional, encontramos normas e categorizações pouco consistentes que não dão conta de explicar o funcionamento e a maleabilidade do sistema linguístico. Vale destacar que aqui não negamos a importância de estudar a tradição gramatical e investigar as suas normas, pois é conhecendo a história que temos a possibilidade de concordar ou negar aquilo que optamos por construir em nossa prática pedagógica. Nesse sentido, concordamos com Franchi (2006), ao afirmar:

Que se deve aprender a modalidade culta? Claro. Mas isso não permite reduzir o estudo gramatical a um manual de etiquetas. Nem, muito menos, excluí-lo da linguística. Ao contrário, a teoria gramatical é o núcleo dessa ciência (FRANCHI, 2006, p. 77).

Quanto às vertentes funcionalista e funcionalista-cognitivista, encontramos discussões que buscam outro olhar sobre a linguagem, uma vez

que se parte da língua em uso. Nesse sentido, são levantadas questões acerca do funcionamento do léxico; do potencial de referência da classe dos substantivos; de como se constitui o processo de significação das palavras. Não há, ao menos inicialmente, classificações já definidas, mas a consideração de que a língua é um sistema flexível, capaz de construir múltiplos sentidos. Entretanto, em uma análise mais detalhada, notamos que há um tratamento no qual se considera o valor semântico das unidades linguísticas como algo intrínseco. Como explica Romero (2000):

A grande maioria das abordagens parte da hipótese de que os valores semânticos verificados em contexto são, de um modo ou de outro, valores intrínsecos à unidade, o que nos conduz às concepções igualmente clássicas e vastamente difundidas de polissemia como pluralidade de sentidos de uma palavra e de contexto como o responsável pela seleção (ou determinação) de um valor semântico preciso (ROMERO, 2000, p. 6).

Em relação à definição da classe dos substantivos, observamos que boa parte das gramáticas remete à ideia de designação das coisas e seres do mundo. Nesse sentido, vemos que tais representações estão diretamente voltadas a uma concepção na qual a realidade extralinguística, de um modo ou de outro, se faz presente, de modo que elas estabelecem com a língua uma cisão em relação às operações cognitivas que a constituem.

Tendo em vista tais considerações, propomos, a seguir, uma discussão sobre a atividade de linguagem em sua relação com as línguas a partir do que é trazido pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, abordagem que fundamenta nosso estudo.

CAPÍTULO II – A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas

*Bela loucura a da linguagem:
graças a ela o homem baila sobre todas as coisas.*
Nietzsche

Considerando a dificuldade exposta e analisando os possíveis caminhos que abordam o ensino da língua portuguesa, foram apresentadas obras gramaticais de vertentes teóricas variadas. Tais obras buscam explicações para o funcionamento da língua através de análises das formas e classificações gramaticais das unidades, sendo que ora tais unidades representam uma classe fechada, ora podem ser classificadas em duas ou mais categorias.

De um jeito ou de outro, o que vemos é que essas classificações, muitas vezes, acabam por tratar as palavras como entidades carregadas de um sentido absoluto, antes mesmo de serem postas em jogo no processo de enunciação, desconsiderando, assim, o potencial semântico da língua.

Encontramos, como resultado dessa tradição, práticas de ensino que pouco consideram a maleabilidade das unidades léxico-gramaticais e que afastam cada vez mais os falantes da realidade integrativa entre língua e linguagem.

Neste capítulo, portanto, apresentamos uma breve trajetória histórica da constituição de estudos no campo da semântica para, em seguida, trazer uma discussão inicial sobre a teoria que embasa a pesquisa. As discussões e conceitos levantados neste capítulo fundamentam as análises e reflexões sobre ensino a ser abordadas nos próximos.

2.1. O sentido na trajetória da semântica

Se há, sem dúvida, inúmeras reflexões que consideram a língua em uso, há igualmente que se observar a relação com a produção de sentidos de uma dada unidade linguística nesses diferentes usos. Uma prática de análise que se apoie em princípios reflexivos não pode deixar de lado questões envolvendo as inúmeras possibilidades significativas dos recursos linguísticos, o que está diretamente relacionado a uma problemática maior: tratar a própria definição de *significado* da unidade linguística – seu semantismo – e o modo como este se

articula no processo de significação do enunciado com o meio textual no qual a unidade se insere.

Propomo-nos, nesse momento, a apresentar uma breve análise histórica que permita melhor compreender a corrente teórica proposta por Anotine Culioli, à qual nos filiamos. O conceito de semântica desenvolvido na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas afirma que:

Em se tratando da análise do papel das unidades morfolexicais na construção do sentido dos enunciados, é conveniente comentar o termo *construção*, que se situa, portanto, no campo da semântica. A fim de desenvolver o que se espera da problemática em questão, propomos a seguinte definição da semântica: *análise das representações mentais desencadeadas e apreendidas por meio do material verbal que lhes dá corpo* (FRANCKEL, 2011, p. 15-16).

Apontamos, em relação à definição exposta por Franckel, que Tamba-Mecz (2006), em uma importante obra que trata do campo de pesquisa em Semântica, organiza em três períodos as pesquisas que versam sobre a disciplina, dando a ver os diversos caminhos que hoje encontramos sobre o objeto de estudo. São eles: período evolucionista; período misto e período das teorias linguísticas e do tratamento computacional. Vamos nos ater, aqui, a discorrer somente sobre os dois primeiros.

A primeira corrente, categorizada nos estudos da linguística comparada, tem em sua base uma orientação essencialmente *evolucionista*, cujo foco é a predominância da *semântica histórica*. É necessário destacar a dificuldade de se organizar uma explicação linear sobre o desenvolvimento dos estudos, uma vez que vários atravessamentos vão compor a sua sistematização.

Como ponto de partida, a autora apresenta os trabalhos de M. Bréal, essenciais para a inauguração da semântica enquanto *ciência das significações*. O que é discorrido pelo autor em questão é o fato de ter conseguido organizar a semântica enquanto uma ciência autônoma, desvinculada dos estudos anteriores sobre o sentido, que, até então, se aproximavam de discussões filosóficas e literárias¹⁴.

Na linguística evolucionista, a investigação volta-se para a evolução das línguas, a fim de sistematizar as leis que regem tal desenvolvimento. Há, nesse

¹⁴ Não serão feitos aprofundamentos sobre cada abordagem histórica, pois temos como foco apenas apresentar alguns dos pontos essenciais sobre o estudo da semântica.

sentido, que se destacar a extensão cronológica e geográfica que tal abordagem conferiu às pesquisas da época. Bréal (1905, *apud* TAMBA-MECZ, 2006), com sua descoberta a respeito da *multiplicação dos sentidos* de uma mesma palavra, contribuiu para discussões a respeito da *polissemia*. Por outro lado, Darmesteter (1886, *apud* TAMBA-MECZ) levantou, também na mesma época, reflexões que iriam investigar as relações existentes entre as palavras, tais como *contágio*, *reação*, *concorrência vital* e *sinonímia*. O que se vê é que apesar do interesse sobre a disciplina semântica, ainda se mantinha um apagamento de uma definição clara a respeito do que seria o sentido linguístico.

Têm-se, portanto, no plano teórico, duas correntes distintas que surgiram a partir dos estudos evolucionistas: de um lado, representado por Darmesteter, encontramos um entendimento próximo ao das ciências naturais, cujas leis semânticas possuem um modelo ligado às leis fonéticas, absolutas, objetivas. Nessa perspectiva, a língua e as palavras:

(...) são organismos vivos de ordem intelectual, semelhantes aos dos reinos vegetal ou animal: (...) as palavras nascem, se modificam e morrem sob uma ação contraditória de uma força conservadora e de uma força revolucionária, da concorrência vital e da seleção natural (DARMESTER, 1886 *apud* TAMBA-MECZ, 2006, p. 22-23).

De outro lado, encontramos uma abordagem embasada nas ciências históricas, sustentada por M. Bréal e, posteriormente, continuada por Meillet e Vendryès, cuja argumentação assegura que “a linguagem não possui realidade fora da atividade humana” (BRÉAL, 1897 *apud* TAMBA-MECZ, 2006, p. 24). Para ele, “as leis semânticas da linguagem são leis intelectuais de ordem psicológica, (...) prolongada e modelada pelos signos – palavras, grupos de palavras ou frases – próprios às diversas línguas” (TAMBA-MECZ, 2006, p. 24).

A trajetória evolucionista deixou como vantagem a busca pelo estatuto da semântica enquanto ciência autônoma. Daí decorre uma das descobertas principais sobre os estudos semânticos: conferir às palavras a possibilidade de um comportamento polissêmico coloca a linguagem como um sistema moldável. Entretanto, ao mesmo tempo, vemos que novas discussões levantadas neste período levaram o trabalho sobre a semântica a se aproximar de outras ciências, tais como a biologia, psicologia e sociologia. Não havia, até o momento, um

entendimento de base estritamente linguística que abarcasse o processo de significação.

A segunda corrente, compreendida nos estudos da semântica lexical, tem como base dois pontos de vista: apoia-se em discussões do período evolucionista e é permeada por debates relacionados à abordagem sincrônica, desenvolvida a partir das ideias de Saussure trazidas no Curso de Linguística Geral (1916). É nessa época que duas correntes dominam os estudos europeus: de um lado, desenvolveu-se a *teoria dos campos semânticos*, de outro, a *análise sêmica*.

Romero-Lopes (2000) mostra que em boa parte das abordagens, identificadas como clássicas por Franckel (2011), elabora-se a hipótese de que os valores semânticos das unidades estão, de uma forma ou de outra, sempre vinculados a valores próprios à unidade linguística, “o que nos conduz às concepções igualmente clássicas e vastamente difundidas de polissemia como pluralidade de sentidos de uma palavra e de contexto como o responsável pela seleção (ou determinação) de um valor semântico preciso” (ROMERO-LOPES, 2000, p. 6). Esse posicionamento conduz a uma metodologia de análise cuja busca pelo que constituiria o sentido de uma dada unidade tem como base a abstração dos possíveis valores adquiridos por essa mesma unidade, de modo a reduzi-los a um núcleo sêmico inerente, carregado de um conteúdo permanente.

A teoria dos campos semânticos, iniciada por G. Ipsen, trabalha a ideia de que “o vocabulário de uma língua se compõe de *subconjuntos estruturados* ou *campos*” (*idem*, p. 29). Romero e Trauzzola (2014) esclarecem que, na tradição dos estudos do que se conhece por *campo semântico* conferido a uma dada unidade linguística, investiga-se o sentido a partir do estabelecimento de relações semântico-lexicais das unidades linguísticas. Dessa articulação, resulta a identificação de palavras determinadas como polissêmicas, sinônimas, hiperônimas-hipônimas *etc.*

Essas breves considerações permitem tratar de nosso posicionamento teórico. Do ponto de vista semântico-enunciativo, identificar as unidades linguísticas como dotadas de um sentido próprio ou intrínseco acarreta a perda de seu estatuto de signo linguístico, além de não dar explicações suficientes ao que sustenta a variação semântica. Afinal, se entendidas como apresentando

um núcleo significativo, o que explicaria a plasticidade das palavras e os múltiplos valores por elas manifestados? Ademais, na teoria do campo semântico, o sentido polissêmico decorrente de uma palavra parte de uma classificação fixada, levando comumente o sentido “denotativo”, “não figurado”, de uma unidade, a uma concepção referencialista.

2.2. Referencial teórico-metodológico do estudo

No quadro epistemológico inaugurado por Antoine Culioli, a saber a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), uma das preocupações é a de debater e questionar noções ainda vigentes que vêm ora da tradição gramatical, ora do próprio campo da Linguística, noções relacionadas ao modo como se concebe a linguagem e que, até hoje, ressoam na nossa realidade de ensino e manejo sobre a língua e a própria atividade de linguagem.

Salientamos que, como consequência desse questionamento, muitos conceitos são reconsiderados, uma vez que “nenhuma definição, inclusive a das noções tidas como as mais ‘elementares’, é considerada como dada, por ser na transparência aparente do elementar que o desconhecido vem à superfície de modo mais opaco” (DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p. 10).

Inscrito no campo da Linguística da Enunciação, Antoine Culioli tem por objetivo estudar “a atividade de linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais (e através da diversidade de textos, orais ou escritos)” (CULIOLI, 2000, p. 14)¹⁵.

Flores (2013) explica que os estudos sobre a Linguística da Enunciação compreendem várias abordagens levantadas em diferentes momentos e, em sua base, há a herança das discussões advindas da Retórica, da Gramática e da Lógica. Estudiosos dessa área vão investigar o processo de constituição do sentido a partir da enunciação.

Cabe, antes, ressaltar que encontramos, de maneira geral e recorrente, a linguagem discutida sob dois aspectos: primeiro enquanto produto que corresponde a um material verbal – logo, um conjunto de formas linguísticas que possuem articulação, prosódia, ordenação; segundo, entendendo-a enquanto

¹⁵ Tradução nossa: “*Je dirai que la linguistique a pour objet l'activité de langage appréhendée à travers la diversité des langues naturelles (et à travers la diversité des textes, oraux ou écrits)*”.

atividade fundamentalmente humana. O que ocorre é que, por vezes, se estabelece uma cisão entre essas abordagens, colocando-se o linguístico em uma posição oposta e distante das operações mentais. Ora, se ocorre essa cisão, é porque, ainda, a linguagem é considerada como “meio”, um “instrumento” que permite o acesso ao pensamento.

Diferentemente, na abordagem culioliana, a atividade de linguagem não é desvinculada do cognitivo, mas ela *constitui* o próprio processo de produção e reconhecimento das formas e, nessa perspectiva, não há relação hierárquica: os sujeitos utilizam-se das formas, na mesma medida que estas constroem e marcam, no processo enunciativo, a presença dos sujeitos¹⁶. Não são levadas em conta as intenções ou finalidades dos falantes, mas nos atentamos às possíveis construções que são desencadeadas a partir dos arranjos linguísticos:

A *enunciação* corresponde a mecanismos operatórios de linguagem implicados na (re)construção do processo de significação próprio aos enunciados – o que, afinal, a condição de “traços” à qual são alçados sugere (...). O sentido é (re)construído – e não dado – nos enunciados: a atividade de linguagem, vale lembrar, não veicula sentidos (ROMERO, 2019, p. 185).

Desta forma, um dos pontos que confere singularidade ao programa culioliano é a elaboração de uma pragmática integrada: todo sentido investigado partirá do enunciado, isto é, daquilo que suas formas permitem construir. Há, portanto, um tratamento estritamente linguístico que fundamenta o processo de significação.

Dito isto, pontuamos as três operações que definem a atividade de linguagem na TOPE: operações de representação, de referenciação e de regulação¹⁷.

Diferentemente da abordagem cognitivista, por exemplo, que toma a linguagem como aparato de tradução do pensamento, a TOPE enquadra-se em uma vertente construtivista, pois é somente a partir do que o agenciamento das

¹⁶ Nessa perspectiva, a enunciação não é entendida como ato, mas como processo de constituição do sentido: a enunciação não é do sujeito – embora ele seja o que o desencadeie – mas da língua: como a língua se enuncia. Como explicam Franckel e Paillard (2011), os mecanismos enunciativos não são externos à língua: “toda organização de formas é da ordem do enunciativo” (p. 88).

¹⁷ Abordamos, com maiores detalhes, e mais adiante, a operação de representação. As operações de referenciação e regulação são tratadas após análises e tomando como princípio o que foi apresentado em relação à operação de representação.

formas permite construir que se chega a uma estabilização do sentido. Conforme explica Romero-Lopes (2000):

Falar em visão construtivista é portanto reforçar a oposição entre *estabilidade semântica inerente à unidade e estabilização* do sentido; é sustentar que a identidade lexical deve ser buscada no próprio desenrolar do processo significativo, na interação que se verifica entre as unidades e seu(s) contexto(s) (ROMERO-LOPES, 2000, p. 7).

Nessa perspectiva, o sentido se estabiliza, mas sempre provisoriamente, nunca é fixado, uma vez que, a cada atualização, uma nova construção se realiza. Portanto, quando Culioli afirma se distanciar de uma vertente cognitivista, mas, ao mesmo tempo, trabalhar sobre operações cognitivas, ele defende a ideia de que a linguagem constitui, funda, uma forma de pensamento:

(...) defendemos que a linguagem não pode ter como fundamento um substrato semântico-cognitivo autônomo de que seja expressão: a linguagem é, em si mesma, uma atividade de construção de sentido e de conhecimento. (...) Esta opção significa que nos opomos a qualquer caracterização fundamentada em uma categoria cognitiva supostamente pré-estabelecida, ou em considerações cognitivas que não tenham em conta a observação das formas linguísticas (quer tais considerações se baseiem no sentido "correto", em uma tradição de pensamento ou nos resultados experimentais da psicologia cognitiva ou da etnologia comparada) (DE VOGÜÉ, 2011, p. 277).

Assim, consideramos que o enunciado não é resultado de um ato de linguagem individual, indicando uma tradução do pensamento; também não sustentamos haver uma cisão entre pensamento e linguagem: o sentido não pertence e não é constituído numa realidade extralinguística. O enunciado é aqui entendido enquanto arranjo de formas e investigá-lo a partir de um trabalho de representação formalizável¹⁸ permite analisar os mecanismos enunciativos que dão a ver as operações das quais é vestígio:

Eu não devo utilizar a forma textual como um simples gatilho, um suporte, mas como compreendendo os próprios fundamentos que vão me permitir ter, eventualmente, essa atividade de interpretação (...). É necessário entender que a atividade de linguagem não consiste em veicular sentido, mas em produzir e reconhecer formas enquanto traços de operações (de representação, referência e regulação). A

¹⁸ A investigação sobre as operações subjacentes à atividade de linguagem passa pela formalização do material verbal. Ou seja, através do empírico dos enunciados engendramos a formalização das operações.

significação não é, então, veiculada, mas (re)constituída (CULIOLI, 1990, p. 25-26)¹⁹.

Conseqüentemente, quando falamos sobre uma teoria da enunciação em Culioli, temos como objeto de estudo o próprio enunciado. A partir dele, buscamos entender: o que o agenciamento das formas permite construir? Quais operações estão subjacentes à atividade de linguagem e à diversidade das línguas? De que maneira as unidades morfolexicais se articulam, numa relação de interdependência com o ambiente textual que se relacionam e constroem seus sentidos?

Na tentativa de responder a tais questionamentos, apresentamos, a seguir, algumas noções que fundamentam o referencial teórico que norteia nossa investigação.

2.3. Princípios fundantes

2.3.1. Os níveis de representação e a questão da invariância

Conforme exposto, da operação de representação que fundamenta a atividade de linguagem, buscamos investigar a maneira pela qual os sujeitos produzem e reconhecem as formas e manifestações linguísticas, que são vestígios das operações de representação²⁰. Assim, tal operação abarca três níveis: nível I – entendido como o nível das representações mentais, cognitivas, notado por *qualitativo*; nível II – entendido como o nível das representações linguísticas, também notado como *quantitativo*; nível III – abordado como o nível das representações metalinguísticas.

Abordamos o cognitivo numa perspectiva que integra igualmente o afeto:

¹⁹ “Je dois nécessairement ne pas utiliser la forme textuelle comme un simple déclencheur, un support, mais comme recélant les fondements mêmes de ce qui va me permettre d’avoir, éventuellement, cette activité d’interprétation (...). Il faut alors concevoir que l’activité de langage ne consiste pas à véhiculer du sens, mais à produire et à reconnaître des formes en tant que traces d’opérations (de représentation, référenciation et régulation). La signification n’est donc pas véhiculée, mais (re)-construite”.

²⁰ Mais uma vez, evidenciamos que a ideia de representação que trabalhamos distancia-se de uma relação de transparência, tradução de um pensamento, porque sustentamos tais representações enquanto traços de operações cognitivas constituídas pela atividade de linguagem.

Quando eu falo de cognição, eu entendo o termo no sentido amplo. O afeto faz parte da cognição; não há de um lado o cognitivo que seria do domínio da racionalidade explícita, e o afetivo que seria o lugar dos sentimentos e da imaginação desenfreada. Trata-se, então, a este nível [cognitivo], de representações que organizam as experiências que nós elaboramos em nossa tenra infância, que nós construímos a partir de nossa relação com o mundo, os objetos, os outros, do nosso próprio pertencimento a uma cultura, dos interdiscursos nos quais nos banhamos (CULIOLI, 1990, p. 21)²¹.

Este nível está ligado às noções, concebidas como “feixe de propriedades físico-culturais que nós apreendemos através de nossa atividade enunciativa de produção e de compreensão de enunciados” (CULIOLI, 1999, p. 9). É tratado também, portanto, como *nível nocional*.

Cabe dizer que a noção, (re)construída de maneira incessante, não é apreendida em toda sua complexidade pelo enunciado que lhe dá corpo, nem corresponde à unidade lexical. Ela se manifesta no processo de enunciação: os “traços da atividade de representação cognitiva (nocional)” (ROMERO, 2019, p. 178) se mostram pelas formas linguísticas, sem que sejam delas independentes. Assim, quando estabilizamos o sentido no material verbal (enunciado), não significa que acessamos a noção por completo, mas, sim, que a instanciamos sob uma determinada ótica, em um esquema predicativo:

Com a noção fazemos, assim, referência a um *conjunto de representações ou de propriedades de ordem qualitativa* que não está ligada a uma categoria em particular (verbo, nome etc.) e que consiste em um elemento pré-verbal indicado por <ser P> (ROMERO, 2018, p. 92)²².

Na vertente culioliana sustentamos que a noção não configura um conteúdo estocado na memória, mas uma representação que nunca cessa de se deformar e de se reorganizar. Assim, o nível I não é constituído por um armazenamento de informações que são acessadas a cada enunciado, mas

²¹ “Quand je parle de cognition, j’entends le term au sens large. L’affect fait partie de cognition; il n’y a pas d’un côté le cognitif qui serait du domaine de la rationalité explicite, et l’affectif qui serait le lieu des sentiments et de l’imagination débridée. Il s’agit donc, à ce niveau, de représentations qui organisent des expériences que nous avons élaborées depuis notre plus jeune enfance, que nous construisons a partir de nos relations au monde, aux objets, à autrui, de notre appartenance à une culture, de l’interdiscours dans lequel nous baignons”.

²² A autora utiliza-se do exemplo <ser PART>, para explicar que tal elemento pode evocar variadas representações como *partir* (o bolo, de casa, os laços); *partida* (uma partida difícil – do jogo ou de alguém); *parte* (do bolo, do contrato); *partilha*; *compartilhar*, *repartir*, *participação* entre outras unidades lexicais que tal noção instancia ao incorporar o enunciado.

envolve representações que são construídas e reformuladas a cada experiência dos sujeitos.

O nível II é constituído pelas representações linguísticas – enunciados – que dão corpo à atividade cognitiva do nível I. O linguístico configura o nocional a partir da construção de um evento enunciativo, dando a ver a noção, como mencionado, sempre sob uma determinada ótica. Este nível, como já mencionado, é notado quantitativo.

Nesse sentido, a relação observada entre cognição e língua(gem) evidencia que o acesso ao cognitivo (nível I) se dá pela língua em uso, cujo agenciamento das formas constrói sentidos diversos.

Tem-se, então, o enunciado enquanto uma corporificação da noção, sendo visto como um agenciamento de formas que não é aleatório, já que traz vestígios das operações cognitivas que o constitui: “percebe-se, assim, que *forma* é um termo que faz referência não apenas às formas empíricas, aos enunciados, ao texto (nível II), mas às operações das quais se originam os agenciamentos de marcadores, denominadas, estas, *forma abstrata*” (ROMERO, 2019, p. 179).

É importante ressaltar que, apesar de haver distinção entre os níveis de representação, essa relação não se funda de maneira hierárquica: há simultaneidade entre os níveis, ao mesmo tempo em que ocorrem perdas entre eles (o linguístico não é um decalque do nocional, daí o motivo da noção nunca ser acessada por completo). Explicamos: na abordagem culioliana, não se trabalha com o sentido em uma relação biunívoca “um marcador – um valor”; não há uma referência extralinguística, pois o valor referencial dos enunciados não é dado, mas construído pelo agenciamento das formas. Com isso, essa perspectiva quebra a visão supostamente estável que existe entre sentido e palavras. A recusa desta relação faz o linguista buscar as múltiplas possibilidades que a língua constrói:

Ora, não temos a relação um marcador – um valor. Nós podemos ter um marcador – vários valores; vários marcadores – um valor. Em outras palavras, o problema da sinonímia e da antonímia, da ambiguidade e da paráfrase, de valores compostos, surgirão

constantemente, em suma, tudo exceto um jogo fixo entre representantes e representações (CULIOLI, 1990, p. 22)²³.

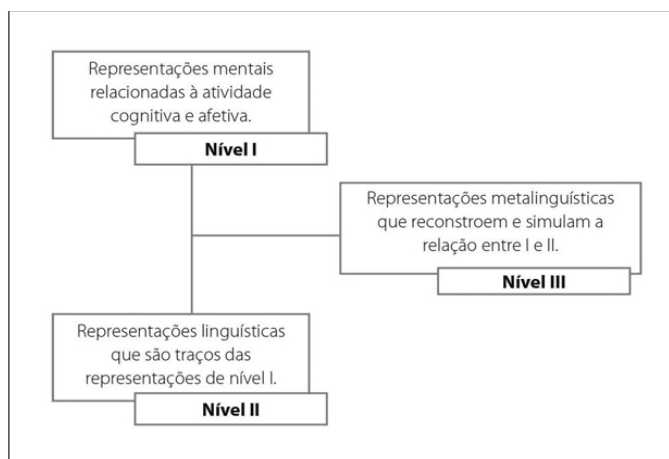
A investigação, a partir do empírico dos textos, sobre as operações de representação (cognitivas) que fundamentam a atividade de linguagem coloca o linguista no trabalho do nível III – metalinguístico. Através da manipulação das formas, busca-se formalizar o que sustenta o jogo entre os níveis I e II. Culioli (1990) explica que:

Essa metalinguagem de representação deve ser uma metalinguagem do cálculo. Calcular é operar fora de minhas intervenções subjetivas (...). É, então, poder decompor os procedimentos de generalização pelos quais nós passamos de uma classe de fenômenos a uma outra classe, de uma língua a uma outra, nunca abandonando a variação empírica de nossa pesquisa sobre a invariância²⁴ (*idem*, p. 23).

O processo de reformulação do empírico se dá de maneira controlada, levando o linguista ao confronto de dados e a uma profunda abstração sobre as interações não quaisquer das formas e suas possíveis significações.

A articulação existente entre os níveis I, II e III é exposta no modelo a seguir:

Quadro 1: Os níveis de representação



Fonte: ROMERO, 2019, p. 180.

²³ “Or, on n’as pas um marqueur – une valeur. Nous pouvons avoir: um marqueur – plusieurs valeurs; plusieurs marqueurs – une valeur. En d’autres termes, va surgir sans arrêt le problème de la synonymie et de l’homonymie, de l’ambiguïté et de la paraphrase, des valeurs composites, bref, tout sauf un jeu fixe entre représentants et représentations”.

²⁴ “Il faut que cette métalangue de représetantion soit une métalangue de calcul. Calculer, c’est opérer en dehors de mes interventions subjectives (...). C’est donc pouvoir décomposer les procédures de généralisation par lesquelles on passe d’une classe de phénomènes à une autre classe, d’une langue à une autre, n’abandonnant jamais la variation empirique dans notre recherche de l’invariance”.

A busca incessante pelo semantismo constitutivo das unidades, que não é da ordem de traços de conteúdo, ocorre pelo fato já observado anteriormente, de não haver correspondência termo a termo entre os níveis I e II. O trabalho de formalização do material empírico mostra ao linguista que a língua possui regularidades (por isso realizado de forma controlada), isto é, uma estabilidade deformável subjacente à atividade de linguagem:

Ela [a linguística assumida no programa culioliano] recoloca, nesse ponto, a questão central de uma variação, mas de uma variação regrada, e cujos modos de regulação decorrem de princípios invariantes. As línguas podem ser consideradas, ao mesmo tempo, exemplares da linguagem (pode-se passar de uma para outra, traduzir, toda criança aprende a língua de seu meio) e indivíduos (uma vez que cada língua é singular, e, de um certo ponto de vista, irredutivelmente específica, e que seja somente porque nenhuma unidade tem exatamente o mesmo funcionamento nem o mesmo comportamento de uma língua a outra) (FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p. 95).

Essa regularidade instaura a busca pela *invariância* das unidades linguísticas, mas sem reduzi-las a um sentido de base, ou a “princípios cognitivos universais independentes das propriedades das línguas” (*idem*).

A TOPE postula que, no semantismo das unidades, há um *princípio organizador* de sua variação semântica a ser reconstituído e formalizado, e não simplesmente traços de conteúdo, como dissemos acima. Isso evidencia ser o que se conhece por *sentido* (ou *acepção*) das formas algo necessariamente circunstancial, fruto de diferentes articulações estabelecidas com o contexto, bem como o caráter produtivo e não aleatório dessas articulações.

A análise realizada sobre as diferentes vertentes gramaticais deixa evidente que o substantivo é visto como o que apresenta um significado que lhe é inerente, sendo este tratado em termos de “traços de significado vocabular”, e isso antes mesmo de ser posto em jogo no processo de enunciação. Com isso, encontramos unidades linguísticas constituídas de um “conteúdo”, um “fragmento semântico”, um “núcleo significativo” que, ao ser entendido como fixo e inerente à própria unidade, auxiliaria no que vem a ser o sentido global do enunciado sempre que a unidade se fizer presente.

No posicionamento teórico aqui assumido, a natureza do semantismo próprio ao substantivo é de outra ordem, visto que ele não se reduz a um

significado em termos de traços, de base ou primeiro, capaz de ser subvertido no processo discursivo.

Sob essa ótica, o processo de significação é estudado tendo em vista a articulação entre as unidades linguísticas e o contexto, e a identidade semântica das unidades é entrevista a partir de sua variação: o que é intrínseco à unidade é a própria variação, e estudá-la possibilita ao linguista chegar à sua invariância²⁵.

Com isso, o contexto, sempre da ordem do linguístico, não está vinculado às intenções dos locutores ou a situações extralinguísticas: uma sequência que contém uma dada unidade linguística, quando estabilizada semanticamente, conforme mostramos a seguir, dá a ver o contexto que estabiliza a referida unidade, sendo esse contexto estimulado pelo próprio potencial que é característico da unidade.

Trata-se, portanto, de partir de uma “desconstrução” do enunciado, para compreender a maneira pela qual as unidades tecem o sentido dos textos quando contextualizadas:

O fato é que, antes de mais nada, os enunciados, tal como as unidades, determinam em grande parte os contextos nos quais eles ou elas podem aparecer. (...) Lidamos, assim, com uma relação entre unidade e contexto que se apresenta em mão dupla: cada unidade determina seus tipos de contexto de inserção e encontra-se definida, em sua identidade própria, pelos tipos de contexto em questão, que são os que constitui sua distribuição; em retorno, é o contexto efetivo no qual a unidade aparece que permite determinar qual é o valor efetivo que ela vai adquirir (DE VOGUÉ, 2013, p. 215).

Tomando como exemplo CHAVE, substantivo ao qual nos interessamos nesse estudo, se em (1) *Quebrou a chave!* temos um enunciado que remete a um contexto no qual um objeto, antes inteiro ou que funcionava, é visto como o que perde sua unidade ou funcionalidade, não é o SN *a chave* que, nele, refere-se, de modo inerente, a um objeto: é o conjunto das formas linguísticas constituindo esse enunciado que faz com que o SN possa ser assim concebido.

²⁵ A invariância está no fundamento do funcionamento linguístico. É o que constitui, por exemplo, a diversidade das línguas e a identidade das unidades tendo em vista seus variados empregos: “a noção de invariância linguística chama pelo próprio conceito de linguagem, compreendida como atividade humana de construção de significação, lugar onde ocorrem as relações primitivas, de caráter semântico, e ponto de partida para o processo dialógico” (ONOFRE, SOSSOLOTE, 2015, p. 638). Observar e trabalhar sobre a variação das unidades permite ao linguista evidenciar quais os parâmetros de funcionamento que regulam tais variações.

Observemos, justamente, que um enunciado como (2) *Mudou a chave*. abre um leque mais amplo de contextualizações, o SN *a chave* podendo ser interpretado, inclusive, como um conjunto de estratégias para a obtenção de determinado título numa competição esportiva, tendo sua direção alterada.

Em suma, os sentidos adquiridos pelo SN *a chave* são oriundos das formas linguísticas por meio das quais a própria significação se elabora nos enunciados, são sentidos necessariamente circunstanciais, o que não nos autoriza a tomá-los como ponto de partida para caracterizar o semantismo de CHAVE a ser estudado.

Isso conduz a buscar o que é esse semantismo no próprio desenrolar do processo enunciativo. Ao refutarmos a hipótese de o substantivo trazer consigo traços de conteúdo inerentes, postulamos um *semantismo* dotado de invariância que se define por “princípios regulares de se estabelecerem relações com os elementos do contexto” (DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p. 25).

A representação no nível metalinguístico evidencia não os sentidos do substantivo, mas os parâmetros que, solicitados por sua enunciação, sustentem o processo do dizer. Se o substantivo apresenta matéria semântica no âmbito do sistema linguístico, a hipótese é a de que esta não se reduz, para um substantivo altamente polissêmico como CHAVE, aos conteúdos com os quais estamos acostumados a lidar.

Romero e Trauzolla (2014) explicam, desta maneira, que as unidades linguísticas não são dotadas de uma estabilidade semântica primeira, não há um núcleo significativo inerente que as constitui: como dito anteriormente, o sentido se dá no próprio desenrolar do processo de significação; na interação da unidade e seu(s) contexto(s) de inserção.

Nesse sentido, a TOPE aproxima-se da ideia proposta por Émile Benveniste (1995) no conceito de *função integrativa*. O autor, em *Os níveis da análise linguística – PLG I*, traz a noção de *nível* para explicar um método de análise que busca entender “a natureza articulada da linguagem e o caráter discreto de seus elementos” (BENVENISTE, 1995, p. 127). Para tanto, tal análise consiste em operações de segmentação e substituição dos elementos. A língua, para Benveniste, abarca níveis diferentes, organizados de maneira hierárquica: os fonemas, e seus traços distintivos; as palavras e as frases, evidenciando o

sentido a condição necessária para que qualquer unidade, de qualquer nível, possa atingir seu *status* linguístico.

A partir dessa discussão, o autor mostra que há relações distribucionais (elementos que interagem entre si no mesmo nível) e relações integrativas (elementos que interagem com outros, de níveis diferentes). Essas relações ocorrem porque “um signo é materialmente função dos seus elementos constitutivos, mas o único meio de definir esses elementos como constitutivos consiste em identificá-los no interior de uma unidade determinada onde preenchem uma função *integrativa*” (BENVENISTE, 1995, p. 133).

Nesse sentido, percebe-se que as relações distribucionais e integrativas são interdependentes, uma vez que uma unidade só é reconhecida como distintiva se for integrante de um nível superior.

A *função integrativa* trazida por Benveniste é um dos conceitos que embasa o estudo sobre a forma esquemática em Culioli, uma vez que “ao definir o sentido em termos da capacidade de o signo se integrar em unidades superiores, promove um modelo de identidade lexical que se encontra no fundamento do conceito de forma esquemática” (ROMERO, TRAUZZOLA, 2014, p. 240).

A forma esquemática²⁶ representa a identidade lexical. Nela, o sentido da unidade linguística é marcado por uma forma dinâmica invariante, forma em que se observa a maneira pela qual as unidades se relacionam com o contexto em que estão inseridas. Mais precisamente, como elas interagem com outros termos presentes no enunciado, convocando as possíveis contextualizações por elas desencadeadas e, em um movimento bilateral, como a própria contextualização age sobre a unidade em questão.

Nessa perspectiva, toda unidade lexical “é compreendida como parte de um esquema de regulação dos modos como os enunciados se constituem e significam” (*idem*, p. 241). A estabilização semântica – ou o sentido adquirido pelo agenciamento das formas – resulta da interação com os elementos linguísticos constitutivos do enunciado: o que se conhece por *sentido* marca o término de um processo de significação que só ocorre pela integração do sintagma em uma proposição.

²⁶ A noção e o modo como se elabora a forma esquemática são retomados e abordados no terceiro capítulo.

O mais importante para um trabalho reflexivo talvez seja não apenas mostrar que uma dada unidade linguística sempre varia e que ela comporta inúmeras possibilidades interpretativas, mas que, na origem da própria variação, existe uma *invariância* dotada de regularidades.

Assim, é a partir da observação do fenômeno da variação das unidades que se chega a sua invariância, tendo em vista a singularidade de cada uma das formas e o que delas se deforma, (re)constrói e mantém estável sob diversas ocorrências.

2.3.2. Identidade semântica e valor semântico

Como visto, tratar o enunciado como um arranjo de formas é distanciá-lo da concepção clássica da língua enquanto tradução do pensamento: o sentido dos textos é construído no próprio desenrolar da língua e não pré-concebido de maneira independente ao funcionamento linguístico.

Frequentemente, vemos análises que tratam de unidades lexicais enquanto pertencentes a um mesmo campo semântico, devido aos seus sentidos que se aproximam em determinados contextos de inserção.

Na abordagem culioliana, a análise é sempre de uma unidade em sua singularidade. Parte-se da observação do comportamento enunciativo de uma dada unidade em variados contextos, *i.e.* dos termos que ela demanda para se enunciar. O que importa, ao analisar o comportamento da unidade em relação aos termos por ela demandados, é recuperar os princípios que regulam a atividade enunciativa.

Para dar mais um exemplo, o estudo realizado sobre os verbos *romper* e *quebrar* por Romero e Trauzzola (2014) mostra o que os aproxima semanticamente e, ao mesmo tempo, os distancia e faz de cada um a unidade linguística única que é.

Assim, as sequências (A1) *O cano rompeu* e (A2) *O cano quebrou*, por mais próximas que pareçam, trazem especificidades próprias ao funcionamento verbal. Em (A1), o sintagma *o cano* evoca a representação de *cano* como contentor, isto é, de um elemento que retinha algo (por exemplo água, gás etc.) e deixa de fazê-lo, perdendo a sua capacidade de retenção. O verbo ROMPER,

ao relacionar-se com o SN *o cano*, convoca, assim, uma cena enunciativa em que algo que antes estava em funcionamento (o cano), contendo determinado elemento (por exemplo, *água*), perde a sua funcionalidade. A interação estabelecida entre os termos funciona em uma relação continente/contido (*cano/água*), mais amplamente, retentor/retido.

No caso de (A2), *o cano* se apresenta numa relação de solidariedade estrutural, ou seja, o verbo QUEBRAR evoca a ideia de uma ruptura estrutural, fazendo com que o elemento perca a sua inteireza. Deste enunciado, poderia decorrer uma representação de um cano que, inclusive, não está sequer em funcionamento (que nada contém), sentido bastante diferente do que se observa em (A1).

Esta ilustração em que se analisam, de um lado, como cada verbo apreende o SN *o cano*, de outro, os contextos que daí decorrem, evidencia, nesse trabalho específico de reformulação paulatino, os princípios que sustentam a variação semântica de *romper* e *quebrar*, e que esses verbos, apesar de serem tomados como sinônimos em dados ambientes textuais, possuem um funcionamento enunciativo próprio.

A investigação sobre o papel específico que as unidades linguísticas desempenham nos enunciados ocorre através da manipulação e reformulação dos textos, tendo em vista, portanto, a articulação e interação entre as unidades e os sentidos por elas construídos.

Tomemos dessa vez como ilustração uma sequência não estabilizada semanticamente, caso de *Mudou a chave*. Podemos observar as diversas cenas enunciativas que essa sequência evoca, e que fazem dela um enunciado. Ela pode, por exemplo, ser interpretada como a substituição da fechadura de uma porta que acarreta a mudança da chave, como em *Trocamos as fechaduras dos armários e mudou a chave de todos os funcionários*. Pode, também, remeter à mudança da chave de acesso a um sistema, como se vê em *Como recuperar a senha de acesso do seu computador com Windows 10; algo que pode ser extremamente útil se você mudou a chave de entrada recentemente*²⁷. É possível, ainda, que a mesma sequência evoque o contexto de mudança de

²⁷<https://www.tudocelular.com/curiosidade/noticias/n151846/dica-tutorial-recuperar-senha-acesso-windows-10.html>. Acesso 02/02/2020.

disputa em uma dada competição de um time de futebol, como em *Mudou a chave novamente: agora, o Sampaio Corrêa enfrenta a Ponte Preta*²⁸, ou a alteração de algum acontecimento ou fenômeno, como em (...) *acabei de ver que mudou a chave e geral está muito para “emagrecer”. Antes era mais para exercício em casa somente*²⁹.

Com esse tipo de procedimento, levantamos quais contextos são possíveis a partir da presença do SN *a chave* na sequência *mudou a chave* a fim de verificar de que maneira esses mesmos contextos abertos pela sequência estabilizam o sentido do SN em questão, quais características e propriedades lhe atribuem.

Vemos, assim, que a dinâmica interativa, fundamento da construção do sentido, estabelece uma relação entre a significação e a contextualização: o contexto é demandado, convocado, a partir do encadeamento das unidades em uma dada sequência. E o fato de ser demandado ou convocado não significa que ele seja externo ao enunciado: numa relação dialética, podemos dizer, de um lado, que o contexto é convocado pela interação entre as unidades, estabilizando semanticamente determinada sequência e, de outro lado, que a própria sequência desencadeia contextualizações não quaisquer, mas as compatíveis como o próprio funcionamento enunciativo da unidade, corporificando no material verbal o que se entende por enunciado bem formado:

Não se trata de partir do produto acabado (da interpretação de um enunciado) para ver como redistribuir parcelas de sentido aos diferentes componentes desse enunciado; não se trata mais de partir da interpretação estabilizada; trata-se de partir de *potenciais* vinculados a encadeamentos de palavras (sequências), de analisá-los como determinando uma espécie de trajeto dinâmico (FRANCKEL, 2011, p. 23).

Romero (2019) explica que a boa formação de um enunciado está relacionada ao custo enunciativo de uma dada produção linguística para que ela seja interpretada ou semanticamente estabilizada. Não nos referimos, assim, a julgamentos de aceitabilidade de uma dada forma a partir de um sentido prévio, pois todo enunciado é analisado a partir de construções então (re)formuladas a

²⁸<https://imirante.com/oestadoma/noticias/2018/03/13/mudou-a-chave-novamente/>. Acesso 04/06/2019.

²⁹https://twitter.com/agentbrown_/status/1241056041539784704. Acesso 21/03/2020.

cada atualização. Este raciocínio vai ao encontro daquilo que Culioli (1990) estabelece sobre a deformabilidade das unidades linguísticas:

Parece-me desnecessário insistir no conceito de estabilidade. Sem estabilidade, não haveria ajustamento regular, comunicação, qualquer que seja o sentido que se dê a esse termo, e a interação seria apenas uma sucessão de eventos sem coerência (...). Mas a estabilidade não pode ser confundida com rigidez ou imutabilidade. Os fenômenos linguísticos formam sistemas dinâmicos regulares, mas com uma margem de variação devido a fatores de grande diversidade: estamos lidando com fenômenos que são estáveis e plásticos. Vamos tentar esclarecer qual é o conceito de deformabilidade. Seja uma configuração, situada em um espaço específico (sistema de orientação³⁰; jogo de forças intersubjetivas); chamaremos transformação toda operação que transforma uma configuração em outra. A deformação é uma transformação que modifica uma configuração, de modo que certas propriedades permaneçam invariantes sob a transformação, enquanto que outras irão variar (CULIOLI, 1990, p. 129)³¹.

Este modo de se trabalhar sobre as unidades linguísticas mostra que os enunciados, a princípio, demandam por uma estabilização, o que atesta igualmente que nenhum sentido é construído antes do processo enunciativo.

Rezende (2008) explica que a atividade epilinguística³² é “sinônimo de linguagem” (p. 97) e desenvolver o estudo das línguas em articulação com a

³⁰ O conceito de “sistema de orientação”, em francês, *systeme de repérage*, desenvolve a ideia de que os termos nunca estão isolados, mas sempre em relação a outro(s) termo(s): “um objeto só adquire um valor determinado graças a um sistema que, ao apreendê-lo necessariamente em uma relação, faz dele um *termo orientado* por um *termo orientador*” (ROMERO, 2019, p. 220). Isso quer dizer que as propriedades dos termos não são anteriores a sua instanciação nas relações, pois será a própria articulação destes que organizará a orientação e valor entre os termos.

³¹ “*Il me paraît inutile d’insister sur le concept de stabilité. Sans stabilité, il n’y aurait pas d’ajustement régulier, pas communication, quelle que soit la portée que l’on donne à ce terme, et l’interaction ne serait qu’une succession d’événements sans cohérence (...). Mais la stabilité ne saurait être confondue avec la rigidité ou l’immuabilité. Les phénomènes linguistiques forment des systèmes dynamiques qui sont réguliers, mais avec une marge de variation due à des facteurs d’une grande diversité: on a affaire à des phénomènes qui sont à la fois stables et plastiques. Essayons de préciser ce qu’est le concept de déformabilité. Soit une configuration, située dans un espace spécifié (système de repérage paramétré; jeu de forces intersujets); nous appellerons transformation toute opération qui transforme une configuration en une autre. La déformation est une transformation qui modifie une configuration, de sorte que certaines propriétés restent invariantes sous transformation, tandis que d’autres vont varier.*”

³² A atividade epilinguística, explicada por Culioli como uma “racionalidade silenciosa”, apesar de não passar pelo dizível, abarca a atividade de linguagem e, portanto, tem como ser compreendida por meio de uma forma (o nível linguístico), contanto que sejam levadas em consideração as reduções que, inevitavelmente, ocorrerão. Assim, o nível das representações linguísticas (nível II), apesar de sustentar uma ordem aparente, oculta o “caos epilinguístico”, isto é, “uma atividade permanente que projeta caminhos possíveis a serem estabilizados” (ROMERO, 2011, p. 154). O epilinguístico consiste, desta maneira, em uma atividade interna não consciente, apreendida por meio de esquemas de operações que, corporificadas no nível linguístico, deixam vestígios dessa racionalidade silenciosa, ou seja, de uma atividade interna passa-se a uma

linguagem compreende a necessidade de manejo dos arranjos e valores linguísticos. Portanto, no fundamento do trabalho epilinguístico, tem-se a *parafrasagem*, por nós denominada *prática de reformulação (de enunciados) controlada*, como vemos na próxima seção.

Postulamos, assim, que a própria natureza dos enunciados sustenta a proliferação do sentido, a atividade de linguagem consistindo no trabalho permanente de *equilibração* (REZENDE, 2008), de ajustamentos intersubjetivo e transindividual³³. Daí, justamente, “um mesmo sujeito pode[r] fazer uma leitura de uma expressão linguística de um certo modo e daí a instantes fazê-la de modo diferente” (REZENDE, 2008, p. 98).

Desta maneira, são as formas que constroem sentidos. O sentido se elabora a partir de operações cognitivas que fundamentam a atividade de linguagem, de modo que “a significação (...) se constitui de uma dinâmica da construção estabelecida nos enunciados e pelos enunciados” (FRANCKEL, 2011, p. 43).

Ao mesmo tempo em que a articulação entre as unidades constrói o sentido, há o que se mantém constante, o que regula o agenciamento das formas no enunciado de maneira não qualquer. A busca pela invariância a partir de um trabalho metalinguístico que envolve a prática de reformulação controlada é o que nos leva a encontrar a identidade semântica das unidades.

No que diz respeito à referenciação, assumimos a perspectiva de construção de valores referenciais que procedem de uma dinâmica própria da língua. Para nós, estes valores dizem respeito ao modo como se organiza a variação, como veremos no terceiro capítulo, e só se estabilizam provisoriamente, quando inscritos no jogo intersubjetivo de ajustamento e regulação. Logo, é a partir das operações enunciativas que se constroem as operações de referenciação.

atividade externa sendo que “por trás de toda exteriorização – logo, de cada enunciado –, existem operações que se fazem sempre presentes e que nele deixam traços” (ROMERO, 2019, p. 194).

³³ A operação de regulação compreende os ajustamentos postos em jogo no processo de referenciação. Daí, considera-se o *intersubjetivo*, i.e. a relação existente entre os níveis I e II que estão no cerne da atividade de linguagem: não há estabilidade *a priori*, por esse mesmo motivo ocorrem os ajustamentos, que se dão entre o próprio indivíduo consigo próprio e entre indivíduos (*transindividual*): “Na troca comunicativa, em que se busca mutuamente (re)construir o enunciado por ajustamentos, surge, então, o *transindividual*, parte coletiva da própria comunicação, na qual é feita referência ao indivíduo produtor-reconhecer de enunciados” (ROMERO, 2019, p. 222).

Assim, para a TOPE, a referenciação é trabalhada tendo em vista as operações que buscam “uma ordem própria que não é o decalque nem de um pensamento e nem de um referente externo” (DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p. 21). Não há um sentido anterior ao processo de enunciação: cada enunciado, em seu agenciamento, diz exatamente o que quer dizer, e o acesso ao seu sentido só é possível por meio de um processo de abstração que envolve a prática de reformulação controlada ou atividade de *glosa*.

2.3.3. A prática de reformulação controlada ou glosa

Como base analítica para a compreensão da significação das unidades e dos enunciados, a TOPE apoia-se na prática de elaboração de glosas, um modo de reformulação controlada em que se propõe “uma atividade metalinguística, específica da linguagem humana, que apreende o sentido apenas quando o faz circular por meio de formas diferentes, na fluidez de ajustes jamais definitivos” (FRANCKEL, 2011, p. 103).

A glosa busca tornar consciente as operações linguístico-cognitivas que se dão de maneira não consciente, formalizando “um saber sustentado por nossa atividade epilinguística” (ROMERO, TRAUZZOLA, 2014, p. 241) durante a produção-reconhecimento dos enunciados. Trata-se, portanto, de um trabalho de abstração que compreende a parafraseagem das unidades em variados contextos (porém não quaisquer, daí ser uma atividade controlada) de reformulação, a fim de identificar os processos enunciativos que levam à construção do sentido das unidades:

Podemos considerar a glosa de um enunciado como proveniente de um nível intermediário no vaivém entre o empírico e o formal. Essa abstração não impede sua ancoragem na interpretação empírica do enunciado que ela formula, mas, ao permitir escapar à evidência ofuscante da compreensão imediata, ela visa a estabelecer uma desintração do papel desempenhado na construção do sentido desse enunciado pelas unidades que o constituem (FRANCKEL, 2011, p. 121).

Sendo assim, tal metodologia investiga o que identifica semanticamente as unidades considerando-se os contextos linguísticos por ela demandados, bem como os termos que com ela interagem, levando-a à sua própria estabilização semântica.

Não é demais lembrar que o trabalho com a glosa não tem por objetivo o estabelecimento de sinônimos locais, pois “não se trata mais de mobilizar uma ou outra unidade de sentido próximo em um contexto dado para estabelecer uma reformulação, mas, pelo contrário, de considerar seus sinônimos como lugar de análise do que os distingue da unidade considerada” (*idem*).

Com efeito, explorar a sinonímia como recurso para explicar o sentido de uma unidade conduz ao afastamento de sua identidade, ao passo que, na prática da glosa, o que se explora é o que se mantém estável, o que é regular e constante na variação constitutiva das unidades lexicais.

Com isso, a atividade de glosa supõe um trabalho de abstração controlada pelo analista por meio das regularidades que as próprias unidades mobilizam e constroem. Portanto, não se tem uma prática subjetiva, e sim:

(...) um trabalho de formalização da linguagem por meio de si própria.
 (...) Esse tipo de tentativa fundamenta-se no postulado de que a língua constitui um sistema autônomo, munido de uma organização própria, que só é apreensível por meio dela mesma, em suas manifestações formais. As formas da língua tornam possível sua própria formalização, embora isso se dê com um grau de complexidade que sempre a excede (FRANCKEL, 2011, p. 120-121).

Aparentemente simples, esse procedimento analítico está longe de poder ser assim considerado, e isso por nos impor deixar de lado a percepção de um “sentido imediato” que lhe é atribuído para buscar as determinações oriundas de outros termos com o qual se enuncia.

A partir de um levantamento minucioso dos empregos do substantivo *chave*, cada uso é examinado individualmente, com vistas a verificar as determinações únicas que lhe são conferidas pelos termos por ele solicitados para ser empregado nos enunciados. Podemos nos perguntar o que faz, por exemplo, *chave* funcionar, enunciativamente, com *cadeia*, já que é possível a construção *chave de cadeia*, ou por que se diz *a chave do problema* (ou *do enigma*) etc. Quais são as condições que tal substantivo impõe a *cadeia*, *problema* ou *enigma* para fazê-los, com ele, se enunciarem?

A reformulação controlada dos enunciados subsidia, de forma contínua, a investigação sobre o que há de regular, constante, sistemático, em uma palavra, *invariante*, no processo de significação do substantivo *chave*, evidenciando suas

operações enunciativas para confrontá-las e/ou recuperá-las diante dos enunciados a cada vez reformulados.

2.4. Considerações preliminares

As reflexões iniciais expostas neste capítulo suscitam a necessidade de repensar o tratamento conferido à língua e o entendimento que se tem sobre a linguagem enquanto atividade.

Considerando as vertentes apresentadas no primeiro capítulo e a maneira pela qual é entendida a classe dos substantivos, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas nos convida a desenvolver um olhar mais reflexivo sobre a diversidade e singularidade que fundamentam o processo enunciativo.

Com isso, as contribuições da teoria na investigação sobre o substantivo CHAVE deixam evidente que a unidade linguística se distancia de uma definição sustentada por um valor (ou valores) semântico(s) de base: contrariamente, entendemos que há um funcionamento que regula a construção de seu sentido, de modo que partir de suas variações é o que permite a conscientização do movimento dinâmico e, ao mesmo tempo, singular que a caracterizam.

Cabe dizer, ainda, que o trabalho que a teoria postula está intimamente ligado ao terreno do ensino: de um posicionamento classificatório e estático que orienta as práticas de ensino da língua portuguesa passa-se para um posicionamento dinâmico, de operações, que estimula um trabalho metalinguístico e a criatividade dos sujeitos:

A gramática, portanto, também é dinâmica e se deixa compor de diferentes maneiras para se chegar ao sentido que se quer criar. Assim, se a significação é fruto das relações gramaticais, léxico e gramática estão vinculados e não podem ser considerados a partir de valores estanques. Faz-se necessária, portanto, uma metodologia de análise que conduza à compreensão (...) dos mecanismos de linguagem (...) (SALVIATO-SILVA, 2009, p. 164).

Os conceitos fundantes expostos neste capítulo orientam as análises que seguem no próximo, possibilitando uma maior compreensão sobre a metodologia ora apresentada.

CAPÍTULO III – Funcionamento semântico-enunciativo de CHAVE

*Desaprender oito horas por dia ensina os princípios (...)
Respeitar repetir – até ficar diferente
Repetir é um dom do estilo
Manoel de Barros*

No primeiro capítulo, levantamos discussões tomando por fundamento o modo como as diferentes vertentes tratam da questão concernente ao semantismo das unidades morfolexicais e ao processo de significação a elas relacionado. Encontramos nas obras analisadas, no que diz respeito à classe dos substantivos, a concepção de que as unidades lexicais são constituídas de traços semânticos inerentes, evidenciando, assim, que em vez de se investigar o processo de significação dos enunciados aos quais elas se integram, busca-se o semantismo da unidade, sendo este “valor de base inerente” a contribuição a ser dada para o referido processo, ainda que isso ocorra de formas diversas.

No que nos interessa mais particularmente, como expusemos no segundo capítulo, investigamos o que vem a ser o semantismo da palavra CHAVE – ou sua *identidade semântica* – tendo em vista as diversas articulações que a unidade lexical estabelece no processo enunciativo de construção da significação. Importa-nos, assim, reforçar que, para a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, o ponto de partida é sempre o material verbal constitutivo do enunciado, para que, nele fundamentado, se observe a construção do sentido “irredutivelmente específico e instável, e que tem na opacidade sua propriedade constitutiva” (FRANCKEL, 2011, p. 31).

A não adequação dos níveis I e II de representação nos distancia de uma relação biunívoca “um marcador – um valor”. Com isso, trabalhamos com o fato de que o sentido (nunca determinado e acabado) das unidades linguísticas está diretamente relacionado com as representações mentais construídas pela atividade de linguagem.

Nossa busca pela invariância não sustenta a ideia de que há “uma categoria primitiva ou princípios inatos” (ROMERO, 2011, p. 182) que definem o valor das unidades previamente. A concepção culioliana baseia-se no fato de que o sentido, elaborado através do que as formas permitem dizer, é compreendido como único e singular, tendo em vista que só o que é dito diz o

que é dito, e, a cada atualização, vemos que um enunciado, semanticamente estabilizado, pode se deformar, dando a ver novos valores a partir do que construir o arranjo das formas:

Nunca observamos nos enunciados o valor próprio ou primeiro de uma unidade. O instável é, aqui, primeiro, e a estabilização só se estabelece por meio das interações da palavra com o meio textual que a cerca, essas interações revelando, segundo hipótese que sustenta a teoria, princípios regulares. À noção de *polissemia* se substitui a de *variações reguladas* no seio das interações. A unidade é definida não mais por um conteúdo preestabelecido, mas por propriedades passíveis de serem apreendidas pelo *papel* específico que ela apresenta nos diferentes tipos de interação nas quais ela entra, não sendo esse papel visto como um sentido próprio da unidade (FRANCKEL, 2011, p. 51).

Observar o movimento de reconstrução e plasticidade da língua deixa evidente que, subjacente à atividade de linguagem, há, como vimos sustentando, uma *invariância*, um princípio regular deformável. Interessa, assim, neste capítulo, mostrar que o substantivo CHAVE integra construções variadas e que, por trás de seus inúmeros empregos, há uma forma invariante, que constitui a sua identidade semântica, capaz de explicar o funcionamento específico desta unidade linguística.

3.1. Metodologia de coleta do corpus

Antes de apresentarmos as análises dos enunciados, explicamos, nesta seção, a maneira pela qual foi organizada a coleta do corpus que compõe a pesquisa.

O levantamento dos enunciados com o substantivo CHAVE considerou, inicialmente, suas acepções atestadas em fontes lexicográficas, tendo como base as seguintes obras:

- A** FERREIRA, A.B.H., **Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa**, 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- H** HOUAISS, A; VILLAR, M.S., **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, 1ª Ed – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Após verificar, para o verbete CHAVE, cada uma das ocorrências apresentadas nestas fontes, partimos para uma pesquisa na WEB, acessando

redes sociais, blogs, sites de notícias, fóruns de discussão, letras de música, reportagens, sites religiosos, etc., a fim de coletar os múltiplos contextos em que CHAVE se manifesta. Cabe dizer que todos os enunciados coletados da WEB advêm de registros na modalidade escrita, não havendo nenhuma transcrição de áudios ou vídeos online.

O levantamento dos dados nos levou, inicialmente, a um total de 330 (trezentos e trinta) enunciados. A partir dos resultados, foi realizada uma seleção excluindo sequências com contextos semanticamente aproximados, como por exemplo, [a] *Empatia: a chave para uma experiência bem-sucedida do cliente e Empatia pode ser chave para ajudar seu filho a lidar com essa explosão de emoções* (L14W12)³⁴.

Após esse procedimento, o corpus foi reduzido a 176 (cento e setenta e quatro) enunciados, dos quais 32 (trinta e dois) são provenientes das fontes lexicográficas e 144 (cento e quarenta e dois) oriundos da WEB.

Para organização dos dados, estruturamos uma tabela, disposta em sete colunas, cuja divisão consiste em:

1	Fonte lexicográfica (A/H)	Sintagma nominal/ Exemplo	Exemplo WEB	Enunciado	Site/Data de acesso	Observações pessoais
---	---------------------------	---------------------------	-------------	-----------	---------------------	----------------------

Assim, a primeira coluna indica a numeração das linhas; a segunda, a sigla da fonte lexicográfica da qual o enunciado foi extraído; na terceira coluna, são apresentados enunciados coletados a partir do que se observa nas fontes lexicográficas, com pequenas variações. O intuito é o de verificar se o que foi apresentado pelas fontes lexicográficas é atestado no uso.

Por exemplo:

SINTAGMA NOMINAL e/ou EXEMPLO		
1.	A1.	Por muitos anos o Pelé foi a chave da seleção brasileira.
115.	H5	A obra de Saussure é a chave da linguística moderna.

³⁴ Como veremos abaixo, a notação L14W12 indica o número da linha, no caso, 14, na qual se verifica o exemplo de número 12 extraído da web.

Temos, aqui, na primeira coluna a numeração das linhas – linha 1, linha 115; na segunda, temos A1, que indica exemplo 1 mencionado por Aurélio, ou H5, exemplo 5 mencionado por Houaiss; por fim, na terceira coluna, a transcrição do exemplo.

Na continuidade da tabela, temos a quarta coluna, que indica a numeração dos enunciados provenientes da *web*, e a quinta coluna, que é o registro desses enunciados, que atestam os exemplos retirados dos dicionários.

Importante ressaltar que no momento da coleta de dados da *web*, consideramos, como observado, proximidades de construção, desde que sejam mantidos os mesmos valores semânticos adquiridos pelo termo. Portanto, é possível que se encontre na terceira coluna uma construção minimamente distinta da correspondente à quinta coluna.

Por exemplo:

		SINTAGMA NOMINAL e/ou EXEMPLO	WEB	ENUNCIADOS
3.	A2	Chave de um problema	W1	Talvez a chave do problema , e sua grande solução, morem justamente aí. Perder o medo do medo.
114.	H4	Chave de um enigma	W111	Na chave deste enigma , está a cooperação solidária internacional (...)

Nesse exemplo, o enunciado “Talvez a **chave do problema**, e sua grande solução, morem justamente aí. Perder o medo do medo”, notado L3W1, por aparecer na linha 3 como 1º enunciado extraído da web, difere da entrada no dicionário Aurélio pela presença de um artigo definido. Embora *chave de um problema* e *chave do problema* certamente apreendam o termo *problema* de modo diferente, no que consiste ao termo CHAVE, não há diferenças em relação ao valor semântico que lhe é atribuído.

O intuito do trabalho de levantamento de dados apoia-se na busca dos diversos ambientes textuais em que a unidade linguística se insere, o que nos permite, com isso, identificar, de um lado, os usos efetivos que CHAVE manifesta e os contextos linguísticos que convoca, de outro, como o próprio contexto por ela aberto contribui para delimitar o seu valor semântico.

Por esse motivo, partimos dos exemplos da terceira coluna (retirados de dicionários) para observar como os enunciados da quinta coluna (língua em uso) se materializam.

A sexta coluna é composta pelas informações dos endereços eletrônicos dos quais foram retirados os enunciados da *web* e a data em que os acessamos, e a sétima coluna, por fim, é destinada a possíveis observações a respeito da coleta, como, por exemplo, casos em que os enunciados sejam apenas encontrados em sites do português europeu.

Dadas as devidas explicações da organização do corpus, cabe esclarecer que ao apresentarmos os enunciados ao longo das análises, eles são especificados com a notação indicando o seu posicionamento na tabela. Como já explicado, L3W1, por exemplo, remete à linha 3, exemplo 1 da *web*.

3.2. A variação de CHAVE

O substantivo CHAVE apresenta ampla variação de uso, o que faz com que ele se aproxime, semanticamente, de *solução* no SN *a chave do problema* em *Talvez a chave do problema more justamente aí*; ou de *cárcere*, no SV *meter na chave* em *Como seria bom a polícia meter na chave esse tipo de malandro*, entre outras ocorrências apresentadas ao longo da análise.

Ademais, encontramos CHAVE em construções seguidas de sintagmas preposicionais que podem apenas especificar de que objeto se trata (*chave de fenda, chave de roda, chave de casa*), como, também, assumir outro valor que mobiliza com CHAVE mecanismos enunciativos que vão estabelecer sentidos distintos em relação à representação de instrumento que movimenta fechaduras, como em *Sustentabilidade é chave para recuperação da Serra da Piedade*. Neste exemplo, tem-se uma situação (considerada um problema) para a qual a introdução de CHAVE gerencia uma possível caminho para a resolução do problema. Aqui, o emprego do termo CHAVE constrói com o SP *para recuperação* uma relação de circunstancialidade, em que, de uma situação inicial, passa-se a outra pelo que CHAVE apresenta como solução.

Apresentamos, neste capítulo, um conjunto de exemplos significativos, selecionados do corpus que compõe a pesquisa, a fim de explorar a variação da palavra CHAVE em seus diferentes empregos. O objetivo é o de propor uma formalização preliminar sobre o que vem a ser a invariância constitutiva da unidade em questão.

Cabe reafirmar que este trabalho de busca pela invariância apoia-se na elaboração de glosas e no exercício de paráfrase para analisar os mecanismos enunciativos postos em jogo pelo substantivo CHAVE que, de um lado, sustentam a construção de suas ocorrências e, de outro, são convocados pelo ambiente textual que os configura, posto que se manifestam sempre sob perspectivas diferentes. Assim,

Tendo cada sequência a propriedade de determinar o tipo de contexto que fundamenta a sua interpretação e a sua instituição em “enunciado”, a contextualização torna-se um meio privilegiado de explicitar a diferença de sentido entre duas sequências de sentidos à primeira vista pouco distinguíveis, pelo menos de modo controlável (FRANCKEL, 2011, p. 115).

Reiteramos, portanto, que a atividade de reformulação controlada permite que se trabalhe sobre determinado emprego da palavra, em uma dada sequência. Isso significa que, ao esmiuçar o funcionamento enunciativo da unidade, não nos interessamos propriamente pelo valor semântico por ela adquirido, mas buscamos compreendê-lo nas relações que o estabelecem, mais precisamente, nas relações a partir das quais ele se elabora.

Nosso trabalho, desse ponto de vista, mostra que a unidade adquire um valor em potencial quando interage com seu contexto verbal, isto é, com os elementos que compõem determinado enunciado.

Os enunciados são analisados sem uma ordem específica de apresentação. O intuito, nesse primeiro momento, é atentar para as representações evocadas. Na continuidade do capítulo, eles são retomados considerando-se o modo como se organiza a variação.

Consideremos, assim, o enunciado (1):

1) *Em «A Teia», depois de Diogo ligar e dizer para Lara ter cuidado porque Marta está desconfiada, alguém tenta meter uma chave na fechadura e Lara pensa que é Marta que descobriu que ela está viva. (L69W67)*

Tem-se, neste enunciado, CHAVE empregada prototipicamente³⁵. O SN *uma chave (na fechadura)* constrói uma representação na qual CHAVE se refere

³⁵ Referimo-nos ao valor prototípico enquanto o que é recorrentemente apresentado nas fontes lexicográficas. Contudo, não sustentamos que os demais valores que a unidade possa ter sejam extensões desse sentido primeiro, o que será visto no decorrer das análises.

ao próprio objeto de abertura/fechamento de portas, janelas, cadeados *etc.*, que se vê, na cena enunciativa aqui observada, utilizado com o intuito de gerenciar a possibilidade de passagem de um ambiente a outro. A representação é a de que, destravada a fechadura, abre-se o que bloqueia a passagem (a porta, por exemplo).

2) *Todo mundo deve ter ao menos duas chaves de fenda em tamanhos diferentes. Esse utensílio ajuda em diversas operações, como trocar a resistência de um chuveiro e consertar a estrutura de algum móvel. (L36W34)*

O SN *duas chaves (de fenda)* constrói uma representação que remete a uma ferramenta própria para se introduzir na fenda de um parafuso, a fim de apertá-lo ou afrouxá-lo em relação à outra peça, a depender do intuito de quem a utiliza.

3) *Se a pessoa perceber durante o banho que a temperatura não está adequada nunca deve mudar a chave com o chuveiro ligado. (L79W77)*

O SN *a chave* evoca a representação de um sistema elétrico que regula a corrente elétrica que o atravessa. Neste caso, *mudar a chave* exprime o dispositivo embutido na própria estrutura do chuveiro, marcado por uma gradação, que gerencia a passagem de corrente que aquece a temperatura da água.

4) *Policia de Nova York é detido após realizar prisão com chave de braço. (L71W69)*

O policial detém um indivíduo por meio de um golpe intitulado *chave de braço*. O termo CHAVE, apreendido pelo SP *de braço*, constrói a representação de um movimento de fechamento (ou *estrangulamento*): os braços do agressor sobrepostos no pescoço da vítima inibem-lhe sua oxigenação e seus movimentos. De um estado inicial de mobilidade, passa-se a um estado posterior de imobilidade, estado este desejado por parte de quem aplica o golpe. Nota-se que numa “chave de braço” é a própria estrutura do braço que é mobilizada a partir do que CHAVE evoca.

5) *Para os formadores de opinião, é claro que o projeto está sendo boicotado, isso porque o juiz Moro pode meter na chave a qualquer momento o chefe do grupo Coelho, o senador Fernando Bezerra (MDB) devido a um inquérito que foi aberto em 2015. (L67W65)*

O enunciado convoca uma cena enunciativa na qual é sugerido um movimento de aprisionamento: um indivíduo sendo conduzido à prisão. Neste caso, o termo CHAVE integra o SP *na chave* e, associado ao verbo *meter*, constrói o movimento evocado. Assim, CHAVE é o que gerencia a possibilidade de passagem de alguém (o *chefe do grupo Coelho*) que se encontra em um estado inicial (de liberdade) a um estado posterior (de privação de liberdade), estado este desejável por parte de quem realiza o aprisionamento.

6) *O eleitor é mais corrupto que o próprio político. Como seria bom a polícia meter na chave este tipo de malandro. (L68W66)*

Novamente, temos o SP *na chave* apreendido pelo verbo *meter*, construindo a representação do movimento de aprisionamento. Neste caso, o estado inicial é caracterizado pelo exercício de liberdade do qual goza o eleitor; a passagem, aqui, indica o seu trancamento, *i.e.* a perda de sua liberdade. O que é considerado como saída se inverte: a saída é colocar alguém na prisão.

7) *Frente a qualquer sensação ruim, as pessoas já procuram tratamento, como se não pudessem sentir o que sentem”, diz. Nunca sentimos tanto medo – e, pior, nunca tivemos tanto medo dessa sensação. Talvez a chave do problema, e sua grande solução, morem justamente aí. Perder o medo do medo. (L3W1)*

Nesse enunciado, o sintagma preposicional (SP) *do problema* orienta o funcionamento do termo CHAVE: é sobre *o problema* que *a chave* incide. Neste caso, *a chave* remete a uma estratégia para a solução de determinado problema, o que evoca a representação de um caminho ou movimento de abertura. Há uma situação inicial à qual se refere *o problema – a não aceitação do medo* – que pode deixar de existir a partir de algo que reaja ao estado primeiro instituído (por ex. *perder o medo do medo*), visto, portanto, como um caminho, uma saída para o problema.

8) *Agroenergia é a chave para um desenvolvimento sustentável.* (L5W3)

Tem-se a representação de uma situação inicial, que é a de *desenvolvimento não sustentável*. A fase posterior, marcada pelo *desenvolvimento sustentável*, é possibilitada pelo que o SN a chave apresenta: a agroenergia. A preposição PARA caracteriza, assim, a consolidação da passagem de um estado primeiro, inicialmente problemático (*desenvolvimento não sustentável*), a outro, desejável, desvinculado de sua condição anterior.

9) *Não fugir do problema, mas enfrentá-lo, é a chave para a inovação.* (L4W2)

Verifica-se a representação de uma situação inicial, que pode ser descrita como o estado de *não inovação*, especificado, no caso, por *fugir do problema*. O SN a chave, em a chave para, é apreendido como o que gerencia a possibilidade de sair desse estado: enfrentar determinado problema, ao invés de fugir dele, seria a inovação. Esse é o caminho de abertura, daí a presença de PARA como o que institui um novo estado (o de inovação), diferente do inicial.

10) *A chave não está em vilanizar um ingrediente ou outro, mas, sim, apostar numa alimentação variada, com a participação de boas fontes de carboidratos e gorduras.* (L19W17)³⁶

Tem-se em (10), a *presença de gordura no fígado* enquanto estado inicial. A possibilidade de alcançar um outro estado, desejável, a saber a *ausência de gordura no fígado*, é entrevista pelo que o SN a chave dá a ver: *apostar numa alimentação variada*. Vemos marcado, portanto, a possibilidade de passagem de um estado a outro, desvinculado do problema inicialmente encontrado. Neste caso, apesar de não explícita, a preposição PARA pode ser recuperada por meio de *A chave [para eliminar a gordura no fígado...]*.

³⁶ O enunciado foi retirado de uma matéria da revista online Veja Saúde, que discute as estratégias necessárias para a eliminação de gordura no fígado. Cf. <https://saude.abril.com.br/medicina/manual-do-figado-em-forma-como-eliminar-gordura/>. Acesso em 28/05/19.

11) *A Amazônia é a chave que abrirá o mundo para o Brasil.* (L22W20)

Neste caso, o SN *a chave* faz referência ao termo *Amazônia*, indicando o que possibilita um caminho de uma *abertura do mundo para o Brasil*: o Brasil terá acesso ao que antes não tinha graças ao que lhe proporciona a Amazônia. Nesse sentido, CHAVE é o que gerencia a possibilidade de passagem: de um estado inicial (de *não abertura*, de um mundo não acessível) chega-se a um estado posterior positivo (de *abertura*, de um mundo acessível), a partir do que o termo apresenta.

12) *Relacionamento com o público é a chave de ouro*³⁷. (L40W38)

O termo CHAVE, neste enunciado, indica que ter um relacionamento com o público é o que leva ao êxito (uma empresa, por exemplo). O SP *de ouro* qualifica *a chave*, concebendo-a como a melhor chave que se apresenta, *i.e.* como o melhor caminho possível por ela gerenciado: não há margem de erro ao se assumir um relacionamento com o público, tido como uma garantia para a obtenção do sucesso.

13) *A média das economias do G7 é de 32,3%, dos BRICs é de 27,9% e a média global é de 27%. Se o projeto de Ana Amélia prosperar, será o inferno para as empresas nacionais e o paraíso para as multi. Assim é escancarar as portas para Trump. Entrega logo a chave.* (L100W98)

Tem-se o termo *Trump* evocando o interesse político e econômico de fortalecimento da economia estadunidense (*benefício às multinacionais*) sobre a extensão do mercado nacional. *Escancarar as portas* constrói a representação de caminhos abertos que o *projeto de Ana Amélia* implantará para que o benefício desejado se concretize. O termo CHAVE, em *entrega logo a chave*, gerencia, assim, a possibilidade de abertura dos caminhos (ao país) sem qualquer impedimento ou demora.

³⁷ A matéria, retirada do Portal do Cooperativismo Financeiro, expõe a insatisfação do público no que se refere aos serviços de atendimento e apresenta, como forma de sanar essa insatisfação, três premissas básicas que levam a uma boa relação com os clientes: eficiência, facilidade e agilidade.

Cf. em <https://cooperativismodecredito.coop.br/2018/09/relacionamento-com-o-publico-e-a-chave-de-ouro/>. Acesso em 01/06/19.

14) *Desde a antiguidade clássica, e talvez até antes, as pessoas usam criptografia para transmitir mensagens secretas. A ideia era simples: eu tenho um método ou chave que uso para “embaralhar” uma mensagem e só quem conhece este método ou mensagem conseguiria tornar esta mensagem legível novamente.* (L169W165)

Neste caso, CHAVE evoca uma cena na qual é possível transformar em um código criptografado uma mensagem inicialmente legível. Assim, tem-se como estado inicial uma mensagem não embaralhada e CHAVE gerencia a possibilidade de passagem para um estado posterior, o de uma mensagem criptografada.

15) *Lembraí que não é a ânsia de crescimento ou o esforço pessoal que vos dará as chaves do Reino, mas sim a suave confiança, o caminhar sereno e seguro, a certeza de estar amparado pelas mãos do Pai.* (L110W107)

CHAVE evoca, nesse enunciado, o que gerencia a possibilidade de acesso ao Reino sagrado: a conquista *das chaves do Reino* são os valores expressos pelos termos *suave confiança, caminhar sereno e seguro, a certeza de estar amparado*. Tem-se, nesse sentido, a condição inicial (*o não acesso ao Reino*) e o SN *as chaves* gerenciando a possibilidade de passagem para uma condição posterior desejável, a de *possuir o acesso ao Reino*.

16) *Assim como todas as coisas boas da vida, moderação é chave e encontrar o equilíbrio certo é uma parte essencial de uma jogatina segura e sensível.* (L21W19)

Neste enunciado, ter moderação é ao que se refere CHAVE, *i.e. moderação* é o meio que gerencia a possibilidade de passagem de um estado inicial de vício em jogos a um estado posterior, que se traduz por uma relação segura e sensível com a jogatina.

17) *Indicar que eles sublinhem no problema palavras consideradas chave para resolvê-lo, como “repartir” e “ganhou”.* (L27W25)

Há um problema a ser resolvido e CHAVE atua sobre o termo *palavras*, apontando que *palavras como “repartiu” e “ganhou”* é o que indica a possibilidade de um caminho para a resolução do problema.

18) *As 48 seleções serão divididas em 16 grupos de três times. Os dois melhores de cada chave avançam ao mata-mata. Os 32 então viram 16, que se enfrentam em oitavas de final e assim por diante. (L83W81)*

O termo CHAVE mobiliza a representação de um agrupamento constituído por equipes de futebol que disputam entre si em uma dada configuração³⁸. Tem-se, assim, as seleções organizadas de forma a competir, inicialmente, nas “fases de grupo”: os times competem dentro de dada configuração e os classificados seguem para o “mata-mata”, confronto que levará apenas um time à vitória. Logo, tanto o estado inicial (a maneira pela qual os times estão dispostos no início da competição), quanto o estado posterior (a permanência no campeonato, para se chegar ao embate final) são mobilizados pelo que o termo CHAVE indica: competir pelo título demanda, necessariamente, estar na chave. Neste caso, CHAVE pode ser visto como um *suporte*, no sentido de que, por meio dela, se registra uma informação: os times que delimitam a configuração inicial de uma disputa e os times que, no decorrer dela, seguirão em direção ao embate final em busca do título desejado.

19) *Hora de mudar a chave porque a Libertadores agora é só em julho. Domingo tem Botafogo x Bahia. Vamos apoiar o Fogão esse time merece*³⁹. (L76W74)

Neste caso, tem-se o time Botafogo disputando em dois campeonatos concomitantemente. O SN *a chave*, associado ao verbo *mudar*, evoca a necessidade de uma alteração no foco que direciona a atuação do time para que seja possível se manter na competição em questão.

20) *Há uma outra chave de leitura sobre os protestos verde-amarelos: para o jornalista Alon Feuerwerker, os protestos mostraram que há uma disputa dentro do bloco que elegeu Bolsonaro. (L164W160)*

³⁸ Para melhor esclarecimento, ver, no anexo I, exemplo de como funciona a organização de um chaveamento nas disputas esportivas.

³⁹ Nas disputas pelos títulos no futebol, é comum os times jogarem em competições concomitantes. Em (19), trata-se de competições anuais nas quais o time Botafogo disputa: a da Libertadores e do Brasileirão. Nesta modalidade, os jogos costumam ser distribuídos no decorrer do ano e as competições se dão de forma alternada: ora os times se enfrentam na Libertadores, ora no Brasileirão, enquanto estiverem classificados.

Há explicações (não especificadas no enunciado) que buscam justificar os *protestos verde-amarelos*. O SN *uma chave de leitura* relacionado ao pronome *outra* sustenta a possibilidade de mais uma interpretação sobre o fenômeno: *uma disputa dentro do bloco que elegeu Bolsonaro*. Em outras palavras, tem-se um estado inicial de leituras possíveis, sendo que *chave de leitura* registra essa informação, selecionando uma dentre elas (a que abre para uma nova interpretação).

21) *Pode Hannah Arendt explicar o bolsonarismo? Sim, mas não pela chave do “líder totalitário”. Filósofa descreveu como ninguém a ignorância esmagadora dos “indiferentes” – agora potencializada pelas redes sociais.* (L166W162)

O termo *bolsonarismo* compreende um fenômeno que pode ser entendido por meio de explicações trazidas por *Hannah Arendt*. CHAVE é o que apresenta uma das possíveis interpretações (*a ignorância esmagadora dos “indiferentes”*) deste fenômeno. Entendemos que CHAVE funciona como *suporte*: é a própria possibilidade de entendimento ao que caracteriza o fenômeno (*bolsonarismo*) que constitui a chave. Neste caso, de maneira implícita, o SP *de leitura* é recuperado por meio de *Mas não pela chave [de leitura] do “líder totalitário” (...)*.

22) *Segundo Cregan-Reid, há evidências científicas crescentes de que os pés são chave na evolução humana.* (L17W15)

O SN *há evidências científicas crescentes* refere-se a um conjunto de descobertas que indicam que *os pés*, termo representado por CHAVE, são os elementos indispensáveis na evolução humana. Neste caso, a continuidade da evolução humana demanda, necessariamente, que se considere a existência dos pés, sem a qual não seria possível falar em evolução.

23) *Nóis é chave e tira onda / e se exploda quem não gostar (...)* (L173W169)

Neste caso, o termo CHAVE, como argumento do verbo *ser*, constrói a representação na qual são considerados *chave*⁴⁰ sujeitos que possuem

⁴⁰ Na música apresentada como exemplo, é listado um conjunto de características que permitem um indivíduo ser considerado *chave*: “*Nois é chave e tira onda e se exploda quem não gostar*”

determinadas características. **Ser chave**, neste caso, aproxima-se, semanticamente, de *ser estiloso*⁴¹. Entende-se, assim, que CHAVE é o que possibilita que alguém, ao dispor de certos atributos, passe de uma situação inicial (de não ter determinados atributos que lhe garantam *acesso, respeito, poder* etc.) para uma posterior na qual tais condições estão garantidas.

Passemos, neste momento, aos enunciados (24) e (25), nos quais o termo CHAVE funciona como predicativo do sujeito em *homem-chave* e *peça-chave*. O que nos importa, com esses exemplos, é observar como CHAVE opera enunciativamente. Consideremos, assim, o enunciado (24):

24) *Ele foi galgando posições no Comando Vermelho, a maior facção criminosa do Rio, ao tornar-se homem-chave na conquista de territórios.* (L29W27)

Um indivíduo, ao qual se atribui a qualificação de *homem-chave*, foi ocupando hierarquias dentro da facção criminosa *Comando Vermelho*, até ser reconhecido como o elemento crucial na conquista de territórios. CHAVE, neste caso, incide sobre o termo *homem*, indicando que dentro da facção *Comando Vermelho* há um determinado sujeito que se destaca por ser aquele que é capaz de abrir caminhos (conquistar territórios) no crime carioca.

25) *Transporte coletivo é peça-chave do planejamento urbano.* (L89W87)

Neste enunciado, *peça-chave* faz referência ao SN *transporte coletivo*. CHAVE atua sobre PEÇA, indicando que o *transporte coletivo* não é somente um elemento necessário, mas o essencial, gerenciando, assim, a possibilidade de passagem de uma situação inicial – o problema da ausência de infraestrutura básica das cidades (falta de planejamento urbano) – para outra desejada – a melhoria do crescimento e funcionamento das cidades (o planejamento urbano).

(...) **Cabeça erguida, pés no chão / Marrenta, extrovertida / Sou mel pra minhas amigas / E o veneno pras inimigas / Não conhece? É bem difícil / E eu vou me apresentar / A melhor do baile vai passar** (...).⁴¹

⁴¹ Nesse tipo de emprego, CHAVE aparece também como “*chavoso*”. O uso do termo apresentou-se de maneira recorrente em construções típicas de letras de funk como a mencionada e em redes sociais como *Twitter, Facebook* e *Instagram*.

3.3. CHAVE em seu funcionamento invariante

Na seção voltada para o desenvolvimento das primeiras análises da unidade linguística CHAVE, apresentamos enunciados tendo em vista o sintagma nominal constituído pelo substantivo interagindo com outras unidades e, com isso, observamos a construção dos diversos valores semânticos estipulados no processo enunciativo.

Temos por objetivo identificar o que regula as interações nas construções, deixando evidente que, se as contextualizações são desencadeadas pelo substantivo no referido SN e pela maneira como ele convoca e se relaciona com os termos dessa contextualização, de outro lado, o substantivo é igualmente delimitado por essas mesmas contextualizações.

A análise dos enunciados nos levou a uma primeira estruturação da invariância do substantivo CHAVE, para a qual propomos a seguinte formalização:

CHAVE opera sobre uma situação (condição) inicial (X), gerenciando a POSSIBILIDADE DE PASSAGEM para uma situação (condição) posterior (Y), entrevista positivamente.

Com o exercício de formalização do material empírico apresentado, identificamos três grupos de funcionamento no qual a variação da unidade estudada se manifesta, a depender de como a POSSIBILIDADE DE PASSAGEM que *chave* gerencia é construída.

Desta maneira, a fim de explicitar as primeiras considerações de nosso estudo tendo em vista a variação demarcada por CHAVE e seu funcionamento invariante, fazemos, neste momento, uma retomada dos exemplos já apresentados, evidenciando os mecanismos enunciativos que o marcador mobiliza a partir dos parâmetros (X) e (Y) estabelecidos.

Grupo I

No grupo I, observamos que a POSSIBILIDADE DE PASSAGEM de uma situação inicial (X) para uma situação posterior (Y) gerenciada por *chave* recai sobre uma estrutura, cuja representação é materializada pelos termos *fechadura, carro, chuveiro etc.* Assim, a característica principal desse primeiro

grupo é que a POSSIBILIDADE DE PASSAGEM ocorre a partir de uma estrutura, integrada ela própria pelo que faz com que a passagem ocorra.

Em outras palavras, a própria representação da estrutura de uma *fechadura*, de um *carro*, de um *chuveiro*, de *um determinado tipo de parafuso*, evoca uma *chave* que, mobilizada, desencadeia o seu funcionamento e, conseqüentemente, a passagem de *aberto* para *fechado*, de *não-ligado* para *ligado*, de *frouxo* para *fixo* – ou vice e versa para todos os casos – *etc.*, de acordo com o estado posterior desejado.

Assim, temos, no enunciado (1) (...) *alguém tenta meter uma chave na fechadura e Lara pensa que é Marta que descobriu que ela está viva*, CHAVE construindo a representação do próprio objeto que permite a mobilização de fechaduras.

Neste caso, é gerenciada, com CHAVE, a possibilidade de movimento de abertura e fechamento de uma porta inicialmente trancada. Observamos, aqui, que CHAVE evoca um deslocamento que incide sobre a estrutura da fechadura, já que, graças a ela, se atinge a condição de uma porta destrancada, que abre ou fecha. Vemos, portanto, que CHAVE opera sobre uma condição inicial (X) – *fechadura trancada* e, conseqüentemente, *porta fechada* –, gerenciando a *possibilidade de passagem* para outra condição (Y) – *fechadura destrancada*, e, conseqüentemente, *a opção de uma porta aberta*.

Em (2) *Todo mundo deve ter ao menos duas chaves de fenda em tamanhos diferentes (...)*, tem-se o termo CHAVE construindo a representação do próprio objeto destinado a usos de reparo e manutenção de equipamentos. Nesse enunciado, encontramos o termo gerenciando a possibilidade de movimento de afrouxar ou apertar parafusos, incidindo sobre uma estrutura que contém, em si mesma, a fenda na qual se encaixa a chave. Neste caso, a estrutura refere-se a *parafuso*: a partir de uma condição inicial (X) – *o parafuso em determinado nível de pressão* – CHAVE gerencia a *possibilidade de passagem* para uma outra condição (Y) – *o parafuso em um outro nível de pressão*.

Em (3) *Se a pessoa perceber durante o banho que a temperatura não está adequada nunca deve mudar a chave com o chuveiro ligado*, CHAVE evoca a representação de um sistema regulador de corrente elétrica que gerencia a quantidade de corrente que o atravessa, aquecendo a temperatura da água.

Assim como nos dois primeiros enunciados, a *possibilidade de passagem* gerenciada pelo termo CHAVE é constitutiva da própria estrutura do chuveiro, que permite mudanças de temperaturas por meio de sua mobilização: de condição inicial (X) – *temperatura não adequada da água* – passa-se para outra condição (Y) – *temperatura adequada da água*.

Em (4) *Policia! de Nova York é detido após realizar pris!o com **chave de braço***, o SN *chave de braço* evoca uma cena enunciativa na qual dois indivíduos (o policial e um indivíduo não especificado) se enfrentam em um tipo de embate corporal. A condição inicial (X) é representada pela *mobilidade de um indivíduo*. Nesse sentido, *chave de braço* gerencia a *possibilidade de passagem* para uma condição posterior (Y), de *imobilidade do indivíduo devido ao ataque do policial*. De certo modo, o corpo se apresenta como uma estrutura, a *chave de braço* incidindo sobre uma de suas partes (o pescoço), justamente aquela capaz de permitir o fluxo – ou não – de ar responsável pela oxigenação do cérebro.

Outros exemplos que apresentam CHAVE sob o mesmo funcionamento enunciativo, considerando a representação de dispositivo que gerencia a *possibilidade de passagem* integrado a uma estrutura são *Minha chave gira, mas a porta não abre* (L175W171) ou *Você também já deve ter ouvido por aí que após **virar a chave do carro** é preciso esperar aquela luzinha da injeção eletrônica apagar para dar a partida, não é?* (L176W172).

Constatamos que, nestes casos, quando se tem um sintagma preposicional (*chave da porta; chave de fenda; chave do chuveiro*), ele, embora especifique de que chave se trata, não é primordial no SN, como em *Fui dar a partida no meu celta, mas **a chave travou na ignição** e o motor ficou em funcionamento com o motor de arranque* (L184W180). Aqui o SP do carro não é essencial para fazer com que se compreenda que a chave integra necessariamente o mecanismo do carro.

O fato de o SP não ser primordial mostra que o termo CHAVE, em enunciados dessa natureza, responde, por si só, aos parâmetros necessários a seu funcionamento enunciativo. Isso significa que em (1) *meter uma chave na fechadura*, na qual não é necessário especificar que se trata de uma *chave da porta*, por exemplo, é porque CHAVE traz a própria condição inicial (X) e final (Y) que caracteriza a representação de funcionamento de fechadura de porta (fechadura aberta/fechada ou vice e versa).

Como explicamos, a representação de *fechadura* evoca naturalmente uma chave que lhe é constitutiva e que faz com que a porta se abra ou se feche. O abrir e o fechar é da natureza de uma fechadura de porta e se faz pela mobilização de uma chave⁴².

Grupo II

No grupo II, identificamos uma situação inicial (X) de natureza circunstancial. Neste caso, observa-se a POSSIBILIDADE DE PASSAGEM de modo situacional, de modo que CHAVE exprime a condição inicial (X) ao mesmo tempo em que gerencia a possibilidade de um caminho para uma condição posterior (Y).

Enquadra-se neste segundo grupo o enunciado (7) *Talvez a chave do problema, e sua grande solução, morem justamente aí. Perder o medo do medo.*

Nele, verificamos uma situação inicial (X) – *a não aceitação do medo* – apresentada circunstancialmente como *problema* a ser resolvido quando da *possibilidade de passagem* para uma condição posterior (Y), diferente da identificada em (X) e que é igualmente circunstancial.

Interessante observar que poderíamos pensar ser SOLUÇÃO um possível sinônimo para CHAVE. Porém, nota-se que esses termos constroem cenas enunciativas diferentes, cada qual desencadeada por seu funcionamento próprio.

Comparemos, por exemplo, (A) e (B):

(A) *Talvez a solução do problema more justamente aí*

(B) *Talvez a chave do problema more justamente aí*

Vemos que, como dito anteriormente, a *chave* não é a própria resolução (do problema), mas o que dá a vê-la enquanto elemento importante que propicia

⁴² Ressaltamos que, embora não seja um uso considerado como prototípico, pensamos que os enunciados (5) *Para os formadores de opinião, é claro que o projeto está sendo boicotado, isso porque o juiz Moro pode meter na chave a qualquer momento o chefe do grupo Coelho (...)* e (6) *O eleitor é mais corrupto que o próprio político. Como seria bom a polícia meter na chave este tipo de malandro* pertencem, igualmente, a esse grupo. Isso porque entendemos que CHAVE responde a seus parâmetros de funcionamento: em **meter na chave** o termo CHAVE evoca a estrutura da cadeia, remetendo àquilo que se abre e fecha, que restringe a liberdade de quem nela se encontra. Nestes casos, têm-se a situação inicial (X) – *estar em liberdade* – e a *possibilidade de passagem* para uma situação posterior (Y) – *o encarceramento*, i. e. a perda da liberdade. Cabe dizer, ainda, que para uma análise mais aprofundada dos enunciados, seria importante explorar o funcionamento enunciativo do verbo **meter**.

uma saída, mais precisamente, o que gerencia a *possibilidade da passagem* para a compreensão ou o encerramento de um problema, dentre outras opções possíveis. Por sua vez, a *solução* evoca uma outra cena, a saber, algo que já está dado e que constitui a própria resolução de um problema.

O sintagma preposicional *do problema* adquire, nesse caso, um peso primordial e isso por ser o que instaura a situação inicial de natureza circunstancial.

Há muitos outros enunciados nesse grupo II.

Em (8) *Agroenergia é a chave para um desenvolvimento sustentável*, o estado inicial (X) – *desenvolvimento não sustentável* – tem a *possibilidade de passagem* a um estado posterior (Y) – *o desenvolvimento sustentável* – gerenciada pelo que CHAVE identifica circunstancialmente como uma condição para que isso ocorra: *agroenergia*. Assim, a representação situacional que CHAVE convoca é o que gerencia a *possibilidade da passagem* de um estado para outro.

Em (12) *Relacionamento com o público é a chave de ouro*, a condição inicial (X) é representada pela *insatisfação do público com o atendimento ao cliente* e a *possibilidade de passagem* para um estado posterior (Y), marcado por um *público satisfeito*, é gerenciada por *chave (de ouro)*, neste caso, um *relacionamento com o público*. A possibilidade para o estado posterior (Y) é intensificada positivamente pelo SP *de ouro*.

Em (13) *Se o projeto de Ana Amélia prosperar, será o inferno para as empresas nacionais e o paraíso para as multi. Assim é escancarar as portas para Trump. Entrega logo a chave*, a situação inicial (X) é marcada pela existência de medidas que dificultam a entrada de empresas estrangeiras no país. Neste caso, *entregar a chave* exprime a facilitação da abertura do mercado para as empresas internacionais, CHAVE correspondendo ao que gerencia a *possibilidade de passagem* da situação inicial (X) para uma situação posterior (Y), representada pelo benefício às multinacionais.

No enunciado (15) *Lembra que não é a ânsia de crescimento ou o esforço pessoal que vos dará as chaves do Reino, mas sim a suave confiança, o caminhar sereno e seguro, a certeza de estar amparado pelas mãos o Pai*, há condições necessárias – *suave confiança, caminhar sereno e seguro, a certeza de estar amparado pelas mãos do Pai* – para que seja possível a passagem de

uma situação inicial (X) – o não acesso ao Reino – para uma situação posterior (Y) – o acesso ao Reino. CHAVE faz, portanto, no enunciado, referência a condições que, uma vez presentes, gerenciam a possibilidade de acesso ao Reino.

Em (16) *Assim como todas as coisas boas da vida, moderação é chave, e encontrar o equilíbrio certo é uma parte essencial de uma jogatina segura e sensível*, a situação inicial (X) é o estado de vício em jogatinas. CHAVE opera sobre (X) gerenciando a *possibilidade de passagem* para uma situação posterior (Y) – o equilíbrio, estabelecendo, desta forma, uma relação segura e sensível com a jogatina.

No enunciado (25) *Transporte coletivo é peça-chave do planejamento urbano*, em que dada uma situação inicial (X), demarcada pela *falta de planejamento urbano*, CHAVE ao especificar o termo PEÇA, gerencia a *possibilidade de passagem* a uma situação posterior (Y), indicada pela consolidação do planejamento urbano. Percebe-se que, neste caso, CHAVE opera sobre o termo PEÇA, evidenciando que o *transporte coletivo* não é um dentre os elementos necessários, mas o *essencial*, sem o qual não seria possível falar em *planejamento urbano*.

Outros enunciados em que observamos CHAVE construindo uma representação de natureza circunstancial são: (9) *Não fugir do problema, mas enfrentá-lo, é a chave para a inovação*, na qual a situação inicial (X), compreendida como *uma circunstância de não inovação*, tem sua *possibilidade de passagem* para um estado posterior (Y), *de inovação*, a partir do que a *chave* apresenta como condição para que isso ocorra: *enfrentar o problema*; (10) *A chave não está em vilanizar um ingrediente ou outro, mas, sim, apostar numa alimentação variada, com a participação de boas fontes de carboidratos e gorduras*, em que, dada uma situação inicial (X) – *a presença de gordura no fígado* –, o termo CHAVE gerencia a *possibilidade de passagem* para um estado posterior (Y) – *eliminação de gordura no fígado* graças a uma alimentação variada, condição que sustenta a referida passagem; (11) *A Amazônia é a chave que abrirá o mundo para o Brasil*, enquanto situação inicial (X) tem-se o estado de *não abertura do mundo para o Brasil*. CHAVE é o que gerencia a *possibilidade de passagem* para um estado posterior (Y) de *abertura do mundo para o Brasil* graças à Amazônia, i.e. ao fato de a Amazônia estar em território brasileiro e ser

importante para o ecossistema, por exemplo, sendo esta a condição para que (Y) se efetive; (14) *A ideia era simples: eu tenho um método ou **chave** que uso para “embaralhar” uma mensagem (...) em que a situação inicial (X) é demarcada por uma mensagem não embaralhada, cuja leitura é possível, e CHAVE traz a condição que permite o embaralhar dos códigos, gerenciando uma situação posterior (Y), uma mensagem criptografada; (17) *Indicar que eles sublinhem no problema palavras consideradas **chave** para resolvê-lo, como “repartir” e “ganhou”, tem-se a situação inicial (X) representada por um problema a ser resolvido; CHAVE é o que apresenta a condição que indicará um caminho possível para a resolução do problema, gerenciando uma situação posterior (Y) – o problema resolvido.**

Grupo III⁴³

Tem-se, ainda, um grupo III, em que a POSSIBILIDADE DE PASSAGEM ocorre por meio de CHAVE atuando como um *suporte*, como o que registra informações ou configurações que ocorrem por meio dela: CHAVE constrói uma relação de codependência entre (X) e (Y) e estabelece o que configura tanto a situação inicial (X) quanto a situação posterior (Y).

São exemplos desse terceiro grupo os enunciados abaixo.

Em (18) *As 48 seleções serão divididas em 16 grupos de três times. Os melhores de **cada chave** avançam ao mata-mata, na qual a situação inicial (X) é demarcada pela própria configuração que o termo CHAVE constrói. Em outras palavras, CHAVE registra a maneira pela qual as seleções estão dispostas no início da competição e, ao mesmo tempo, indica quais times passam para outra fase de disputa pelo título ao permanecer na chave. A situação posterior (Y) é igualmente representada, portanto, pela permanência na *chave*, que assegura ao time a possível conquista do título.*

Em (19) *Hora de **mudar a chave** porque a Libertadores agora é só em julho, mudar a chave* evoca a necessidade de alterar o foco das estratégias de ataque para que seja possível, ao menos, um dos títulos. Mais precisamente, CHAVE refere-se a um conjunto de estratégias: se uma delas era a inicialmente

⁴³ Salientamos que nem todos os enunciados apresentados foram elencados nos grupos de ocorrência, isso porque ainda não há o que ser dito sobre a sua variação. É, por exemplo, o caso do enunciado (23) *Nois é **chave** e tira onda / E se exploda quem não gostar.*

selecionada para que o time se mantivesse na Libertadores, agora a estratégia deve ser outra, já que se espera que o time se mantenha em outra competição, na que ocorre no momento da enunciação, sendo esta a situação posterior (Y). Nesse sentido, CHAVE, ao registrar ou ser o suporte para um conjunto de estratégias, é o que gerencia a *possibilidade de passagem* da situação inicial (X) a posterior (Y).

Em *Acabei de ver que mudou a chave e geral está muito mais para “emagrecer”*. Antes era mais para exercício em casa somente (L78W76), temos um enunciado semelhante ao anterior e que não foi apresentado por nós anteriormente.

Nele, CHAVE atua como o que registra um conjunto de possibilidades (meios) que, por exemplo, conduzem a uma vida saudável. Se antes era o *exercício em casa* que conduzia a uma dada situação (Y), agora é o *emagrecimento* que o faz. CHAVE refere-se ao próprio meio (*emagrecer* ou *exercício em casa*) que compreende, por sua vez, as situações inicial e posterior (X) e (Y). Em suma, é pela própria chave (meio) que existe e se gerencia a *possibilidade de passagem*.

No enunciado (20) *Há uma outra chave de leitura sobre os protestos verde-amarelos (...)* o SN *uma (outra) chave de leitura* abre para um conjunto de modos de ser ler um dado fenômeno. CHAVE exprime, portanto, ao mesmo tempo, o meio para que se leia um fenômeno, bem como a situação inicial (X) – uma primeira interpretação – e posterior (Y) – segunda interpretação – a partir do meio selecionado que autoriza a leitura ocorrida, gerenciando, com isso, a *possibilidade de passagem* de uma condição a outra.

Um outro enunciado em que encontramos CHAVE com o referido funcionamento é o enunciado (21) *Pode Hannah Arendt explicar o bolsonarismo? Sim, mas não pela chave de “líder totalitário”*. Filósofa descreve como ninguém a ignorância esmagadora dos “indiferentes” (...). Nele, dada uma condição inicial (X) – *leituras possíveis que expliquem o fenômeno do bolsonarismo* – CHAVE apresenta o caminho possível para que se leia tal fenômeno, gerenciando a *possibilidade de passagem* para uma condição posterior (Y) – uma segunda interpretação para o *entendimento sobre o bolsonarismo*, representada pela *ignorância esmagadora dos “indiferentes”*.

Em (22) *Segundo Cregan-Reid, há evidências científicas crescentes de que os pés são chave na evolução humana* a situação inicial (X) é a própria evolução humana e (Y) é estabelecido pela continuidade da evolução. CHAVE indica, neste caso, a condição necessária para que haja a *possibilidade de passagem* de (X) a (Y), isto é, a permanência da evolução humana, representada por levar em consideração os pés.

3.4. O domínio nocional e a construção de valores referenciais

O trabalho de análise e a organização do funcionamento enunciativo de CHAVE nos levam, como vimos, à busca pela identidade semântica da unidade linguística.

Recuperando o que propusemos no segundo capítulo, no que diz respeito à operação de referenciação, o trabalho de formalização desenvolvido com o marcador CHAVE ressalta que as relações forma-sentido estabelecem não uma ancoragem em um referente extralinguístico, mas compreendem tanto os enunciados, quanto a maneira pela qual são construídas nossas experiências com o mundo tomando por fundamento a língua.

Essa relação constrói o estabelecimento de um nível intermediário, o dos valores referenciais, o que sustenta o jogo existente entre a noção e a forma como ela se instancia ou toma corpo no enunciado:

A introdução de um tal nível intermediário não tem apenas a vantagem de permitir um melhor agenciamento da articulação entre exterioridade e interioridade da referência. Ele se apoia sobre um certo número de argumentos empíricos, que mostram que os enunciados colocam em jogo entidades e configurações que são de uma outra ordem que as entidades e configurações extralinguísticas, e que são próprias das construções da língua⁴⁴ (DE VOGÜÉ, 1999, p. 5).

Quando produzimos um enunciado, portanto, o que se constrói são relações predicativas que exprimem, por si só representações (CULIOLI, 1990), tal como se observa ao falar em níveis I e II de representação: um de ordem cognitiva ou nocional, outro de ordem linguística. O que fica evidente é o fato de

⁴⁴ *“L’introduction d’un tel niveau intermédiaire n’a pas seulement l’avantage de permettre de mieux gérer l’articulation entre extériorité et intériorité de la référence. Elle s’appuie sur un certain nombre d’arguments empiriques, qui montrent que les énoncés mettent en scène des entités et des configurations qui sont d’un autre ordre que les entités et les configurations extralinguistiques, et qui sont proprement des constructions de langue”.*

que todo marcador está sempre posto em relação: não há forma isolada, mas valores construídos a partir da articulação das unidades linguísticas.

Sustentamos, com isso, que a organização proposta nos três grupos de funcionamento está relacionada aos princípios que ordenam a variação de CHAVE. Para desenvolver o que fundamenta a estruturação das ocorrências apresentadas acima cabe, antes, retomar o que se entende por *noção* na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

Compreendida como uma representação não linguística, constitutiva do nível I, a noção está ligada:

(...) ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de experiências de cada um. Há espaço, neste nível, para cadeias de associações semânticas onde há “aglomerados” de propriedades estabelecidas pela experiência, armazenadas e elaboradas sob formas diversas (...). É uma propriedade essencial da atividade simbólica, sobre a qual se funda, em particular, o trabalho metafórico e o trabalho de ajustamento intersubjetivo que assume estabilidade e deformabilidade⁴⁵ (CULIOLI, 1999, p. 10).

Sendo a noção uma representação abstrata, cabe dizer que ela não se reduz a uma unidade lexical: trata-se de um conjunto de propriedades físicas, culturais e antropológicas. Logo, um termo “não se refere a um sentido, mas se refere – eu não diria a um campo, pois um campo já é uma organização de um certo tipo entre termos – a um *domínio nocional*, ou seja, todo um conjunto de virtualidades”⁴⁶ (CULIOLI, 1990, p. 86).

O domínio nocional fundamenta-se numa estruturação de ordem topológica e, ao mesmo tempo em que exprime uma materialidade que é inacessível ao linguista, trata-se da primeira etapa de uma representação metalinguística: há, portanto, um domínio de propriedades qualitativas, que se referem à noção e se manifestam em *ocorrências*.

Desta maneira, identificamos como um primeiro grupo de ocorrências o *Grupo I*, no qual CHAVE responde por seus próprios parâmetros de

⁴⁵ “(...) l'état de connaissance et à l'activité d'élaboration d'expériences de tout un chacun. Il y a place à ce niveau pour des chaînes d'associations sémantiques où l'on a des <<grappes>> de propriétés établies par l'expérience, stockées et élaborées sous des formes diverses (...). C'est une propriété essentielle de l'activité symbolique, sur laquelle se fonde en particulier le travail métaphorique et le travail d'ajustement intersubjectif qui suppose à la fois stabilité et déformabilité”.

⁴⁶ “(...) un terme ne renvoie pas à un sens, mais renvoie à – je ne dirais pas un champ, car un champ est déjà une organisation d'un certain type entre des termes – mais renvoie à un domaine notionnel, c'est-à-dire à tout un ensemble de virtualités”.

funcionamento: a qualidade própria à noção de CHAVE atua sobre uma estrutura que compreende de forma interna tanto a situação (condição) inicial (X) quanto a situação (condição) posterior (Y). A POSSIBILIDADE DE PASSAGEM é gerenciada, assim, de **modo interno**.

É o caso de *a chave de casa, a chave do carro, a chave do chuveiro, uma chave de braço etc.* Nota-se que, neste grupo, a situação posterior (Y) é expressa pela existência de uma situação inicial (X): a condição de aberto ocorre por antes estar fechado; a condição de desligado ocorre por inicialmente se encontrar ligado; a condição de frouxo ocorre por antes se encontrar num estado de pressão e vice e versa.

No *Grupo II*, identificamos que, em relação à qualidade própria à noção de CHAVE, tem-se uma determinada condição inicial (X) que abarca de **modo externo** a situação (condição) posterior (Y). Neste caso, a situação (condição) posterior (Y) ocorre de maneira circunstancial: é pelo que CHAVE apresenta enquanto POSSIBILIDADE DE PASSAGEM que se constrói a relação entre os parâmetros (X) e (Y).

Nos enunciados analisados deste grupo, percebemos que o sintagma preposicional é apreendido de maneira diferente em relação aos do *Grupo I: a chave do problema, a chave de ouro, a chave para (...) etc.*, é imprescindível para que se gerencie a POSSIBILIDADE DE PASSAGEM instaurada entre (X) e (Y).

No *Grupo III*, constata-se que a qualidade própria à noção de CHAVE não existe fora da POSSIBILIDADE DE PASSAGEM: não há parâmetros (X) e (Y) abarcados de modo interno ou externo.

Neste grupo, por exemplo, sem a situação (condição) inicial (X) – *competir por um título* – e a situação (condição) posterior (Y) – *avanço na competição* – não há *chaveamento*; sem a situação (condição) inicial (X) – *conjunto de leituras que compõem interpretações possíveis para determinado fenômeno* – e a situação posterior (Y) – *a interpretação deste fenômeno* – não há *chave de leitura*.

Vemos, com isso, que a noção <ser CHAV>, isto é, o domínio de propriedades evocado por *chave, chaveamento, chavoso etc.*, é compreendida num trabalho de formalização do material empírico, tendo em vista a relação de operações que subjazem ao agenciamento das formas.

O que está no fundamento do trabalho de análise, portanto, é o fato de CHAVE não se limitar à classe de *substantivo*. Assim, trata-se, antes, de considerar o funcionamento da unidade a partir de uma postura transcategorial:

Não há linguística sem observações profundamente detalhadas; observáveis sem problemáticas; problemáticas que não conduzam a problemas; problemas sem a procura de solução; soluções sem raciocínio; raciocínio sem sistema de representação metalinguística; sistema de representação metalinguística sem operações, em particular, sem categorização; categorização sem transcategorial (CULIOLI *apud* DE VOGÚÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p. 9 – 10).

Como vimos, o trabalho de reformulação controlada nos conduz à identidade semântica de CHAVE e permite observar as operações que fundamentam o processo enunciativo e criativo da língua. Há, com isso, uma proliferação de sentidos de CHAVE, posto que se reformulam a cada instanciação. O trabalho com a glosa é o que permite identificar o motivo pelo qual nos afastamos do que se entende por sinônimos e polissemia das palavras.

CAPÍTULO IV – A TOPE E A CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO

*Quando não souber para onde ir,
olha para trás e saiba pelo menos de onde vens*
Provérbio africano

As análises desenvolvidas no terceiro capítulo nos convidam a pensar o modo pelo qual é possível estabelecer um caminho de abertura no que diz respeito ao ensino da Língua Portuguesa, e, mais especificamente, no trabalho com os substantivos, que dê conta de observar a língua numa perspectiva fluida e dinâmica.

É sabido que Culioli, ao refletir sobre questões que embasam o seu referencial teórico, não se propõe, necessariamente, a abordar quais as consequências de sua epistemologia para o campo do ensino-aprendizagem de língua. No entanto, os seus estudos fundamentam o que acreditamos ser uma prática cuidadosa, posto que direcionada a uma ampla variedade de enunciados, que tem como se constituir em um espaço de escuta e permitir aos alunos se debruçarem sobre seus próprios saberes.

Observando a primeira infância, no processo de aquisição da língua materna, a criança encontra-se em inúmeros caminhos de criação linguageira e ressignificação de sua fala, o que nos mostra que, para haver interação entre os sujeitos, há que se integrar enunciados que construam sentido e não necessariamente possuir um domínio gramatical sobre a elaboração de sentenças:

Saber gramática não depende, pois, em princípio de escolarização, ou de quaisquer processos de aprendizado sistemático, mas da ativação e amadurecimento progressivo, na própria atividade linguística, de hipóteses sobre o que seja a linguagem e de seus princípios e regras. Não existem livros dessa gramática, pois ela é o objeto da descrição, daí porque normalmente essa gramática é chamada de gramática internalizada (TRAVAGLIA, 2002, p. 28-29).

Segundo Franchi (2006), a criança adentra a escola com uma gramática interna já bem desenvolvida na língua materna; por sua vez a escola, ao invés de promover a reflexão e a sistematização dessa vivência em língua, acaba comumente por rechaçá-la em favor do que é correto, linguisticamente falando.

No que se refere às análises desenvolvidas no início do trabalho, com relação às gramáticas que pautam o ensino da classe dos substantivos, concordamos com Franchi (2006) quando afirma que:

Interessa pouco descobrir a melhor definição de substantivo ou de sujeito, ou do que quer que seja. No plano em que se dá a análise escolar, certamente não existem boas definições. Seria mais fácil fazê-lo em uma teoria formal do que em uma análise que tateie somente pela superfície das expressões. Mas interessa, e, muito, levar os alunos a operar sobre a linguagem, rever e transformar seus textos, perceber nesse trabalho a riqueza das formas linguísticas disponíveis para as suas mais diversas opções (...) (FRANCHI, 2006, p. 63-64).

Assim, encaminhamos neste capítulo algumas discussões que evidenciam a necessidade de um trabalho reflexivo sobre a língua em sala de aula e a possibilidade de adequação dos fundamentos da TOPE ao processo de ensino.

4.1. O substantivo: uma breve retomada

Identificamos ser importante retomarmos algumas discussões desenvolvidas no início deste trabalho, sobretudo após refletirmos sobre o funcionamento semântico-enunciativo da unidade CHAVE por meio da análise do *corpus*, e isso contrapondo-nos à maneira pela qual as gramáticas apresentadas abordam a classe dos substantivos.

A definição dos substantivos sustentada pela tradição gramatical como “a palavra com que nomeamos os seres em geral e as qualidades, ações ou estados, considerados em si mesmos, independentemente dos seres com que se relacionam” (LIMA, 2011, p. 110) certifica o tratamento conferido à classe que os relaciona à ideia de substância. Há, assim, uma função designadora ligada a questões referenciais, atribuindo aos substantivos a função de nomear a realidade do mundo.

No avanço dos estudos, a vertente funcionalista-cognitivista traz novas formas de se trabalhar o léxico.

No que diz respeito à obra “Nova Gramática do Português Brasileiro” (2016), apesar de Castilho trabalhar sobre as unidades por meio de suas formas no uso e, desta maneira, entender a língua como um sistema dinâmico, fica evidente o fato de que, ao tratar o processo de significação das unidades – nele

incluída, igualmente, a classe dos substantivos –, há uma concepção de semantismo que julgamos ser problemática, por entrar em confronto com a visão de língua sustentada: aborda-se o substantivo considerando-se ora a existência de um “*inventário de traços semânticos inerentes*”, ora a concepção de um “*sentido original*”, não existindo, portanto, reflexões mais aprofundadas acerca de como se dá a construção da significação nos enunciados.

Já na obra “Palavras de Classe Aberta” (2014), confere-se à classe dos substantivos o seguinte entendimento:

É por meio dos substantivos que denominamos os seres em geral – *carro, gato, homem, Brasil* – e as qualidades, ações ou estados – *beleza, despedida, alegria* – considerados em si mesmos independentemente dos seres com que se relacionam. Nesse sentido, pode-se dizer que, semanticamente, o substantivo se caracteriza por ser autônomo e provido de um potencial de referência que lhe é próprio (CAMACHO *et al.*, 2014, p. 23).

Na sequência, os autores apresentam as quatro ordens de entidades que categorizam os substantivos. Retomamos, neste momento, apenas a primeira ordem:

Entidades de primeira ordem, referência mais prototípica dos substantivos, são indivíduos (pessoas, animais e coisas) e têm as seguintes características: (i) sob condições normais, são relativamente constantes quanto a suas propriedades perceptuais; (ii) são localizadas em algum ponto no tempo e no espaço; (iii) são observáveis publicamente; (iv) podem ser avaliadas em termos de sua existência. Assim, podem ser alvo de atribuições de propriedades. São exemplos: *homem, gato, caneta* etc. (CAMACHO *et al.*, *ib.*).⁴⁷

A partir da análise do *corpus* e contrapondo-se, deste modo, à categorização acima mencionada, perguntamo-nos qual explicação poderia ser dada à unidade CHAVE, entendida como um substantivo concreto e, portanto, pertencente a entidades de primeira ordem, em enunciados como *Nois é chave e tira onda*.

Vemos que o confronto com a variação de uma unidade faz com que, na língua, sejam desenvolvidas uma série de subclassificações: *concreto-abstrato; contável-não contável; comum-próprio*.

⁴⁷ Reconhecemos as contribuições das pesquisas na obra em questão, uma vez que se propõe uma reflexão mais cuidadosa sobre o funcionamento linguístico. Entretanto, encontramos inconsistências quando partimos para uma análise mais aprofundada. Uma delas diz respeito ao fato de haver valores pré-estabelecidos das unidades na distribuição das entidades.

Tais subclassificações constituem, para empregar um termo de Rezende (2008), *polarizações* em relação ao funcionamento linguístico e reduzem, conseqüentemente, o sentido das unidades a um trabalho que permanece atrelado ao de classificação.

O que percebemos é que, numa análise mais minuciosa, os substantivos não se comportam de uma ou outra forma, na qual pertenceria ou a uma dada subclassificação ou a outra. Concordamos, portanto, que:

(...) o ensino de classe de palavras, tanto o realizado do ponto de vista da tradição gramatical escolar quanto o vinculado ao processo de compreensão e de produção textual, tem se mostrado bastante fragmentado e mais ligado ao emprego de um instrumental de análise “acabado”, com uma metalinguagem “fixa” (BUNZEN, NASCIMENTO, 2019, p. 260).

Ancorados na proposta da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, propomo-nos a desenvolver um trabalho metalinguístico de outra natureza, que permita observar o funcionamento dinâmico das unidades “pois essa teoria trabalha com ‘operações’ e não com ‘classificações’, trabalha com processos de construção de categorias e não com categorias construídas” (REZENDE, 2008, p. 55).

Assim, a pesquisa realizada por Culioli constitui-se, antes, em uma prática de observação do construído pelas marcas linguísticas nos enunciados, do que da organização em classificações tais como *concreto-abstrato*, *contável-não contável*, *comum-próprio*. Daí, considerar os substantivos enquanto *constituintes nominais* indica o afastamento que se verifica em relação à ideia de *substância*, comumente trazida pelas teorias gramaticais. De Vogüé (2011) explica que:

Sobre os constituintes nominais, admitimos que eles referem ou melhor, que têm por função instalar o que vai constituir o referente ou os referentes do enunciado – este(s) referente(s) não corresponde(m) necessariamente a entidades definidas: ele(s) pode(m) ser definido(s) intensionalmente ou ser de natureza estritamente qualitativa: **não faz sentido reduzi-los apenas aos objetos concretos** [grifos nossos] (DE VOGÜÉ, 2011, p. 289).

Assim, parte-se do estudo dos tipos de relação que determinam o enunciado e, por conseguinte, dos empregos que fazemos dos termos em questão. Tem-se, nesse sentido, um deslocamento no que tange a entrada sobre o objeto de trabalho: trata-se de observar e investigar as relações entre as

unidades que ocorrem no interior da língua para, então, observar como se constrói o sentido a partir de suas articulações.

4.2. Das propostas pedagógicas

Como referência do que tem sido proposto no ensino, pautamo-nos no Currículo da Cidade de São Paulo (2019)⁴⁸, documento elaborado em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e que apresenta diretrizes para a rede municipal de São Paulo, abrangendo as modalidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II⁴⁹.

Assim sendo, para a área de Língua Portuguesa, o documento orienta o desenvolvimento da prática de ensino a partir de estudos com o texto, pois “a intenção é possibilitar o trabalho com uma língua contextualizada, que se usa, efetivamente, nas práticas de que o indivíduo participa” (SÃO PAULO, 2019, p. 65).

A escola, enquanto espaço de formação, sustenta como um dos pilares essenciais do ensino o exercício de desenvolvimento da capacidade comunicativa dos sujeitos, para que seja possível uma vida em sociedade.

Trabalhar com os textos evidencia que não há como desenvolver o ensino de língua sem, antes, o professor considerar as operações que engendram todo o processo de construção dos textos, sejam eles escritos ou falados. Isso nos leva a olhar para o trabalho com a língua portuguesa de uma outra forma.

Nesse sentido, quanto ao entendimento conferido ao discurso e texto, o Currículo sugere que:

As determinações relativas ao contexto de produção precisam, também, ser consideradas no processo de leitura e escuta de textos: recuperar as características que orientaram a produção do discurso auxilia o leitor/ouvinte no processo de reconstrução dos sentidos do texto, de modo a possibilitar uma aproximação mais efetiva das eventuais intenções do produtor. Quanto melhor o leitor/ouvinte conseguir recuperar esse contexto e articulá-lo no processamento dos

⁴⁸ Pontuamos que nosso intuito, ao trazer a proposta do Currículo da Cidade, é o de apontar a possibilidade de um trabalho metalinguístico, ancorados na TOPE, alinhando ao que tem sido estipulado para o ensino nos ciclos I e II. Não vamos nos ater, portanto, a discorrer sobre questões curriculares específicas, elucidando os pontos positivos e negativos do documento.

⁴⁹ A escolha em partir do Currículo da Cidade se deu justamente pelo fato de ser um documento atualizado – alinhado ao que tem sido proposto pela BNCC – e, por possuir um caráter regional, demonstra como a proposta da BNCC vem sendo implementada nas redes de ensino.

sentidos do texto, maiores serão as possibilidades de reconstrução de sentidos adequados. Portanto, essa proficiência também precisa ser tomada como objeto de aprendizagem na escola (SÃO PAULO, 2019, p. 72).

Na visão bakhtiniana⁵⁰, o texto é sempre responsivo. Neste processo dialógico, as circunstâncias de enunciação são muito importantes para a aferição do sentido: o enunciado é, antes de tudo, interacional. Em Culioli, vimos que a dimensão social não é ignorada, mas que o enunciado é, antes, uma abertura para o processo de enunciação constitutivo da atividade de linguagem, ou, em outras palavras, uma tentativa de recuperação da atividade de linguagem própria aos sujeitos.

Se na proposta do Currículo, que se pauta em uma abordagem bakhtiniana, temos uma preocupação com o ato e contexto de locução, em Culioli temos o olhar voltado à operação que permite tal ato de locução em tal contexto. Talvez não sejam visões discrepantes, mas partem de princípios epistemológicos distintos.

Entendemos, portanto, que na abordagem construtivista proposta por Culioli, é evidente a necessidade de explorar e analisar o que vem a ser a concepção de sentido e significação dos textos e formas linguísticas e como tal sentido se dá na delimitação do ambiente textual em que tais formas se encontram inseridas para, assim, trabalhar a competência dos alunos quanto à produção e leitura de textos.

Na continuidade, como eixos organizadores para as práticas de ensino, o documento prevê a seguinte estruturação: “a) prática de leitura de textos; b) prática de produção de textos escritos; c) prática de escuta e produção de textos orais; d) prática de análise linguística/multimodal” (SÃO PAULO, 2019, p. 85).

Nesse sentido, a proposta especifica que não sejam trabalhados apenas conteúdos gramaticais – “relativos à fonologia, morfologia, sintaxe e semântica” (*idem*, p. 86) –, mas, sobretudo, os discursivos, pragmáticos e textuais, a fim de desenvolver com os alunos suas capacidades de leitura e escrita.

Assim, quanto ao trabalho sobre os conhecimentos gramaticais, orienta-se que:

⁵⁰ Há menção direta à Bakhtin no Currículo, o que não acontece na BNCC.

Neste documento, assume-se a posição de que o trabalho com esses aspectos [conhecimentos gramaticais] não deve se dar de modo descontextualizado do uso: ao contrário, tais aspectos necessitam ser tratados – prioritariamente – considerando-se o efeito de sentido que eles produzem no texto. (...)

Os conteúdos gramaticais – ainda que possam merecer atividades de reflexão e sistematização independentes, mediante uma descontextualização – devem ser compreendidos no processo da constituição da capacidade de textualizar e de organizar um discurso (*idem*, p. 86-87).

Vemos que o currículo levanta questões referentes a um trabalho reflexivo que tome por base as construções de sentido que se dão no uso, porém entendemos que a “descontextualização” citada, mesmo que observadas as características de produção textual e discursiva, é algo que merece ser pontuado. Ora, se o texto é condutor das atividades com a língua, questionamos como a descontextualização poderia ser eficaz. No documento explicita-se:

Quando o professor avaliar que há a necessidade de sistematização de algum aspecto (quais tipos de palavras podem ser colocadas no lugar de outra para se manter a referência – coesão referencial por substituição –, por exemplo), um movimento metodológico produtivo pode ser o seguinte: após constatar-se o fato na revisão processual do texto, recuperar essas constatações, em outro momento, e sistematizá-las a partir da regularidade encontrada, por meio de uma ação reflexiva (*idem*)

Sobre a descontextualização e a sistematização propostas, é possível que estas sejam tomadas como uma autorização para uma gramática tradicional e não-integrada, e isso porque identificamos o forte enraizamento em um ensino pautado no trabalho com a gramática tal como a conhecemos. Aliás, no próprio Quadro de Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento Comuns ao Ciclo Interdisciplinar⁵¹ que sistematiza os conteúdos a serem desenvolvidos em cada ano, no que diz respeito aos substantivos é orientado:

Analisar os substantivos (nomes) como palavras que designam ou nomeiam os seres em geral, considerando as suas possibilidades de flexão e a necessidade de estabelecimento de concordância nominal nos enunciados. (SÃO PAULO, 2019, p. 127)

Assim, há um caminho que sugere o trabalho a partir do texto, mas que ao propor a sistematização dos conhecimentos apoia-se, enquanto ponto de

⁵¹ Logo abaixo explicitamos como é proposta a divisão dos Ciclos de aprendizagem no Currículo da Cidade.

chegada, nas categorizações da gramática tradicional. Em suma, embora os caminhos sejam outros, o fim ainda está em uma visão problemática de língua.

Acreditamos, com isso, que a abordagem desenvolvida na TOPE colabora com o que é apontado no Currículo e, ainda, propõe uma entrada para o trabalho com os substantivos que visa, antes, investigar o funcionamento e as operações que estão no fundamento da atividade de linguagem.

Logo, anterior ao trabalho de categorização gramatical das unidades linguísticas, intentamos estimular análises que abarquem um trabalho metalinguístico, colocando os alunos diante de sua atividade epilinguística:

O objetivo é, então, tentar captar, graças a um sistema de representação metalinguística, fenômenos dos quais se têm vestígios e que tentamos reconstruir (...) [o] epilinguístico refere-se ao fato de que nossa atividade de representação e de reação às representações do outro e da nossa reação às nossas representações não cessam jamais. Há uma atividade permanente, inclusive, talvez, quando estamos dormindo (...) (CULIOLI, 2002, p. 9-14)⁵²

Propomos a seguir algumas atividades possíveis de serem realizadas em sala de aula, tendo em vista os anos finais do ensino fundamental⁵³.

Proposta de atividade

1 – Reflexões a partir do confronto de enunciados

Nessa proposta de atividade preliminar, que pode, certamente, propiciar muitas outras, parte-se de um questionamento do que os alunos entendem pela palavra CHAVE a fim de desconstruir, inicialmente, a visão de que o substantivo, ao nomear, tem seu semantismo relacionado a uma representação oriunda do nomeado.

⁵² “L’objectif est alors d’essayer de captar, grâce à un système de représentation métalinguistique, des phénomènes dont nous avons des traces et que nous essayons de reconstituer (...) Epilinguistique renvoie au fait que notre activité de représentation et de réaction aux représentations d’autrui et de réaction à nos représentations ne cessent jamais. Il y a une activité permanente, peut-être même quand nous dormons”.

⁵³ A organização por ciclos proposta no Currículo da Cidade (2019) é dada da seguinte forma: Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos); Ciclo Interdisciplinar (4º, 5º e 6º anos) e Ciclo Autoral (7º, 8º e 9º anos). As atividades sugeridas são pensadas para os anos finais do Ensino Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º anos), mas com foco no Ciclo Autoral, conforme discriminado no Currículo da Cidade. Há, portanto, a necessidade de ajustes a depender do ano em que se trabalha.

Assim, sugerimos que o professor proponha dois enunciados – um com especificador, outro sem – conforme os exemplos a seguir:

- A) *Ontem lembrei que tinha que pegar a chave.*
- B) *Ontem lembrei que tinha que pegar a chave de fenda.*

Desta apresentação, alguns questionamentos podem ser levantados: o cenário enunciativo evocado em (A) é o mesmo que em (B)? Se são diferentes, ainda que minimamente, em que consiste essa diferença? Quais poderiam ser as necessidades do sujeito evocado em (A)? E em (B)? O especificador *de fenda* não apenas diz que a CHAVE é de um tipo específico, mas reconfigura todo o enunciado. O professor conduzirá a discussão a fim de que os alunos percebam que o sujeito evocado em (A), por exemplo, não é o mesmo evocado em (B), que necessita de tal chave para abrir um aparelho, fixar um quadro na parede, mas não para abrir ou fechar uma porta, necessariamente.

Fundamentando-se nas diferentes representações construídas por CHAVE nos enunciados, o professor poderá orientar o olhar para o fato de que não se trata de uma representação exclusivamente pautada em um objeto do mundo, mas, antes, de uma representação elaborada graças a um encadeamento de termos não qualquer, graças ao modo como o enunciado se *enuncia*. Intencionamos, com isso, que os alunos percebam que essas representações advêm de uma construção enunciativa e não dos objetos concretos.

Na sequência, o professor apresenta o enunciado com um especificador diferente do proposto em (B):

- C) *Ontem lembrei que tinha que pegar a chave de acesso.*

Neste caso, quais cenários são evocados em (C)? Esse acesso é somente para algum meio digital (e-mail, *internet banking*, *software*) ou pode ser para algum local? É importante que o professor provoque discussões que levem os alunos a perceberem que nessa construção a representação de local necessita que a entrada ou fechadura seja digital, por exemplo. Que representações se tem para o sujeito evocado? É necessariamente um *hacker*, ou pode ser alguém

que comprou uma licença para uso de um determinado serviço digital? Quais outras possibilidades temos?

Novamente, ressaltamos que todas essas representações evocadas se dão por conta dos agenciamentos das unidades no seio do enunciado e que não há referentes extralinguísticos, mas valores referenciais que são construídos na operação de enunciação. Esperamos que, aos poucos, os alunos identifiquem que essas representações evocam e descrevem cenários enunciativos.

2 – Consulta em dicionários e pesquisa na *web*

Após primeiras discussões, pode-se encaminhar reflexões a partir de uma busca lexicográfica.

Considerando uma das definições de CHAVE trazida no dicionário Novo Aurélio: “artefato de metal que movimentam a lingueta das fechaduras”, que compreende CHAVE subclassificada como substantivo concreto, o professor deverá sugerir um trabalho de busca na *web* às seguintes construções: *chave de fenda, chave de roda, chave de grifo, Chave Phillips*, a fim de identificar para que servem cada uma dessas chaves. Esperamos que eles encontrem funções como abrir, apertar, afrouxar, girar, soltar etc. É importante que os alunos notem não propriamente a especificidade de cada chave, mas os movimentos aos quais CHAVE remete. A ideia é que os estudantes estabeleçam a gama de representações do que CHAVE faz.

Isso feito, pode-se sugerir um enunciado como o que segue:

D) *Talvez a chave do problema more justamente aí.*

O professor inicia, com isso, a discussão perguntando aos estudantes, considerando a pesquisa realizada na *web*, o que entendem por este enunciado. Neste caso, o SP *do problema* está especificando CHAVE do mesmo modo que (B) ou (C)? Antevemos que os alunos percebam que a representação de CHAVE enquanto instrumento de abertura/fechamento de estruturas (porta, cadeado, parafuso etc.) não ocorrerá, necessariamente, em (D). Daí, debates interessantes podem surgir. Imaginamos, com isso, que os alunos levantem ideias que aproximem CHAVE à *chave de um enigma; a chave para resolver um*

problema. O professor poderá propor o seguinte questionamento: A *chave do problema* seria sua solução ou a possibilidade de solução?

Encaminha-se, desta forma, o trabalho de glosa com o enunciado:

E) *Talvez a solução do problema more justamente aí.*

Esses enunciados são idênticos? É a mesma coisa falar um ou outro? Será que *solução*, em (E), não evoca uma representação de algo pronto, enquanto que CHAVE, em (D), evoca o que possibilita a resolução? A intenção é questionar e provocar os alunos, fazê-los confrontar suas representações consigo mesmos e com os demais, inclusive com o professor. Não nos interessa procurar por acertos ou erros, mas que professor e alunos possam se debruçar sobre a língua, utilizando todos os recursos que já têm à mão, afinal, estão imersos na língua e por ela são constituídos.

Tem-se, em (D) *Talvez a chave do problema more justamente aí*, a representação construída por CHAVE evocando algum elemento que ajude a resolver um problema. É possível que o professor explore o enunciado com a seguinte reflexão: que representações de *problema* são evocadas? De que maneira CHAVE poderia representar a possibilidade de resolução de um problema?

A partir de tais questionamentos, o professor poderá propor os possíveis referentes em (D) que indicam qual representação de CHAVE que resolve determinado problema. Em um enunciado como (i) *Agroenergia é a chave para um desenvolvimento sustentável* (L5W3), por exemplo, qual o seria o problema apresentado? Se CHAVE é o que possibilita a passagem para o *desenvolvimento sustentável*, esperamos que os alunos identifiquem que há uma condição inicial – neste caso problemática – de *desenvolvimento não sustentável*. Assim, diferentemente dos enunciados anteriores, que encontramos construções relacionadas a uma representação de CHAVE enquanto *a chave de fenda* ou *a chave da porta*, em (i), CHAVE refere-se ao termo *agroenergia* como a representação do que possibilita a saída do estado inicial problemático.

O mesmo trabalho pode ser desenvolvido com o enunciado (ii) *Protagonismo dos alunos, uma chave para reduzir a violência escolar* (L11W9), qual seria o problema detectado no qual CHAVE apresenta a possibilidade para

resolução? Como uma escola, por exemplo, poderia incentivar *alunos protagonistas*? Quais representações são construídas por *alunos protagonistas*?

Com este trabalho metalinguístico, intentamos que os alunos percebam a articulação das unidades linguísticas nos enunciados que constroem valores diversos, daí o que se entende por sentido ser sempre algo provisoriamente estabilizado. Quais contextualizações são possíveis a partir dos enunciados em questão?

Não se trata, portanto, de explicar por que CHAVE admite um ou outro emprego a partir de um traço semântico inerente, mas investigar quais as restrições ou autorizações que a unidade constrói com os termos com os quais se relaciona.

3 – Trabalho com sequências e manipulação de enunciados

A escolha por trabalhar com sequências gira em torno do fato de serem construções não estabilizadas semanticamente. Daí, o professor pode convidar os alunos a investigarem quais as contextualizações que são abertas por elas e de que maneira é possível estabilizá-las.

Propomos, com isso, a apresentação de duas sequências:

F) *Quebrou a chave*

G) *Rompeu a chave*

Em (F) *Quebrou a chave*, quais contextualizações são evocadas? Como CHAVE apreende o verbo *quebrar*? E o verbo *romper*? Do outro lado, como os verbos compreendem o termo CHAVE? Que tipo de representação de CHAVE é possível de ser quebrada ou rompida?

Acreditamos que uma das reflexões suscitadas neste exercício é a de que (F) *Quebrou a chave* evoca uma representação já estabilizada, por exemplo. O trabalho que pode ser desenvolvido é o de apontar, entretanto, para a possibilidade de contextualizações possíveis convocadas por (F):

(iii) *Quebrou a chave na porta e tive que chamar um chaveiro* – qual representação de CHAVE é construída no enunciado em questão? Neste caso, o que ocorre quando se tem uma *chave quebrada*?

(iv) *Meu tio mesmo, foi mandado embora da Symantec pq quebrou a chave de segurança (L58W56)* – que sujeito é evocado a partir da representação de CHAVE neste enunciado? Quais consequências são geradas, neste caso, ao *quebrar a chave*?

Para (G) *Rompeu a chave*, o professor poderá explorar os enunciados:

(v) *Qualquer hacker que tenha acesso à rede sem fio e que capture alguns megas de informação criptografada poderá romper a chave em poucos minutos (L59W57)*. Qual representação de CHAVE é evocada neste enunciado? O que pode ocorrer quando um *hacker* rompe a chave? Que tipo de consequência é gerada?⁵⁴

(vi) *O oponente estava quase perdendo a disputa quando conseguiu romper a chave e sair do ângulo de ataque*. Neste caso, CHAVE constrói a representação de um movimento de abertura ou de fechamento? Que sujeito é convocado neste enunciado e sofre o ataque de uma CHAVE?

A intenção, com este trabalho de reformulação e paráfrase de enunciados e sequências, é que os alunos possam se conscientizar, gradativamente, que há relações permitidas (ou não) pela língua. Por qual motivo, por exemplo, admite-se a construção *romper a chave (de braço)*, mas não *quebrar a chave de braço*?

⁵⁴ Entendemos que em (iv) (...) *quebrou a chave de segurança*, CHAVE constrói a representação de um conjunto de códigos embaralhados que, uma vez desembaralhados, desprograma-se a chave de segurança, tornando-a inválida; já em (v) *Qualquer hacker (...) poderá romper a chave em poucos minutos*, CHAVE evoca a representação daquilo que retém as informações que compõem um sistema e, uma vez rompida, ocorre sua dissolução e permite a possibilidade de acesso às informações. Não nos atemos, aqui, a discorrer de maneira mais detalhada acerca do funcionamento de ROMPER e QUEBRAR. Para maiores aprofundamentos sobre o funcionamento semântico enunciativo dos verbos em questão, conferir Lima (2013), bem como Romero e Trauzzola (2014).

Como finalização, dentre outros desdobramentos possíveis que forem surgindo no decorrer do trabalho metalinguístico, o professor convidará os alunos a refletirem a partir dos enunciados abaixo:

- H) *Esse cara é chave!*
- I) *Esse cara é chave de cadeia!*

Ao contrapor (H) e (I), um questionamento possível é o de buscar quais as representações que se faz do sujeito em (H): quais atributos que *e/le* tem para ser tomado por CHAVE? Igualmente, em (I), quais são os atributos de um sujeito *chave de cadeia*? Em quais dessas construções se tem uma visão positiva do sujeito e em qual é negativa? Por quê?

O debate sobre os enunciados (H) e (I) retoma uma das questões apresentadas no início da proposta de atividade: como o SP *de cadeia*, em (I), especifica o tipo de CHAVE evocada no enunciado? Temos, neste caso, CHAVE enquanto representação que qualifica determinado sujeito, e isso em ambos os casos. Como, portanto, CHAVE interage com o pronome *e/le* e o que justificaria alguém ser considerado *chave*?

Intentamos, com essas sugestões de atividades, propor um caminho de trabalho com os substantivos que relacione o conhecimento prévio dos alunos com uma reflexão sobre a língua que sistematize esses conhecimentos e os aprofunde, extrapolando as categorizações estanques, em favor de um ensino de línguas que opere sobre toda a sua plasticidade:

Torna-se então possível um trabalho de desconstrução e organização, que põe em jogo sistemas de representações (...). Não é ao nível de uma melhor apresentação dos dados brutos que a teoria linguística intervém, mas ao nível do desenvolvimento didático a ser feito a partir desses dados, a fim de despertar e manter a atividade mental (e, mais tarde, a curiosidade intelectual) do aluno. Não é uma reescrita da gramática (GAUTHIER, 1995, p. 427-428)⁵⁵

⁵⁵ “Un travail de déconstruction et d’organisation devient alors possible, qui met en jeu des systèmes de représentations (...). Ce n’est pas au niveau d’une meilleure présentation des données brutes qu’intervient alors la théorie linguistique, mais au plan de l’élaboration didactique à faire à partir de ces données pour susciter et maintenir l’activité mentale (et plus tard la curiosité intellectuelle) de l’apprenant. Pas une réécriture de la grammaire”.

As possibilidades de exercício são múltiplas. O que colocamos como centro da questão, aqui, é o fato de estimular um trabalho metalinguístico que considere toda a potência e possibilidade criativa da língua e dos sujeitos. A partir de tais reflexões, intentamos propor um caminho de formalização do material empírico que convide os alunos a se debruçarem sobre os rastros do trabalho epilinguístico deixados no nível das representações linguísticas.

Considerações finais

O Currículo da Cidade, ao discorrer sobre o conhecimento, considera-o:

A partir de dois elementos básicos: o sujeito e o objeto. O sujeito é o ser humano cognoscente, aquele que deseja conhecer, neste caso os estudantes do Ensino Fundamental. Já o objeto é a realidade ou as coisas, fatos, fenômenos e processos que coexistem com o sujeito. O próprio ser humano também pode ser objeto do conhecimento. No entanto, o ser humano e a realidade só se tornam objeto do conhecimento perante um sujeito que queira conhecê-los. Tais elementos básicos não se antagonizam: sujeito e objeto. Antes, um não existe sem a existência do outro. Só somos sujeitos porque existem objetos. Assim, o conhecimento é o estabelecimento de uma relação e não uma ação de posse ou consumo (SÃO PAULO, 2019, p. 48).

Como exposto no último capítulo, não há concepção de ensino delineada por Culioli, mas encontramos, no fundamento de seu referencial teórico-metodológico, a possibilidade de uma prática reflexiva e cuidadosa que traz subsídios para que os alunos se debrucem sobre a língua e a atividade de linguagem.

Discutimos anteriormente que, conjuntamente às operações de representação e de referenciação, encontramos a de regulação, que diz respeito aos ajustamentos efetuados entre os sujeitos em sua vivência com o mundo, com o outro e consigo próprio. Daí, o trabalho pautado na teoria proposta por Culioli considerar, necessariamente, olhar para o sujeito que fala e se coloca no mundo:

Enquanto o conceito mais conhecido de forma é o arranjo léxico-gramatical de uma língua específica, o conceito mais profundo de forma é a própria linguagem ou processos abstratos que permitem a organização da experiência ou do empírico de um certo modo. A experiência singular que se quer expressar seria o conteúdo também em um sentido mais profundo. (REZENDE, 2009, 707).

A pesquisa aqui realizada partiu de uma busca por enunciados atestados pelo uso que, considerando a ampla variação entrevista pelo marcador CHAVE evidencia existir, em seu fundamento, uma invariância sobre a qual se apoiam os seus parâmetros de funcionamento.

Não desenvolvemos, portanto, um trabalho apartado, no sentido em que nos propusemos a investigar as formas linguísticas a partir de suas múltiplas possibilidades de categorizações. O sintático, o semântico e o pragmático são,

aqui, igualmente concebidos numa *pragmática integrada*, pelo fato de a busca pelo funcionamento linguístico visar o agenciamento das formas e o modo como se dá a produção e o reconhecimento de enunciados como ponto de partida, para, então, se chegar a uma formalização.

Se nos pautamos na atividade de linguagem e nas operações que nela subjazem, não há como negar que nos voltamos igualmente a um trabalho de natureza gramatical, cuja a entrada proposta pela TOPE se faz sob outro ângulo, visto que o raciocínio metalinguístico abarca tanto as formas quanto os sujeitos que na língua se constituem:

Penso que a primeira, das principais qualidades [de um ensino de língua] deveria ser, o que pode soar como um clichê, uma capacidade de escuta. Em primeiro lugar, saber se escutar (...) é o que eu queria enfatizar no que concerne o epilinguístico, com o fato de que nós somos coextensivos a nós mesmos e que podemos ter a impressão de sermos claros. Saber igualmente escutar as crianças ou os adolescentes, quer dizer, colocá-los em situação, se ousar dizer, de cometer erros. Atenção, que eu não estou falando aqui do domínio da morfossintaxe (CULIOLI, 2004, p. 19)⁵⁶.

Assim, encerramos nossa discussão apontando, primeiro, para a importância de, uma vez considerados os sujeitos nas práticas de ensino, ampliar-se a possibilidade de reflexão sobre a língua, incentivando textos criativos e fluidos; segundo, para o grande desafio a ser enfrentado ao se buscar, justamente, uma prática que estimule a capacidade de analisar fatos da língua a partir da própria produção e compreensão dos sentidos, que passam pelas expressões e formas linguísticas, em relações dinâmicas, porém não quaisquer.

⁵⁶ “Je pense que la première des qualités principales devrait être, ce qui peut apparaître comme un cliché, une capacité d’écoute. Savoir d’abord s’écouter (...) C’est ce que je voulais souligner concernant l’épilinguistique, avec le fait que nous sommes coextensifs à nous-mêmes et que nous pouvons avoir l’impression d’être clair. Savoir également écouter les enfants ou les adolescents, c’est-à-dire les mettre presque en situation, si j’ose dire, de faire des erreurs, attention je ne parle pas ici du domaine de la morphosyntaxe”.

Referências Bibliográficas

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1992.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. 4ª ed. – Campinas, SP: Pontes, 1995, Editora da Universidade Estadual de Campinas.

_____. **Os níveis da análise linguística**. *In*. Problemas de linguística geral I. 4ª ed. – Campinas, SP: Pontes, 1995, Editora da Universidade Estadual de Campinas.

_____. **Da subjetividade na linguagem**. *In*. Problemas de linguística geral I. 4ª ed. – Campinas, SP: Pontes, 1995, Editora da Universidade Estadual de Campinas.

BUNZEN, C.; NASCIMENTO, G. R. P. **Gramática na sala de aula: algumas reflexões sobre o ensino dos substantivos**. LETRAS, Santa Maria, v. 29, n. 58, p. 249-275, 2019.

CAMACHO, R. G., DALL'AGLIO-HATTNER, M. M., GONÇALVES, S. C. **O substantivo**. *In*. Gramática do português culto falado no Brasil: volume III: palavras de classe aberta. Org. Rodolfo Ilari – São Paulo: Contexto, 2014.

CARDOSO, S. H. B. **A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. 1ª ed., 4ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2016.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations. Tome 1**. Paris: Ophrys, 1990.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation. Domaine notionnel. Tome 3**. Paris: Ophrys, 1999.

CULIOLI, A. *In* DUCART, D. **Entre grammaire et sens: études sémiologiques et linguistiques**. Paris: Ophrys, 2004.

CUNHA, C., CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 6. Ed. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DE VOGÜÉ, S. **Construction d'une valeur référentielle: entités, qualités, figures**. Travaux linguistiques du CerLiCO, Presses Universitaires de Rennes, 1999, La référence 2, pp.77-106.

DE VOGÜÉ, S., FRANCKEL, J.-J., PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Prefácio**. *In.* DE VOGÜÉ, S.; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

DE VOGÜÉ, S.; **Culioli após Benveniste: enunciação, linguagem, interação**. *In.* DE VOGÜÉ, S.; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Os princípios organizadores da variedade das construções verbais**. *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011.

_____. **A língua entre cognição e discurso**. *Calidoscópio*. São Paulo, vol. 11, nº 2, p. 213 – 220, 2013.

FERREIRA, A. B. H.; **Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa**, 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FLORES, V. N.; **O que é a Semântico da Enunciação?** *In.* Semântica, semânticas: uma introdução. Org. Celso Ferrari Junior e Renato Basso – São Paulo, Contexto: 2013.

FRANCKEL, J. J.; **Referência, referenciação e valores referenciais**. *In.* DE VOGÜÉ, S.; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Introdução**. *In.* DE VOGÜÉ, S.; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Le lexique, entre identité et variation**. *Langue Française*, 133, 2002.

FRANCKEL, J. J., PAILLARD, D.; **Aspectos da teoria de Antoine Culioli**. *In.* DE VOGÜÉ, S.; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCHI, C. **Mas o que é mesmo “gramática”?** FRANCHI, C; [com] NEGRÃO, E. V.; MÜLLER, A. L. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GAUTHIER, A. **Sur quelques paradoxes en didactiques des langues**. *In.* BOUSCAREN, J.; FRANCKEL, J. J.; ROBERT, S. (org.) *Langues et langage: problèmes et raisonnement em linguistique, mélanges offerts à Antoine Culioli*. Paris: PUF, 1995.

HOUAISS, A., VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – 1ª Ed.** – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, R. **Prefácio**. In. Nova Gramática do Português Brasileiro. 1ª ed., 4ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Introdução**. In. Gramática do português culto falado no Brasil: volume III: palavras de classe aberta. Org. Rodolfo Ilari – São Paulo: Contexto, 2014.

LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa** – 49 ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LIMA, V. S. **A prática de reformulação de enunciados como fundamento para o trabalho com a significação nas aulas de língua portuguesa**. Dissertação de Mestrado. EFLCH, Universidade Federal de São Paulo, 2013.

MARTINS, C. M. **Para uma crítica da economia linguística: o apagamento da ontologia social da língua e do sujeito-falante a partir de Locke**. Linguagem em (Dis)curso. Tubarão, SC, v 12, n. 2, p. 595-621, maio/ago 2012.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ONOFRE, M. B.; SOSSOLOTE, C. R. C.; **A produção textual no ensino de língua: sujeitos leitores, autores e tradutores em construção**. Estudos Linguísticos. São Paulo, 44 (2): p. 637-646, 2015.

PEREIRA, M. V., RATTO, C. G. **O elogio de si e a desmedida antropologização das ciências humanas**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 37, nº 3, p. 629-640, 2011.

REZENDE, L. M. **Atividade epilinguística e o ensino da língua portuguesa**. Revista do GEL. São José do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 95 – 108, 2008.

_____. **Nominalização: o diálogo entre os níveis de análise linguística**. Gragoatá, Niterói, n. 25, p. 51-62, 2008.

ROMERO, M. **Teoria das Operações Enunciativas**. In. Manual de linguística: semântica, pragmática e enunciação. Org. ROMERO, M., GOLDNADEL, M., RIBEIRO, P. N., FLORES, V. N. Rio de Janeiro, Vozes, 2019.

_____. **À propos des modes de signification: le littéral et le figuré revus par le jeu notionnel**. In. S. Bédouret-Larraburu, C. Copy (Éd) L'épilinguistique sous le voile littéraire: Antoine Culioli et la TO(P)E. PUPPA, Pau: France, 2018, p. 289-318.

_____. **Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi**. ReVEL, v. 9, n. 16, 2011.

ROMERO, M.; TRAUZZOLA, V. S. L. **Identidade lexical, funcionamento enunciativo e variação semântica para a Teoria das Operações Enunciativas**. Calidoscópico, vol. 12, n.2, p. 239-248, mai/ago 2014.

ROMERO, M.; VÓVIO, C. **Da criatividade do falar do jovem às práticas pedagógicas criadoras.** *Interacções*, nº. 17, p. 72-95, 2011.

ROMERO-LOPES, M. C. **Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical: a polissemia redimensionada – Estudo dos verbos *jouer* e *changer*.** Tese de doutoramento. FFLCH, Universidade de São Paulo, 2000.

SALVIATO-SILVA, A. C. **Operações de linguagem com a marca “porque” em textos escolares.** *In*. ONOFRE, M. B., REZENDE, L. M. *Linguagem e línguas naturais – Clivagem entre o enunciado e a enunciação.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade: Ensino Fundamental: componente curricular: Língua Portuguesa. – 2.ed. – São Paulo : SME / COPED, 2019.

TAMBA-MECZ, I. **A semântica.** Tradução Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º grau.** 1ª Edição. São Paulo: Cortez, 2002.

Anexos

ANEXO I⁵⁷

Fonte: <https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/copa-do-mundo/2017/12/01/copa-do-mundo,444755/copa-do-mundo-veja-o-chaveamento-e-possiveis-adversarios-do-brasil-no.shtml>
Acesso em 28/07/20

⁵⁷ A imagem representa um chaveamento (ou chave) da Copa do Mundo de 2018. Neste exemplo, há uma configuração inicial (quatro seleções em cada grupo, compondo, ao total, oito grupos de A a H). Nesta fase inicial de enfrentamento, os times que ficarem em primeiro e segundo lugar no grupo seguem para as oitavas de final, ao passo que os times que ficarem em terceiro e quarto lugar são desclassificados da competição. Destacamos que *ficar na chave* não indica, necessariamente a saída da competição, pois o critério para se manter na disputa é a posição que cada time se classifica nos grupos. A partir das oitavas de final, a disputa é classificada como “mata-mata”, ou seja, não há neste momento, a possibilidade de segundo lugar, o time que perder a partida está fora da competição e seguirá na disputa aquele que se mantiver na chave.

ANEXO II

Substantivo CHAVE – Coleta por Larissa Fujisaka e Márcia Romero

Notações

- A FERREIRA, A. B. H.; Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa, 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- H HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- W Web

		SINTAGMA NOMINAL e/ou EXEMPLO	web	ENUNCIADOS	Site – data de acesso	Obs.
1.	A1	Por muitos anos o Pelé foi a chave da seleção brasileira	-	Não há ocorrências.	-	
2.	A2	Chave de um problema	-	Não há ocorrências.	-	
3.	-	Chave do problema	W1	“Frente a qualquer sensação ruim, as pessoas já procuram tratamento, como se não pudessem sentir o que sentem”, diz. Nunca sentimos tanto medo – e, pior, nunca tivemos tanto medo dessa sensação. Talvez a chave do problema, e sua grande solução, morem justamente aí. Perder o medo do medo.	https://super.abril.com.br/comportamento/medos-como-vencer-os-seus/ Acesso em 26/05/19	
4.	-	Não fugir do problema, mas enfrentá-lo, é a chave para a inovação.	W2	Não fugir do problema, mas enfrentá-lo, é a chave para a inovação.	https://forbes.uol.com.br/carreira/2016/11/nao-fugir-o-problema-mas-enfrenta-lo-e-a-chave-para-a-inovacao/ Acesso em 28/05/19	
5.	-	Agroenergia é a chave para um desenvolvimento sustentável	W3	Agroenergia é a chave para um desenvolvimento sustentável	https://noticias.r7.com/brasil/agroenergia-e-a-chave-para-um-desenvolvimento-sustentavel-08052019 Acesso em 26/05/19	
6.	-	As pessoas jamais serão inúteis. E a chave para transformá-las é a educação.	W4	As pessoas jamais serão inúteis. E a chave para transformá-las é a educação.	https://istoe.com.br/os-robos-serao-melhores-do-que-os-humanos/ Acesso em 26/05/19	
7.	-	Sustentabilidade é chave para recuperação da Serra da Piedade.	W5	Sustentabilidade é chave para recuperação da Serra da Piedade	https://noticias.r7.com/minas-gerais/sustentabilidade-e-chave-para-recuperacao-da-serra-da-piedade-30042019 Acesso em 26/05/19	
8.	-	(...) esta é a chave para a criação decente de meios de subsistência para os estadunidenses comuns.	W6	Com o projeto da Terceira Via deslegitimado e as eleições que ocorrem no mundo, jogam a carta da China, contando aos eleitores fábulas sobre como forçar a China a "seguir as regras" do capitalismo global; esta é a chave para a criação decente	http://www.vermelho.org.br/noticia/320798-1 Acesso em 26/05/19	

				de meios de subsistência para os estadunidenses comuns.	
9.	-	Liderança forte e quociente emocional como chave para atuar em alta performance.	W7	Liderança forte e quociente emocional como chave para atuar em alta performance.	https://www.segs.com.br/seguros/179852-lideranca-forte-e-quociente-emocional-como-chave-para-atuar-em-alta-performance Acesso em 26/05/19
10.	-	Cada vez mais provedores estão percebendo que a IA é a chave para facilitar uma maneira mais automatizada de administrar seus negócios.	W8	“Cada vez mais provedores estão percebendo que a IA é a chave para facilitar uma maneira mais automatizada de administrar seus negócios.”	https://inforchannel.com.br/2019/05/24/blue-planet-previne-ate-95-das-falhas-de-rede-com-nova-solucao-proativa/ Acesso em 26/05/19
11.	-	Protagonismo dos alunos, uma chave para reduzir a violência escolar.	W9	Protagonismo dos alunos, uma chave para reduzir a violência escolar.	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/18/politica/1552944709_703384.html Acesso em 26/05/19
12.	-	a chave para estar em paz consigo mesmo é se aceitar com todas as imperfeições (...)	W10	a chave para estar em paz consigo mesmo é se aceitar com todas as imperfeições, “deixar-se estar” e viver de maneira harmoniosa com o que a gente é.	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/11/eps/1552329601_873502.html Acesso em 26/05/19
13.	-	Planejamento financeiro é a chave para um futuro tranquilo	W11	Planejamento financeiro é a chave para um futuro tranquilo.	https://lfmelo.adv.br/2019/05/28/planejamento-financeiro-e-a-chave-para-um-futuro-tranquilo/ Acesso em 26/05/19
14.	-	Empatia pode ser chave para ajudar seu filho a lidar com essa explosão de emoções	W12	Empatia pode ser chave para ajudar seu filho a lidar com essa explosão de emoções	https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Comportamento/noticia/2018/09/birra-empatia-pode-ser-chave-para-ajudar-seu-filho-lidar-com-essa-explosao-de-emocoes.html Acesso em 28/05/19
15.	-	Evidência esquecida da Esfinge de Gizé poderia ser chave para achar câmaras escondidas.	W13	Evidência esquecida da Esfinge de Gizé poderia ser chave para achar câmaras escondidas.	https://ciberia.com.br/evidencia-esquecida-da-esfinge-de-gize-50941 Acesso em 28/05/19
16.	-	(...) O norte industrializado é tanto o problema quanto a chave para a solução	W14	A mudança climática é real! As pessoas que vivem nos países em desenvolvimento não precisam ser informadas sobre as mudanças climáticas. Elas já estão vivendo com as consequências delas. O norte industrializado é tanto o problema quanto a chave para a solução.	https://www.greenme.com.br/informar-se/ambiente/8315-fotografos-do-mundo-inteiro-alertam-para-crise-climatica Acesso em 28/05/19
17.	-	Segundo Cregan-Reid, há evidências científicas crescentes de que os pés são chave na evolução humana.	W15	Segundo Cregan-Reid, há evidências científicas crescentes de que os pés são chave na evolução humana.	https://www.bbc.com/portuguese/geral-48348453 Acesso em 28/05/19
18.	-	Ficou claro que os museus precisam mudar. E mais: a chave dessa mudança passa por pensar ações que	W16	Ficou claro que os museus precisam mudar. E mais: a chave dessa mudança passa por pensar ações que misturem história, acervo,	https://culturadoria.com.br/museus-para-todos-cinco-pontos-sobre-as-tendencias-da-area/ Acesso em 28/05/19

		misturem história, acervo, com experiências (...)		com experiências. É preciso estabelecer uma relação diferente com o público.		
19.	-	A chave não está em vilanizar um ingrediente ou outro (...)	W17	A chave não está em vilanizar um ingrediente ou outro, mas, sim, apostar numa alimentação variada, com a participação de boas fontes de carboidratos e gorduras.	https://saude.abril.com.br/medicina/manual-do-figado-em-forma-como-eliminar-gordura/ Acesso em 28/05/19	
20.	-	Eficiência ofensiva será chave do Santos contra rivais da parte de baixo da tabela.	W18	Eficiência ofensiva será chave do Santos contra rivais da parte de baixo da tabela.	https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/5812555/eficiencia-ofensiva-sera-chave-do-santos-contra-rivais-da-parte-de-baixo-da-tabela Acesso em 28/05/19	
21.	-	Assim como todas as coisas boas da vida, moderação é chave (...)	W19	Assim como todas as coisas boas da vida, moderação é chave e encontrar o equilíbrio certo é uma parte essencial de uma jogatina segura e sensível".	https://vs.com.br/artigo/oms-define-oficialmente-vicio-em-games-como-problema-de-saude-mental Acesso em 28/05/19	
22.	-	A Amazônia é a chave que abrirá o mundo para o Brasil.	W20	A Amazônia é a chave que abrirá o mundo para o Brasil.	https://www.diariodaamazonia.com.br/a-imagem-do-brasil-no-exterior-esta-seriamente-prejudicada/ Acesso em 28/05/19	
23.	A3	Palavra-chave	W21	Inovação será a palavra-chave desta fase que poderá provocar uma verdadeira revolução em sua vida.	https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/horoscopo/horoscopo-2019-confira-a-previsao-de-hoje-10-12-para-seu-signo Acesso em 01/12/19	
24.	-	(...) cultura do privilégio, palavra-chave para se entender o profundo descontentamento" popular.	W22	Alicia Bárcena, secretária-executiva da Cepal, acrescentou que a desigualdade na região é "estrutural" e se baseia em uma "matriz produtiva altamente heterogênea e em uma cultura do privilégio, palavra-chave para se entender o profundo descontentamento" popular.	https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2019/11/comissao-economica-diz-que-paises-da-america-latina-subestimaram-desigualdade.html Acesso em 01/12/19	
25.	-	Ambição é palavra chave para organizações ambientalistas.	W23	Ambição é palavra chave para organizações ambientalistas.	https://www.noticiasaoiminuto.com/mundo/1369012/cop25-ambicao-e-palavra-chave-para-organizacoes-ambientalistas Acesso em 01/12/19	
26.	-	(...) diga uma palavra-chave em voz alta como nome do filme, gênero, atriz, ator, diretora ou diretor	W24	Ative a escuta clicando no botão de microfone do controle remoto e diga uma palavra-chave em voz alta como nome do filme, gênero, atriz, ator, diretora ou diretor. A TV irá mostrar um painel com os resultados da busca em vários apps de <i>streaming</i> instalados.	https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/03/dez-truques-e-funcoes-escondidas-de-uma-smart-tv-com-android-tv.ghtml Acesso em 01/12/19	
27.	-	Indicar que eles sublinhem no problema palavras consideradas chave para resolvê-lo (...)	W25	Indicar que eles sublinhem no problema palavras consideradas chave para resolvê-lo, como "repartiu" e "ganhou" (...)	https://novaescola.org.br/conteudo/2073/seus-alunos-sabem-interpretar-problemas Acesso em 28/05/19	
28.	A4	Homem-chave	W26	A secretária aflita entra pela segunda vez no gabinete do	http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG80699-	

				senador Gastón Cornejo, uma sala apertada, apinhada de móveis escuros, no 2o andar do Congresso boliviano, em La Paz. Médico, escritor e homem-chave do MAS, partido do presidente Evo Morales, Cornejo interrompe a entrevista.	6009,00-OS+BRASILEIROS+DE+EVO+MORALES.html Acesso em 28/05/19	
29.	-	Tornar-se homem chave	W27	Ele foi galgando posições no Comando Vermelho, a maior facção criminosa do Rio, ao tornar-se homem-chave na conquista de territórios.	https://veja.abril.com.br/brasil/um-retrato-falado-do-trafficante-fabiano-atanasio-o-fb/ Acesso em 28/05/19	
30.	-	(...) Mas o homem chave sempre foi o Jorge Mendes (...)	W28	"Havia muitos clubes interessados em mim. Mas o homem chave sempre foi o Jorge Mendes. Ele guiou-me sempre na direção certa. Lembro-me de ter falado da Juventus e fiquei feliz, porque é um clube extraordinário"(...)	https://www.ojogo.pt/internacional/cristiano-ronaldo/noticias/cristiano-ronaldo-recusou-a-juventus-e-explicou-porque-9014149.html Acesso em 28/05/19	
31.	-	Em apenas 17 anos, Sanchez passou de chefe de torcida organizada a homem-chave nas decisões que envolvem o Mundial de 2014.	W29	Em apenas 17 anos, Sanchez passou de chefe de torcida organizada a homem-chave nas decisões que envolvem o Mundial de 2014.	https://istoe.com.br/150325_O+POLEMICO+HOMEM+CHAVE+DA+COPA/ Acesso em 28/05/19	
32.	A5	Chave Allen	W30	Isso porque, além das triviais opções de chave Allen, o modelo ainda conta um adaptador para cilindros de Co2 que possibilita o rápido enchimento de pneus.	https://www.pedal.com.br/canivet-e-super-b-tbfd60-vem-com-valvula-de-co2-e-10-funcoes_texto12817.html Acesso em 28/05/19	
33.	A6	Chave de abóboda	W31	Na política internacional a ONU aparece como "a chave de abóboda de um novo sistema de segurança coletiva". Todavia, a ONU sofre uma crise de autoridade principalmente por causa das ações de seu principal financiador: os Estados Unidos.	https://www.conjur.com.br/2015-nov-03/constituicao-poder-repensar-pilares-estado-moderno-suposto-gestao-publica-parte Acesso em 28/05/19	
34.	-	A Reforma da Previdência não é a chave da abóboda para a crise política (...)	W32	A Reforma da Previdência não é a chave da abóboda para a crise política e econômica que enfrentamos hoje no país e não pode ser feita dissociada da reforma política, tributária e trabalhista com garantia de pleno emprego e mecanismos que garantam os trabalhadores em situação de desemprego e vulnerabilidade social.	http://hojecentrosul.com.br/?id=4775 Acesso em 28/05/19	
35.	-	(...) e sua chave de abóbada seria a pulsão de morte (...)	W33	O conceito da metapsicologia ainda daria conta de desafios vindouros e sua chave de abóbada seria a pulsão de	http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v45n83/v45n83a08.pdf Acesso em 28/05/19	

				morte: a pulsão por excelência, a expressão mais privilegiada do funcionamento psíquico.		
36.	A7	Chave de fenda	W34	Todo mundo deve ter ao menos duas chaves de fenda em tamanhos diferentes. Esse utensílio ajuda em diversas operações, como trocar a resistência de um chuveiro e consertar a estrutura de algum móvel.		
37.	A8	Chave de onda	W35	Eu comprei três dessas chaves de onda 2x3, rotativa, é essa mesma q usa no GT2?	https://forum.cifraclub.com.br/forum/7/51045/ Acesso em 30/05/19	
38.	A9	Chave de corrente	W36	Com nossa ferramenta Top Cap Chain tool, você nunca mais sairá para uma pedalada sem a chave de corrente. Esse top cap com tecnologia SWAT™ também funciona como uma chave emergencial para corrente que fica completamente escondida, mas facilmente acessível.	http://cilocerrado.commercesuite.com.br/ferramentas/ferramenta-specialized-top-cap-com-chave-de-corrente-p-espiga-em-carbono Acesso em 30/05/19	
39.	A10	Chave de estria	W37	A chave de estrela, também conhecida como chave de estria, se ajusta ao redor do parafuso, dando maior firmeza, proporcionando um aperto mais regular, mais segurança. Geralmente utilizada em locais de difícil acesso.	https://www.meiacolher.com/2015/06/diferenca-entre-chave-de-boca-estrela-e.html Acesso em 30/05/19	
40.	A11	Chave de ouro	W38	Relacionamento com o público é a chave de ouro.	https://cooperativismodecredito.coop.br/2018/09/relacionamento-com-o-publico-e-a-chave-de-ouro/ Acesso em 01/06/19	
41.	-	Disciplina: chave de ouro para suas finanças pessoais.	W39	Disciplina: chave de ouro para suas finanças pessoais.	https://financaspessoais.orgarizze.com.br/disciplina-chave-de-ouro-para-suas-financas-pessoais/ Acesso em 01/06/19	
42.	-	Fechar com chave de ouro	W40	E para fechar com chave de ouro, o SESI Osasco contará com uma densa programação nas áreas de artes visuais, trazendo exposições fotográficas, apresentações de animes, mangateca, palestras e bate-papos com ilustradores, dubladores e quadrinistas.	https://www.visaoeste.com.br/fim-de-semana-tem-festival-geek-e-de-cultura-pop-oriental-no-sesi-osasco/ Acesso em 01/06/19	
43.	-	E para fechar com chave de ouro a inauguração do bar (...)	W41	E para fechar com chave de ouro a inauguração do bar e deixar as portas abertas ao sucesso, nada mais nada menos do que o grande músico e compositor João Bosco.	http://ideiasdamandi.blogspot.com/2011/06/inauguracao-do-templo-bar-de-fe-sucesso.html Acesso em 01/06/19	
44.	-	"E fechar aqui no Morumbi, com chave de	W42	"E fechar aqui no Morumbi, com chave de ouro, nos deixa muito felizes. O basquete da	https://www.clickpb.com.br/espORTE/basquete-unifacisa-vence-sao-	

		ouro, nos deixa muito felizes” (...)		Paraíba merece estar onde está”, disse o técnico.	paulo-conquista-liga-ouro-2019-e-vai-jogar-nbb-261384.html Acesso em 01/06/19	
45.	-	A Seleção Brasileira fechou sua campanha nas Eliminatórias para a Copa do Mundo com chave de ouro.	W43	A Seleção Brasileira fechou sua campanha nas Eliminatórias para a Copa do Mundo com chave de ouro.	http://lnb.com.br/noticias/chave-de-ouro-selecao-brasileira-eliminotorias/ Acesso em 02/06/19	
46.	-	Encerrar com chave de ouro	W44	Para encerrar com chave de ouro no clube municipal, o público vai poder curtir os shows de Conde do Forró e Baby Som.	http://www.primeiraedicao.com.br/noticia/2019/05/31/prefeitura-de-porto-calvo-divulga-programacao-das-festas-juninas Acesso em 01/06/19	
47.	-	‘Alma’ encerra com chave de ouro o Festival Amazonas de Ópera, homenageando Claudio Santoro.	W45	‘Alma’ encerra com chave de ouro o Festival Amazonas de Ópera, homenageando Claudio Santoro	http://www.amazonas.am.gov.br/2019/05/alma-encerra-com-chave-de-ouro-o-festival-amazonas-de-opera-homenageando-claudio-santoro/ Acesso em 01/06/19	
48.	-	Marcar com chave de ouro	W46	Dessa maneira, para marcar com chave de ouro esta união notória e intensa, a cantora apresentará seus fãs com uma canção especial. A música, que carrega o título de ‘ Duas leoas ’, alude o signo de Daniela e Malu .	https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/06/daniela-mercury-lancara-musica-nova-com-a-mulher-malu-vercosa Acesso em 01/06/19	
49.	-	Abrir com chave de ouro	W47	Vou ser a chave que abriu a sua mente Abrimo as caminhada com chave de ouro Cansamo de usar grife, nós voltou pra Oakley	https://www.letras.mus.br/mc-neguinho-do-kaxeta/chave-de-ouro/ Acesso em 01/06/19	
50.	-	A abertura da festa junina no Rio Anil vai ser com chave de ouro (...)	W48	A abertura da festa junina no Rio Anil vai ser com chave de ouro: o Boi de Axixá, que comemora 60 anos de existência em 2019, vai levar muita alegria ao público do primeiro dia.	https://imirante.com/namira/sao-luis/noticias/2019/05/29/rio-anil-shopping-da-a-largada-para-o-sao-joao-em-sao-luis.shtml Acesso em 01/06/19	
51.	-	Vo abrindo as portas com chave de ouro E a família me dizendo que tá tudo bem	W49	Vo abrindo as portas com chave de ouro E a família me dizendo que tá tudo bem	https://www.letras.mus.br/mc-boy-do-charmes/chave-de-ouro/ Acesso em 01/06/19	
52.	-	As meninas da equipe Sub-17 (...) estrearam no Estadual com chave de ouro.	W50	As meninas da equipe Sub-17 da Fundação Municipal de Esportes (FME)/Criciúma Esporte Clube/Esucri, jogando em casa, estrearam no Estadual com chave de ouro. Agora o objetivo segundo o técnico da FME, Marcelo Just é continuar no embalo.	https://dnsul.com/2019/esporte/criciuma-estrela-com-chave-de-ouro-no-estadual-de-futsal-feminino-sub-17/ Acesso em 01/06/19	
53.	-	Abrir a chave	W51	E a situação do Boca não era das melhores: após abrir a chave com um 2x1 no duelo nacional contra o Central, levou 2x0 do Cristal em Lima e não passou do 0x0 com o Universitario.	https://twitter.com/impedimento/status/1114295650236157953 Acesso em 06/09/20	

54.	A12	Chave eletrônica	W52	Se você ainda não conhece, a Chave Eletrônica é uma assinatura digital que permite assinar documentos digitais a partir de qualquer <i>smartphone</i> , com segurança e validade legal.	http://blog.camaradecontratos.net/assinatura-digital-como-funciona-chave-eletronica/ Acesso 02/06/19
55.	-	Certidão de nascimento terá chave eletrônica (...)	W53	Certidão de nascimento terá chave eletrônica: A emissão de certidões de nascimento poderá contar com a assinatura digital de documentos por meio da certificação da ICP-Brasil.	https://exame.abril.com.br/tecnologia/certidao-de-nascimento-tera-chave-eletronica/ Acesso em 02/06/19
56.	-	(...) é possível que um hacker consiga clonar a chave eletrônica da Tesla (...)	W54	De acordo com pesquisadores da Universidade Católica de Leuven, na Bélgica, é possível que um hacker consiga clonar a chave eletrônica da Tesla apenas passando perto do dono do carro, o que permitiria o roubo do veículo sem muito esforço.	https://canaltech.com.br/carros/falha-permite-que-hackers-clonem-chave-eletronica-da-tesla-a-distancia-122228/ Acesso em 02/06/19
57.	-	(...) chave eletrônica para abrir portas.	W55	A <i>startup</i> de Campinas <i>Magikey</i> desenvolveu um dispositivo que reconhece o <i>smartphone</i> como uma chave eletrônica para abrir portas.	https://www.dci.com.br/servicos/aplicativo-transforma-gadgets-em-chave-eletronica-1.655088 Acesso em 02/06/019
58.	-	Quebrou a chave	W56	(...) meu tio mesmo, foi mandado embora da Symantec pq ele quebrou a chave de segurança (...)	https://twitter.com/leocorado/status/177184122559676416 Acesso em 06/09/20
59.	-	Romper a chave	W57	No entanto, já faz tempo que a criptografia WEP foi rompida, portanto qualquer hacker que tenha acesso à rede sem fio e que capture alguns megas de informação criptografada poderá romper a chave em poucos minutos.	https://www.precisodeumtecnico.com/site/rede-sem-fio-o-pontos-fracos/ Acesso em 06/09/20
60.	A13	Chave falsa	W58	Homem furta carro com chave falsa, mas acaba preso horas após o crime.	https://www.topmidianews.com.br/policia/homem-furta-carro-com-chave-falsa-mas-acaba-preso-horas-apos-o-crime/59328/ Acesso em 02/06/19
61.	-	O amor platônico é uma chave falsa (...)	W59	O amor platônico é uma chave falsa ou uma gazua para poder penetrar na casa alheia sem ser visto.	https://www.pensador.com/frase/MjQ0QA/ Acesso em 02/06/19
62.	-	Nada mais triste que uma chave falsa (...)	W60	Nada mais triste que uma chave falsa . Ela parece abrir uma esperança, mas abre somente uma ilusão.	https://twitter.com/RevistaEpoca/status/583638533673365504 Acesso em 27/03/20
63.	A14	Chave mestra	W61	A chave mestra da questão econômica está na agenda dura da política: o problema do poder, a propriedade e a matriz produtiva. Não é um assunto de tecnocratas ou gestores.	https://movimentorevista.com.br/2017/07/economia-urugua-dependencia-periferia/ Acesso em 02/06/19

64.	-	Transformar o morador em cidadão é a chave-mestra que abre as portas do enigma e do futuro.	W62	Transformar o morador em cidadão é a chave-mestra que abre as portas do enigma e do futuro.	https://www.revistaforum.com.br/conferencia-sao-paulo-sua-vai-impactar-e-encantar/ Acesso em 02/06/19
65.	-	(...) Com o jovem, foi encontrada uma chave falsa, tipo chave mestra (...)	W63	O policial fez a perseguição e conseguiu deter o acusado, identificado como Thiago Figueiredo. Com o jovem, foi encontrada uma chave falsa, tipo chave mestra, que era usada para o furto de motocicletas na região.	https://imirante.com/sao-luis/noticias/2018/11/02/jovem-e-preso-tentando-roubar-motocicleta-com-chave-mestra.shtml Acesso em 02/06/19
66.	-	(...) o porteiro alegou que não podia usar a chave mestra por uma regra do condomínio.	W64	Era de noite, por volta de 00h quando cheguei em casa e o porteiro alegou que não podia usar a chave mestra por uma regra do condomínio.	https://www.sindiconet.com.br/tiraduvidas/9/diversos/99865/uso-de-chave-mestra Acesso em 02/06/19
67.	A15	Meter na chave	W65	Para os formadores de opinião, é claro que o projeto está sendo boicotado, isso porque o juiz Moro pode meter na chave a qualquer momento o chefe do grupo Coelho, o senador Fernando Bezerra (MDB) devido a um inquérito que foi aberto em 2015.	http://acaopopular.net/jornal/projeto-que-homenageia-sergio-moro-na-terra-de-fernando-bezerra-esta-preso-na-gaveta/ Acesso em 03/06/19
68.	-	Como seria bom a polícia meter na chave este tipo de malandro.	W66	A culpa da miséria do país não é do político corrupto, mas do eleitor que vota nele. O eleitor é mais corrupto que o próprio político. Como seria bom a polícia meter na chave este tipo de malandro.	http://acaopopular.net/jornal/eleitor-corrupto/ Acesso em 03/06/19
69.	-	Meter uma chave	W67	Em «A Teia», depois de Diogo ligar a dizer para Lara ter cuidado porque Marta está desconfiada, alguém tenta meter uma chave na fechadura e Lara pensa que é Marta que descobriu que ela está viva. Lara pega num objeto para se defender mas quando a porta abre e ela atira o objeto repara que é filha de Diogo.	https://tvi.iol.pt/ateia/videos/lara-acha-que-marta-tenta-entrar-em-casa-dela/5cf1a7530cf28b07e0c2235b Acesso em 25/06/19
70.	A16	Chave de braço	W68	Após esperar quase cinco horas para ser atendido; sem apresentar resistência alguma, cliente foi agredido com uma chave de braços por PM.	https://jornalgggn.com.br/noticia/gerente-da-caixa-manda-policia-algemar-cliente-negro-e-diz-nao-faco-acordo-com-esse-tipo-de-gente/ Acesso em 29/05/19
71.	-	Policial de Nova York é detido após realizar prisão com chave de braço.	W69	Policial de Nova York é detido após realizar prisão com chave de braço.	https://extra.globo.com/noticias/mundo/policial-de-nova-york-detido-apos-realizar-prisao-com-chave-de-braco-24499745.html Acesso em 24/07/20
72.	-	Chave de segurança	W70	O Semesp informa que o Sisfies está com problema na impressão da data de comparecimento ao agente	https://www.semesp.org.br/assessoria-financiamentos/noticias/sisfies/ Acesso em 28/05/19

				financeiro e a chave de segurança no DRI dos estudantes.		
73.	-	Chave de segurança	W71	Em um relato detalhado, Mawali afirmou que uma vulnerabilidade crítica encontrada na carteira levou à perda de fundos do usuário, uma vez que comprometia a chave privada de sua carteira.	https://cointimes.com.br/investidor-perde-economia-de-vida-em-falha-critica-da-carteira-coinomi/ Acesso em 28/05/19	
74.	-	Criador de carteira de papel de criptomoeda online WalletGetator.net, executou código que fazia com que pares de chaves privadas/chaves públicas fossem emitidos para vários usuários.	W72	Criador de carteira de papel de criptomoeda online WalletGetator.net, executou código que fazia com que pares de chaves privadas/chaves públicas fossem emitidos para vários usuários.	https://bitnoticias.com.br/pesquisador-descobre-vulnerabilidade-de-carteira-que-deu-a-mesma-chave-para-varios-usuarios/ Acesso em 29/05/19	
75.	-	Mudar a chave	W73	Imperatriz muda a chave e volta a Copa do Nordeste.	http://www.maranhaoesportes.com/imperatriz-muda-a-chave-e-volta-a-copa-do-nordeste/ Acesso em 28/03/20	
76.	-	Hora de mudar a chave porque a Libertadores agora é só em julho. (...)	W74	Hora de mudar a chave porque a Libertadores agora é só em julho. Domingo tem Botafogo x Bahia. Vamos apoiar o Fogão esse time merece.	https://twitter.com/botafogohinchas/status/868158880773267456 Acesso em 15/07/20	
77.	-	(...) algo que pode ser extremamente útil se você mudou a chave de entrada recentemente (...)	W75	(...) como recuperar a senha de acesso do seu computador com Windows 10; algo que pode ser extremamente útil se você mudou a chave de entrada recentemente e agora, alguns dias depois, não consegue mais lembrar.	https://www.tudocelular.com/curiosidade/noticias/n151846/dica-tutorial-recuperar-senha-acesso-windows-10.html Acesso em 02/02/20	
78.	-	acabei de ver que mudou a chave e geral está muito para “emagrecer” (...)	W76	acabei de ver que mudou a chave e geral está muito para “emagrecer”. Antes era mais para exercício em casa somente.	https://twitter.com/agentbrown/status/1241056041539784704 Acesso em 02/02/20	
79.	-	Se a pessoa perceber durante o banho que a temperatura não está adequada nunca deve mudar a chave com o chuveiro ligado.	W77	Se a pessoa perceber durante o banho que a temperatura não está adequada nunca deve mudar a chave com o chuveiro ligado.	http://portalcorreio.com.br/especial/chuveiro-eletrico-esconde-perigos/ Acesso em 29/05/19	
80.	-	No momento em que o vereador do Rio se manteve como o responsável pelas redes sociais após a posse do pai, a chave não foi virada (...).	W78	No momento em que o vereador do Rio se manteve como o responsável pelas redes sociais após a posse do pai, a chave não foi virada. A metralhadora da campanha presidencial continua sendo disparada indiscriminadamente. Bolsonaro, contudo, é o presidente do país, e seus	https://www.gazetaonline.com.br/opiniao/editorial/2019/04/carlos-bolsonaro-o-filho-problema-1014178126.html Acesso em 29/05/19	

				perfis deveriam ter adotado tons mais institucionais, mesmo que buscando uma comunicação direta com seus seguidores.		
81.	-	Serão 12 equipes participantes, compondo duas chaves com seis representantes.	W79	Serão 12 equipes participantes, compondo duas chaves com seis representantes. Avançam a próxima fase as quatro melhores equipes de cada grupo.	https://dnsul.com/2019/esporte/i-cara-fmce-detalha-formatacao-da-copa-agromel-de-futebol-sub-11/ Acesso em 03/05/19	
82.		Thiago Monteiro vai representar o tênis brasileiro na chave masculina do Masters 1000 de Miami.	W80	Thiago Monteiro vai representar o tênis brasileiro na chave masculina do Masters 1000 de Miami.	https://istoe.com.br/thiago-monteiro-se-garante-na-chave-de-miami-com-triunfo-sobre-sul-africano/ Acesso em 29/05/19	
83.	-	(...) Os dois melhores de cada chave avançam ao mata-mata (...)	W81	As 48 seleções serão divididas em 16 grupos de três times. Os dois melhores de cada chave avançam ao mata-mata. Os 32 então viram 16, que se enfrentam em oitavas de final e assim por diante.	http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2017/01/copa-com-48-selecoes-tera-overdose-de-partidas-nos-primeiros-15-dias.html Acesso em 19/07/20	
84.	-	Questão chave	W82	Tribos do Amazonas respondem a uma questão chave sobre as causas de hipertensão.	https://www.gentside.com.br/tribo/essa-tribo-do-amazonas-e-muito-diferente-de-nos-por-uma-questao-fisiologica-crucial_art11377.html Acesso em 29/05/19	
85.	-	Três questões-chave para entender a polêmica transferência da embaixada dos EUA em Israel.	W83	Três questões-chave para entender a polêmica transferência da embaixada dos EUA em Israel.	https://g1.globo.com/mundo/noticia/tres-questoes-chave-para-entender-a-polemica-transferencia-da-embaixada-dos-eua-em-israel.ghtml Acesso em 29/05/19	
86.	-	A questão chave é que o presidente tem de ser uma “cola”, não para eliminar as diferenças, e sim para ajustá-las aos propósitos do governo (...)	W84	Governos unidimensionais, com unidades profundas, funcionam menos do que governos pluridimensionais. A questão chave é que o presidente tem de ser uma “cola”, não para eliminar as diferenças, e sim para ajustá-las aos propósitos do governo — que é o bem comum, o desenvolvimento e o crescimento.	https://www.jornalopcao.com.br/editorial/bolsonaro-quer-ir-pra-ruas-quando-sua-missao-e-governar-um-dos-paises-mais-ricos-do-mundo-186384/ Acesso em 29/05/19	
87.	-	Peça-chave	W85	Tecnologia de ponta é peça-chave para aumentar produtividade das empresas.	https://epocanegocios.globo.com/FICE/noticia/2018/12/tecnologia-de-ponta-e-peca-chave-para-aumentar-produtividade-das-empresas.html Acesso em 29/05/19	
88.	-	Calça de cintura alta é peça-chave no armário de Vanda, em ‘O Tempo Não Para’.	W86	Calça de cintura alta é peça-chave no armário de Vanda, em ‘O Tempo Não Para’.	https://gshow.globo.com/novelas/o-tempo-nao-para/noticia/calca-de-cintura-alta-e-peca-chave-no-armario-de-vanda-em-o-tempo-nao-para-veja-looks.ghtml Acesso em 29/05/19	

89.	-	Transporte coletivo é peça-chave do planejamento urbano.	W87	Transporte coletivo é peça-chave do planejamento urbano.	https://g1.globo.com/especial-publicitario/em-movimento/ccr/noticia/transporte-coletivo-e-peca-chave-do-planejamento-urbano.ghtml Acesso em 29/05/19	
90.	-	Angra 3, peça-chave para a prisão de Temer, é canteiro de obras e corrupção.	W88	Angra 3, peça-chave para a prisão de Temer, é canteiro de obras e corrupção.	https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/03/24/angra-3-peca-chave-para-a-prisao-de-temer-e-canteiro-de-obras-e-corrupcao.ghtml Acesso em 29/05/19	
91.	-	Albino Alvarez, técnico de Planejamento e Pesquisa do Ipea, explica que a educação ambiental é a peça-chave para o sistema funcionar.	W89	Albino Alvarez, técnico de Planejamento e Pesquisa do Ipea, explica que a educação ambiental é a peça-chave para o sistema funcionar.	https://www.opovo.com.br/jornal/dom/2019/05/24/logistica-reversa--a-industria-que-se-renova-pelo-lixo.html Acesso em 29/05/19	
92.	A17	Ponto-chave	W90	Para especialistas, formação de professores e base curricular são pontos-chave para reverter maus resultados no Ideb.	https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/para-especialistas-formacao-de-professores-base-curricular-sao-pontos-chave-para-reverter-maus-resultados-no-ideb-23034233 Acesso em 29/05/19	
93.	-	Eis aqui um ponto chave.	W91	“É importante desescolarizar os museus. Essa coisa de provinha é terrível”, disse Mário Chagas, diretor do Museu da República. Eis aqui um ponto chave.	https://culturadoria.com.br/museus-para-todos-cinco-pontos-sobre-as-tendencias-da-area/ Acesso em 29/05/19	
94.	-	(...) representam o ponto-chave para a formulação do problema que se almeja investigar (...)	W92	Eis que os temas em questão (apenas como exemplos, pois há uma infinidade de tantos outros) representam o ponto-chave para a formulação do problema que se almeja investigar. Dessa forma, como todo problema deve partir sempre de um questionamento(...)	https://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/a-formulacao-problema-na-pesquisa-cientifica.htm Acesso em 19/05/19	
95.	-	Os acessos são muito difíceis. Há hotéis nas províncias, mas nos pontos-chave turísticos por vezes não existem (...).	W93	Os acessos são muito difíceis. Há hotéis nas províncias, mas nos pontos-chave turísticos por vezes não existem. Faltam recursos humanos capacitados, que atendam o turista de uma forma como estão habituados.	https://africa21digital.com/2019/05/25/agentes-de-viagem-sao-aventureiros-no-turismo-em-angola/ Acesso em 29/05/19	
96.	H1	Entrega das chaves	W94	Logo após o ato de entrega das chaves e kits de interfone, os beneficiados já poderão programar mudança para as unidades habitacionais.	https://diarionline.com.br/index.php?s=noticia&id=106485 Acesso em 29/05/19	
97.	-	Um deles teria apontado uma arma de fogo para a cabeça da mulher para forçar a entrega das chaves do carro (...)	W95	Um deles teria apontado uma arma de fogo para a cabeça da mulher para forçar a entrega das chaves do carro, além de ter levado também a bolsa e cerca de quarenta itens de vestuário	https://www.revive.com.br/noticias/cidades/assaltantes-causam-batida-para-roubar-carro-no-transito-da-zona-sul-de-ribeirao/ Acesso em 11/12/19	

				que estavam dentro do veículo.		
98.	-	A entrega da chave para os oito permissionários das tradicionais bancas da Praça do Imigrante marcou os 92 anos de aniversário de Novo Hamburgo.	W96	A entrega da chave para os oito permissionários das tradicionais bancas da Praça do Imigrante marcou os 92 anos de aniversário de Novo Hamburgo.	https://revistanews.com.br/2019/04/10/entrega-de-chaves-das-bancas-marca-o-aniversario-de-novo-hamburgo/ Acesso em 11/12/19	
99.	-	Luciano Cartaxo acompanha assinatura de contratos do Novo São José e entrega de chaves será nesta quarta-feira.	W97	Luciano Cartaxo acompanha assinatura de contratos do Novo São José e entrega de chaves será nesta quarta-feira.	http://www.joaopessoa.pb.gov.br/luciano-cartaxo-acompanha-assinatura-de-contratos-do-novo-sao-jose-e-entrega-de-chaves-sera-nesta-quarta-feira/ Acesso em 11/12/19	
100.	-	Entrega logo a chave	W98	A média das economias do G7 é de 32,3%, dos BRICs é de 27,9% e a média global é de 27%. Se o projeto de Ana Amélia prosperar, será o inferno para as empresas nacionais e o paraíso para as multi. Assim é escancarar as portas para Trump. Entrega logo a chave.	https://istoe.com.br/assim-e-melhor-entregar-a-chave-para-o-trump/ Acesso em 11/12/19	
101.	-	Dar a chave	W99	País ingovernável e como o Papol destrói o Brasil 3: deem a chave para Moro.	https://reinaldoazevedo.blogosfera.uol.com.br/2019/05/26/pais-ingovernavel-e-como-o-papol-destrui-o-brasil-3-deem-a-chave-para-moro/ Acesso em 28/05/19	
102.	H2	Chave de uma cidade	-	Não há ocorrências.		
103.	-	Chave da cidade	W100	Com o simbolismo do renascimento do Carnaval, o Rei Momo de Porto Alegre, Byra Borba, recebeu nesta quinta-feira, no Paço Municipal, a chave da cidade das mãos do prefeito Nelson Marchezan Júnior.	https://www.correiodopovo.com.br/artegenda/carnaval/prefeito-entrega-chave-da-cidade-ao-rei-momo-de-porto-alegre-1.326672 Acesso em 03/06/19	
104.	-	Por salvar gravadora, Jack White recebe a chave da cidade de Cincinnati.	W101	Por salvar gravadora, Jack White recebe a chave da cidade de Cincinnati.	http://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2018/06/06/jack-white-chave-cincinnati/ Acesso em 03/06/19	
105.	-	(...) o prefeito Eduardo Leite, e a vice Paula Mascarenhas entregaram a chave da cidade (...)	W102	Depois de cumprimentar os seus "pupilos" (como Noel chamou suas crianças) que lotavam a Praça Coronel Pedro Osório, o prefeito Eduardo Leite, e a vice Paula Mascarenhas entregaram a chave da cidade àquele que povoa o imaginário das crianças nesta época do ano.	http://diariodamanhapelotas.com.br/site/papai-noel-recebe-a-chave-da-cidade/ Acesso em 03/06/19	
106.	-	Além dos nossos corações, Drake tem a chave da cidade de Toronto.	W103	Além dos nossos corações, Drake tem a chave da cidade de Toronto.	https://www.midiorama.com/alem-dos-nossos-coracoes-drake-tem-a-chave-da-cidade-de-toronto Acesso em 03/06/19	
107.	-	(...) ela recebeu a chave de sua cidade natal, Queens.	W104	Depois de se tornar a rapper feminina mais premiada da história, Nicki Minaj foi presenteada com uma grande honraria: ela recebeu	https://jovempan.uol.com.br/entretimento/musica/nicki-minaj-ganha-chave-de-sua-cidade-natal-em-homenagem-suas-realizacoes-na-musica.html	

				a chave de sua cidade natal, Queens.	Acesso em 03/06/19	
108.	H3	As chaves do Reino dos céus	W105	Eu te darei as chaves do Reino dos céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.	https://domvob.wordpress.com/2011/10/28/quem-tem-as-chaves-do-reino-de-deus-o-papa-tem-as-chaves-do-reino/ Acesso em 03/06/19	
109.	-	Se eu fosse um cartunista, desenharia o Santo Padre de joelhos oferecendo as chaves do reino dos céus ao presidente Xi Jinping (...)	W106	"Se eu fosse um cartunista, desenharia o Santo Padre de joelhos oferecendo as chaves do reino dos céus ao presidente Xi Jinping e escreveria: 'Por favor, reconhece-me como Papa'", escreveu o Cardeal.	https://www.acidigital.com/noticias/cardeal-zen-pede-a-catolicos-fieis-da-china-que-voltem-as-catacumbas-50151 Acesso em 11/12/19	
110.	-	Lembraí que não é a ânsia de crescimento ou o esforço pessoal que vos dará as chaves do Reino (...)	W107	Lembraí que não é a ânsia de crescimento ou o esforço pessoal que vos dará as chaves do Reino, mas sim a suave confiança, o caminhar sereno e seguro, a certeza de estar amparado pelas mãos do Pai.	https://www.otempo.com.br/opiniao/trigueirinho/ensinamentos-dos-irmaos-maiores-sobre-o-caminho-cosmico-1.1449280 Acesso em 11/12/19	
111.	-	As chaves do reino dos céus contigo já está (...)	W108	As chaves do reino dos céus contigo já está... Pode abrir então a porta, a chave é a tua fé.	https://www.letras.mus.br/keyllakasher/a-chave/ Acesso em 11/12/19	
112.	H4	Chave de um enigma	W109	No centro médico militar localizado em Washington DC, a chave do enigma esteve armazenada despercebidamente por todo esse tempo. O próximo passo foi localizar um dos parentes vivos de Hess, que preferiu permanecer sob anonimato, e coletar sua saliva.	https://super.abril.com.br/historia/teste-de-dna-derruba-teoria-da-conspiracao-nazista/ Acesso 02/06/19	
113.	-	Causa do abscesso é a chave do enigma sobre a saúde do Chávez.	W110	Causa do abscesso é a chave do enigma sobre a saúde do Chávez.	https://oglobo.globo.com/mundo/causa-do-abscesso-a-chave-do-enigma-sobre-saude-do-chavez-2759508 Acesso 02/06/19	
114.	-	(...) Na chave deste enigma, está a cooperação solidária internacional	W111	Talvez, essa cidade mineira represente um microcosmo das angústias vivenciadas pelo mundo afora. Na chave deste enigma, está a cooperação solidária internacional, não somente exercida, com maestria por Israel, que enviou especialistas nas buscas e socorro, mas também pelo papel essencial que a Cruz Vermelha tem desempenhado.		
115.	H5	A obra de Saussure é a chave da linguística moderna.	-	Não há ocorrências.		
116.	H6	Ideia-chave	W112	A ideia chave do Marketing de Conteúdo não é informar	https://www.aquainterativa.com.br/site/pages/gestaoconteudo	

				clientes e potenciais clientes sobre a sua empresa e o que ela vende ou faz, como acontece no marketing tradicional. O foco é abordar assuntos sobre o nicho de mercado do seu negócio.	Acesso 03/06/19	
117.	-	(...) como se constrói o sentido de um texto a partir de uma ideia-chave (...)	W113	No texto abaixo, queremos mostrar-lhe como se constrói o sentido de um texto a partir de uma ideia-chave. Acompanhe com atenção e, ao final, você constatará que, num texto, tudo significa. (...) Observe que, nesse texto, há uma idéia-chave: João Pedro Stédile. Essa idéia-chave, embora não esteja expressa no título nem no subtítulo, é uma espécie de “primeiro ponto” para o ato de “tecer o texto”.	http://www2.unifap.br/piap/files/2017/03/L%C3%ADngua-Portuguesa-02.pdf Acesso em 03/06/19	
118.	-	(...) Eis algumas ideias-chave sobre a asma que podem facilitar-lhe a vida (...)	W114	Na maioria dos casos a asma não é muito difícil de diagnosticar, mesmo na criança. Eis algumas ideias-chave sobre a asma que podem facilitar-lhe a vida (...)	https://www.jornalmedico.pt/asma/32908-o-abc-da-asma.html Acesso em 03/06/19	
119.	-	A ideia chave é maximizar os recursos minimizando o desperdício (...)	W115	A ideia chave é maximizar os recursos minimizando o desperdício, focando na experiência do usuário e no aprendizado contínuo da qualidade em todas as fases do processo.	https://cultivatech.com.br/o-erro-de-ser-lean-startup-no-brasil/ Acesso em 03/06/19	
120.	-	A ideia chave é capacitar-se.	W116	Muita gente acredita que para ter sucesso nos negócios é preciso nascer com características de um empreendedor bem sucedido. No entanto, é perfeitamente possível trabalhar para desenvolver tais habilidades. A ideia chave é capacitar-se.	http://www.credisol.org.br/noticia/conheca-as-principais-caracteristicas-de-um-empendedor-de-sucesso-248 Acesso em 03/06/19	
121.	-	Candidato socialista ao Governo Regional apresentou as suas ideias-chave em várias áreas.	W117	Candidato socialista ao Governo Regional apresentou as suas ideias-chave em várias áreas.	https://www.dnoticias.pt/madeira/cafofo-promete-levar-a-madeira-para-a-frente-DK4840360 Acesso em 03/06/19	
122.	H7	Postos-chave	W118	O presidente Jair Bolsonaro tem feito da presença de militares em postos-chave uma das marcas do seu governo.	https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/01/16/Estes-s%C3%A3o-os-militares-que-ocupam-postos-chave-no-governo Acesso em 29/05/19	
123.	H8	A sete chaves	W119	A queixa foi desclassificada esta quinta-feira e enviada ao Congresso. O denunciante diz que o círculo próximo do Presidente dos EUA sabia que poderia ter havido abuso de poder e fez esforços para	https://www.publico.pt/2019/09/26/mundo/noticia/denunciante-acusou-casa-branca-encobrir-abuso-trump-1888008 Acesso em 29/05/19	

				“fechar a sete chaves todos os registos do telefonema”.	
124.	-	Irmãos Russo vão contar segredos guardados a sete chaves!	W120	Irmãos Russo vão contar segredos guardados a sete chaves!	http://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-151757/ Acesso em 29/05/19
125.	-	Guarde as suas intenções a sete chaves.	W121	Guarde as suas intenções a sete chaves.	http://www.terraruiva.pt/2018/11/11/horoscopo-semanal-por-maria-helena-martins-41/ Acesso em 29/05/19
126.	-	(...) trancadas a sete chaves (...)	W122	Mas a maior parte das informações sobre futuros lançamentos estão trancadas a sete chaves e só serão conhecidas com o tempo ou nos salões mundiais do setor.	https://www.correiadoestado.com.br/correio-veiculos/perspectivas-2020-o-que-vem-por-ai/365765/ Acesso em 29/05/19
127.	-	(...)um segredo mantido a sete chaves (...)	W123	O pagamento de pensões a viúvas e filhas solteiras de militares era um segredo mantido a sete chaves pelo governo federal.	https://exame.abril.com.br/brasil/as-pensoes-vitalicias-dos-acusados-de-crimes-na-ditadura/ Acesso em 29/05/19
128.	-	Os detalhes do filme ainda se mantém sobre sete chaves (...)	W124	Os detalhes do filme ainda se mantém sobre sete chaves, mas muitos fãs estão teorizando que, a partir dessas fotos, os dois interpretarão alguns personagens obscuros da DC, como Fillion no papel de Blackguard e Davidson seria Savant.	https://spinoff.com.br/comediant-e-do-saturday-night-live-vai-viver-irmao-de-protagonista-em-the-rookie/ Acesso em 29/05/19
129.	-	(...) Não exatamente em um escritório convencional, fechado a sete chaves.	W125	No caso de nosso leitor, Marcos Palhares, que trabalha em casa, o desejo é ver o espaço anexo à sua suíte transformado em <u>home office</u> . Não exatamente em um escritório convencional, fechado a sete chaves.	https://emails.estadao.com.br/noticias/casa-e-decoracao,projeto-reune-quarto-e-escritorio-em-um-mesmo-ambiente,70003116207 Acesso em 29/05/19
130.	-	(...)Um segredo guardado com muito carinho, mas à sete chaves, foi revelado.	W126	Tudo que se sabia sobre o passado do ator virou de cabeça para baixo quando a equipe de apuração da Time conversou com antigos vizinhos, parentes e pessoas próximas da família. Um segredo guardado com muito carinho, mas à sete chaves, foi revelado.	https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/em-1974-jack-nicholson-astro-de-hollywood-descobriu-que-sua-irma-mais-velha-na-verdade-era-sua-mae.phtml Acesso em 29/05/19
131.	-	Amigo é coisa pra se guardar, debaixo de sete chaves (...)	W127	Amigo é coisa pra se guardar, debaixo de sete chaves, dentro do coração, assim falava a canção, mas quem cantava chorou.	https://diarioprime.com.br/blogs/bom-dia/trechos-de-musicas/milton-nascimento/musicas-10-trechos-do-milton-nascimento-para-status-do-whatsapp/ Acesso em 29/05/19
132.	-	A disputa será dividida em sete chaves (...)	W128	A disputa será dividida em sete chaves, com quatro equipes cada. “Não temos dúvida de que, assim como nos outros anos, iremos conseguir agregar esporte e integração entre	http://www.engeplus.com.br/noticia/esportes/2019/136651-taca-cooperalianca-de-bocha-inicia-na-proxima-semana Acesso em 29/05/19

				comunidade/associados por meio deste evento.		
133.	-	Parem de comprar essa chave de cadeia . Essa garota não é amiga de Felipe.	W129	Jogou a fãisca e saiu de perto. Quem quiser enxergar q enxergue. Parem de comprar essa chave de cadeia . Essa garota não é amiga de Felipe.	https://twitter.com/giulifsr/status/1243876329986183168 Acesso em 30/03/20	
134.	-	(...) eu sou chave de cadeia	W130	A vítima afirma que a mulher disse que vai fazer um inferno na vida do mesmo: 'eu sou chave de cadeia'	https://www.topmidianews.com.br/policia/ex-namorado-denunciado-mulher-que-ameacou-registrar-boletim-de/113027/ Acesso em 30/03/20	
135.	-	A chave da cadeia é Fabrício Queiroz (...)	W131	A chave da cadeia é Fabrício Queiroz, homem de confiança que evolui e harmoniza dentro do grupo de milicianos, que tem autoridade nos gabinetes parlamentares no Rio para admitir, demitir, repartir dividendos e movimentar depósitos em contas correntes.	https://www.brasil247.com/blog/as-bravatas-que-blindam-flavio-podem-derrubar-eduardo Acesso em 30/03/20	
136.	-	Estou apaixonado Caí na sua teia Mas ela é chave de cadeia (...)	W132	Estou apaixonado Caí na sua teia Mas ela é chave de cadeia (...) "essa mulher é chave de cadeia!" Jogou o charme em mim Chamou minha atenção Deixou desatinado o meu coração Estou descontrolado Não sei o que ela quer Não sei o que faço por essa mulher	https://www.ouvirmusica.com.br/andre-mello-diego/1831912/ Acesso em 30/08/20	
137.	-	"É isso mesmo. Aqui o preso pode ter a chave da cadeia"	W133	Quem abre a portaria é um detento. "É isso mesmo. Aqui o preso pode ter a chave da cadeia", afirma Evangelista Lopes da Silva, presidente da unidade.	https://exame.abril.com.br/brasil/nesta-cadeia-presos-podem-ter-ate-a-chave-da-portaria/ Acesso em 30/03/20	
138.	-	(...) a esquerda colocou em marcha a política de chave de cadeia (...).	W134	Sob a moralidade pseudo esquerdista e com a desculpa de defender os direitos dos oprimidos, a esquerda colocou em marcha a política de chave de cadeia. Os problemas do mundo deixaram de ser problemas sociais e passaram a ser caso de polícia.	https://www.causaoperaria.org.br/pcdob-comemora-criacao-de-nova-policia-para-reprimir-o-povo/ Acesso em 30/03/20	
139.	-	(...) precisamos é de mais gente competente, idealista e honesta em postos chaves. (...)	W135	Mas o que precisamos é de mais gente competente, idealista e honesta em postos chaves. Infelizmente, ainda há muito mediocridade, falta de idealismo e incorreção.	https://www.oantagonista.com/brasil/precisamos-de-gente-mais-competente-idealista-e-honesto-em-postos-chaves/ Acesso em 07/01/20	
140.	-	(...) postos-chaves da Força.	W136	Jair Bolsonaro faz mudanças nas Forças Armadas, principalmente no Exército,	https://www.brasil247.com/regioais/brasil/bolsonaro-troca-mais-de-30-generais-novo-chefe-do-	

				em que foram trocados o chefe do Estado-Maior, os chefes dos Comandos Militares do Sul, do Sudeste e do Oeste, e de outros postos-chaves da Força.	estado-maior-foi-ministro-de-dilma Acesso em 07/01/20	
141.	-	(...) postos chaves estão pessoas de confiança de políticos que as indicaram	W137	Hoje, esse lamaçal está sendo devassado pela Operação Lava Jato. Mas há sempre uma fresta por onde se desvia o dinheiro. E isso ocorre porque nos postos chaves estão pessoas de confiança de políticos que as indicaram.	https://m.blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2019/12/17/politica-e-missao-nao-profissao-por-gaudencio-torquato/ Acesso em 19/12/19	
142.	-	(...) ao controlarem postos chaves dos programas sociais, tendem a ampliar qualitativamente sua força política	W138	Assim como as irmandades muçulmanas nos países de maioria islâmica, são experientes na construção de redes assistenciais de proteção social e, ao controlarem postos chaves dos programas sociais, tendem a ampliar qualitativamente sua força política.	https://www.brasildefato.com.br/2019/10/09/verdade-mesmo-amarga-sempre-se-traga Acesso em 19/12/19	
143.	-	Fator chave	W139	A Europa é o fator chave de mudança nos últimos 40 anos em Portugal. O euro, as auto-estradas, os fundos, o Erasmus, o roaming e é também a Europa que desenha a fórmula do futuro com os défices, a dívida...	https://rr.sapo.pt/noticia/152547/nao-mudar-os-niveis-de-abstencao-tera-implicacoes-muito-graves-em-10-anos Acesso em 29/05/19	
144.	-	(...) é um fator chave em nossa capacidade de alcançar o sucesso.	W140	As críticas do ex-funcionário fizeram o Facebook se posicionar publicamente. Em comunicado, o porta-voz Anthony Harrison afirmou que “o crescimento na representatividade de pessoas de grupos mais diversos, trabalhando em diferentes funções na companhia, é um fator chave em nossa capacidade de alcançar o sucesso”.	https://exame.abril.com.br/negocios/facebook-tem-problemas-com-negros-afirma-ex-funcionario-em-carta/ Acesso em 29/05/19	
145.	-	Mensagem chave	W141	E sabe qual foi a mensagem-chave? Entregar experiência é a diferença! Mas isso sabendo que, segundo estudos de mercado, os clientes querem ganhar tempo, ter a solução para seus problemas e ter uma experiência prazerosa que, naturalmente, leva ao engajamento. Mas, com um porém: não há mais apego a marcas!	https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/customer-experience-e-mais-do-que-resolver-problemas/ Acesso em 29/05/19	
146.	-	Problema-chave	W142	Qual que são os problemas que estão envolvidos nestas crises, que atingem inclusive	https://www.causaoperaria.org.br/rui-costa-pimenta-o-problema-	

				de maneira muito forte o próprio governo brasileiro? O primeiro grande problema que é o problema chave, é que nós estamos diante da tentativa de aplicar um plano de duro arrocho econômico de ataque as condições de vida das massas em condições de retração econômica.(...).	chave-e-que-a-economia-mundial-esta-estagnada/ Acesso em 29/05/19	
147.	-	Mobilidade urbana é “problema-chave” no Brasil.	W143	Mobilidade urbana é “problema-chave” no Brasil.	https://jornal.usp.br/atualidades/mobilidade-urbana-e-problema-chave-no-brasil/ Acesso em 29/05/19	
148.	-	Os 3 problemas-chave que a medicina teve de superar para tornar cirurgias seguras e eficazes.	W144	Os 3 problemas-chave que a medicina teve de superar para tornar cirurgias seguras e eficazes.	https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/05/16/os-3-problemas-chave-que-a-medicina-teve-de-superar-para-tornar-cirurgias-seguras-e-eficazes.htm Acesso em 29/05/19	
149.	-	Segundo o autor, a falta de dados não é uma dificuldade hoje em dia, mas o problema-chave é alcançar uma visualização rápida e correta dos dados que dizem respeito ao ambiente de negócios.	W145	Segundo o autor, a falta de dados não é uma dificuldade hoje em dia, mas o problema-chave é alcançar uma visualização rápida e correta dos dados que dizem respeito ao ambiente de negócios.	https://administradores.com.br/artigos/estrategia-o-ambiente-organizacional Acesso em 29/05/19	
150.	-	É com base nessa relação que você vai encontrar o problema chave do seu trabalho (ou problemas).	W146	Elabore uma lista com perguntas relacionadas ao tema do seu TCC. Considere todas as coisas que estão ligadas ao assunto e que realmente despertam a sua curiosidade. É com base nessa relação que você vai encontrar o problema chave do seu trabalho (ou problemas).	https://viacarreira.com/problema-de-tcc/ Acesso em 29/05/19	
151.	-	Testemunha-chave	W147	Morre testemunha-chave de processos contra Berlusconi.	https://istoe.com.br/morre-testemunha-chave-de-processos-contra-berlusconi/ Acesso em 29/05/19	
152.	-	Assistente virtual da Amazon, Alexa se torna testemunha-chave de um assassinato.	W148	Assistente virtual da Amazon, Alexa se torna testemunha-chave de um assassinato.	https://canaltech.com.br/seguranc/a/assistente-virtual-da-amazon-alexa-se-torna-testemunha-chave-de-um-assassinato-126839/ Acesso em 29/05/19	
153.	-	Momento-chave	W149	É por volta dos 30 anos, um momento-chave de suas vidas profissionais, que homens e mulheres costumam ter filhos.	https://epoca.globo.com/o-problema-das-garotas-23315727 Acesso em 29/05/19	
154.	-	Data-chave	W150	O jantar entre os presidentes no sábado foi uma tentativa de reduzir a tensão quando uma data-chave se aproxima. Em 1º de janeiro expira o prazo imposto por Trump para aumentar as tarifas sobre produtos chineses de	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/01/internacional/1543692343_559991.html Acesso em 29/05/19	

				cerca de 10% a 25%, cerca de 200 bilhões de dólares.	
155.	-	Assunto-chave	W151	Quando as missões tomam o seu lugar como o propósito principal da igreja em que existe realmente um espírito missionário, o ministro pode sentir a necessidade, vez após vez, de voltar ao assunto-chave, até que a verdade negligenciada, comece a dominar pelo menos alguns da congregação.	https://ejesus.com.br/a-chave-para-o-problema-missionario/ Acesso em 29/05/19
156.	-	Termo-chave	W152	Conheça o significado de termos-chave do caso de Brumadinho.	https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/30/entenda-o-que-e-minerio-de-ferro-rejeito-e-barragem.ghtml Acesso em 29/05/19
157.	-	Teste-chave	W153	A Dragon estava programada para realizar um teste-chave do seu sistema de aborto de emergência em junho. E sua primeira missão tripulada, que levará os astronautas Doug Hurley e Bob Behnken, foi programada para julho, apesar de a Nasa ter dito recentemente que o cronograma está sob revisão.	https://www.epochtimes.com.br/este-de-fogo-da-nave-espacial-dragon-da-spacex-apresentou-problemas/ Acesso em 29/05/19
158.	-	Erro chave	W154	Os erros-chave do PT na campanha contra Jair Bolsonaro.	https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45999040 Acesso em 29/05/19
159.	-	Aliado chave	W155	Bolsonaro se oferece a Trump como aliado-chave e relança cúpula conservadora latina.	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/22/politica/1542926678_898403.html Acesso em 29/05/19
160.	-	Chave-raiz	W156	Os provedores de internet precisam mudar a chave-raiz para reduzir os riscos de manipulação de dados. O usuário final não precisa tomar qualquer ação.	http://www.telesintese.com.br/daniel-fink-por-que-os-isps-devem-mudar-a-chave-raiz/ Acesso em 29/05/19
161.	-	Setor chave	W157	Durante a crise de abastecimento iniciada em 2016, Maduro também passou o controle da produção, importação e distribuição de alimentos para o Exército. Há graves acusações de corrupção envolvendo o controle dos militares desse setor chave na crise.	https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45909515 Acesso em 29/05/19
162.	-	Polícia Civil investiga suspeito de aplicar golpe da 'tetra-chave' em Juiz de Fora.	W158	Polícia Civil investiga suspeito de aplicar golpe da 'tetra-chave' em Juiz de Fora.	https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/policia-civil-investiga-suspeito-de-aplicar-golpe-da-tetra-chave-em-juiz-de-fora.ghtml Acesso em 28/05/19
163.	-	(...) uma chave para o nosso sucesso.	W159	É inevitável que, quando se fala tanto, alguma coisa acabe por passar, mas acima	https://www.tsf.pt/desporto/interior/nunca-fui-um-yes-man-rui-

				de tudo o que passou para a equipa, e o que os jogadores sentiram, foi a injustiça de se estar a por em causa os méritos que tinham dentro de campo. Isso acabou por fortalecer o grupo de trabalho e foi mais uma chave para o nosso sucesso.	costa-em-entrevista-exclusiva-10930550.html Acesso em 28/05/19	
164.	-	Chave de leitura	W160	Há uma outra chave de leitura sobre os protestos verde-amarelos: para o jornalista Alon Feuerwerker, os protestos mostraram que <u>há uma disputa dentro do bloco que elegeu Bolsonaro.</u>	https://www.brasildefato.com.br/2019/06/01/o-pacto-e-nos-gabinetes-mas-o-jogo-e-na-rua/ Acesso em 28/05/19	
165.	-	(...) usando a chave #deniedmyvote	W161	Estes problemas administrativos foram sentidos por europeus que usaram sobretudo as redes sociais para manifestar o descontentamento, usando a chave #deniedmyvote (negado o meu voto).	https://www.tsf.pt/especiais/europeias-2019/interior/europeias-comissao-eleitoral-britanica-atribui-problemas-dos-votos-europeus-a-falta-de-tempo-10933951.html Acesso em 28/05/19	
166.	-	(...) não pela chave do “líder totalitário” (...)	W162	Pode Hannah Arendt explicar o bolsonarismo? Sim, mas não pela chave do “líder totalitário”. Filósofa descreveu como ninguém a ignorância esmagadora dos “indiferentes” – agora potencializada pelas redes sociais.	https://outraspalavras.net/outras-midias/bolsonaro-arendt-e-a-ignorancia-esmagadora-dos-indiferentes/ Acesso em 28/05/19	
167.	-	Quando só o problema tem as chaves da solução (...)	W163	Quando só o problema tem as chaves da solução, a tendência da crise é perenizar, num processo de contaminação progressiva.	https://waltersorrentino.com.br/2017/06/12/quando-a-chave-para-a-solucao-esta-no-problema-a-tendencia-da-crise-e-perenizar-por-alon-feuerwerker/ Acesso em 28/05/19	
168.	-	Decreto do governo determinará CPF como ‘chave universal’ para uso de serviços públicos.	W164	Decreto do governo determinará CPF como ‘chave universal’ para uso de serviços públicos.	https://g1.globo.com/politica/blog/andrea-sadi/post/2019/01/30/decreto-do-governo-determinara-cpf-como-chave-universal-para-uso-de-servicos-publicos.ghtml Acesso em 28/05/19	
169.	-	(...) A ideia era simples: eu tenho um método ou chave que uso para “embaralhar” uma mensagem (...)	W165	Desde a antiguidade clássica, e talvez até antes, as pessoas usam criptografia para transmitir mensagens secretas. A ideia era simples: eu tenho um método ou chave que uso para “embaralhar” uma mensagem e só quem conhece este método ou mensagem conseguiria tornar esta mensagem legível novamente.	https://www.lambda3.com.br/2012/12/entendendo-de-verdade-a-criptografia-rsa/ Acesso em 28/05/19	
170.	-	(...) em decorrência de um problema numa	W166	As operações da Estação de Tratamento de Água (ETA) da Corsan em Cachoeirinha	http://www.corsan.com.br/problema-em-chave-eletrica-interrompe-operacoes-da-eta-de-cachoeirinha	

		chave de energia elétrica de alta tensão.		estão interrompidas desde o início da manhã de hoje, 25, em decorrência de um problema numa chave de energia elétrica de alta tensão.	Acesso em 28/05/19	
171.	-	Duas configurações específicas podem bloquear o som do seu iPhone: a chave lateral e a função "Não perturbe".	W167	Duas configurações específicas podem bloquear o som do seu iPhone: a chave lateral e a função "Não perturbe".	https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2017/07/iphone-nao-sai-som-veja-como-resolver-o-problema-no-celular-da-apple.ghml Acesso em 28/05/19	
172.	-	(...) Papa Francisco ofereceu sete chaves para acolher e integrar os migrantes em todo o mundo.	W168	Em sua mensagem para o Dia Mundial dos Migrantes e Refugiados, que será celebrado em 29 de setembro de 2019, o Papa Francisco ofereceu sete chaves para acolher e integrar os migrantes em todo o mundo.	https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-propoe-7-chaves-para-acolher-e-integrar-os-migrantes-60630 Acesso em 28/05/19	
173.	-	Nóis é chave e tira onda E se exploda quem não gostar (...)	W169	Nóis é chave e tira onda E se exploda quem não gostar (...)	https://www.letras.mus.br/danirusso/batendo-palma/ Acesso em 28/05/19	
174.	-	Personagem-chave	W170	Para dificultar mais ainda as coisas, Oliver Reed ("Os Três Mosqueteiros"), que interpretou um personagem chave, faleceu durante as filmagens e todo o ato final precisou ser reescrito às pressas.	https://cinemacomrapadura.com.br/criticas/543567/critica-gladiador-2000-ecoando-na-eternidade-classico/ Acesso em 28/05/19	
175.	-	Minha chave gira, mas a porta não abre (...)	W171	Minha chave gira, mas a porta não abre: como consertar uma fechadura emperrada	https://www.homify.com.br/livros_de_ideias/4782937/minha-chave-gira-mas-a-porta-nao-abre-como-consertar-uma-fechadura-emperrada Acesso em 28/05/19	
176.	-	<i>Você também já deve ter ouvido por aí que após virar a chave do carro é preciso esperar aquela luzinha da injeção eletrônica apagar para dar a partida, não é?</i>	W172	<i>Você também já deve ter ouvido por aí que após virar a chave do carro é preciso esperar aquela luzinha da injeção eletrônica apagar para dar a partida, não é? Isso é mais um mito relacionado aos automóveis!</i>	http://sigabemsc.com/mito-ou-verdade-deixar-injecao-funcionar-antes-de-ligar-o-motor/ Acesso em 28/05/19	
177.	-	Fui dar a partida no meu celta, mas a chave travou na ignição e o motor ficou em funcionamento com o motor de arranque	W173	Fui dar a partida no meu celta, mas a chave travou na ignição e o motor ficou em funcionamento com o motor de arranque...subiu uma fumaça do motor e um forte cheiro de queimado...o que pode ter acontecido?	https://www.maosoaauto.com.br/2015/06/motor-de-partida-os-4-defeitos-mais-comuns/ Acesso em 28/05/19	